



Coordenador Editorial
Jairo Carioca

Seja Reinvenção de uma
Masculinidade
em Crise
Homem

Copyright © 2021 by Editora Conquista Edição e Treinamento Ltda.
Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Conquista.

| | |
|------------------------------|--------------------------------|
| Diretora Editorial | Bárbara Chagas |
| Supervisão Editorial | Daihane Marques e Joyce Chagas |
| Coordenador Editorial | Jairo Carioca de Oliveira |
| Diagramação | Thiago Ribeiro |
| Capa | Nilton Teodoro |
| Revisão | Marcos Toledo |

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Seja homem: reinvenção de uma masculinidade em crise
Coordenação Jairo Carioca de Oliveira -- 1. ed.
-- Rio de Janeiro: Editora Conquista, 2021.

Vários coautores.

ISBN 978-65-86243-17-8

1. Ciências humanas e sociais 2. Masculinidade 3. Psicologia
4. Empreendedorismo I. Oliveira, Jairo Carioca de.

21-55085

CDD-305.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Masculinidade : Sociologia 305.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Em casos de eventuais danos ou perdas originados desta publicação, os mesmos não serão de responsabilidade da editora e dos autores.

(21) 2146-2592
www.editoraconquista.com.br

Coautores

Lucas Dourado Leão

Ana Freitas

Evandro Junior

Célia Penço

Cleber Rocha

Kaká Portilho

Thiago Ribeiro

Nathalie Drumond

Humberto Baltar

Lucimar Felisberto

Germano Soares

Sandra Pereira

Nelson Ferreira

Isabel Alcântara

Marcelo Medeiros

Valdemir Francisco da Silva Júnior

Ronald Lopes

Sérgio Afonso Júnior

Maicon Moreira

Grácia Monte Barradas

Claudia Freitas

Jairo Carioca de Oliveira



Sumário

| | |
|---|------------|
| <u>Lucas Dourado Leão</u> | <u>9</u> |
| <u>Masculinidade e psicanálise: (des)caminhos do vir a ser homem</u> | <u>10</u> |
| <u>Ana Freitas</u> | <u>17</u> |
| <u>As máscaras da histeria masculina: masculinidades frágeis</u> | <u>18</u> |
| <u>Evandro Junior</u> | <u>25</u> |
| <u>O homossexual e a construção de identidade singular: incessante busca de padrões estabelecidos socialmente</u> | <u>26</u> |
| <u>Célia Penço</u> | <u>33</u> |
| <u>O declínio da autoridade paterna e seus reflexos na sociedade: novos sintomas</u> | <u>34</u> |
| <u>Cleber Rocha</u> | <u>41</u> |
| <u>Século XXI: o homem entra na monogamia</u> | <u>42</u> |
| <u>Kaká Portilho</u> | <u>49</u> |
| <u>O silêncio do homem negro na voz de mulheres negras: uma análise da obra Ponciá Vicêncio</u> | <u>50</u> |
| <u>Thiago Ribeiro</u> | <u>57</u> |
| <u>Masculinidade e normalidade: questão para se pensar</u> | <u>58</u> |
| <u>Nathalie Drumond</u> | <u>65</u> |
| <u>Homem, provedor e empreendedor: o machismo estruturado e estruturante no meio empresarial</u> | <u>66</u> |
| <u>Humberto Baltar</u> | <u>73</u> |
| <u>Paternidade preta: masculinidades negras circunscritas</u> | <u>74</u> |
| <u>Lucimar Felisberto dos Santos</u> | <u>81</u> |
| <u>Empreendedorismo: possibilidade de encontro entre o empoderamento feminino e a masculinidade</u> | <u>82</u> |
| <u>Germano Soares</u> | <u>91</u> |
| <u>Febe, a diaconisa da igreja de cencréia e Paulo: cristianismo e masculinidade, um diálogo ou um dilema?</u> | <u>92</u> |
| <u>Sandra Pereira</u> | <u>101</u> |
| <u>Masculinidade normativa viril: o medo do homem não ser macho o bastante</u> | <u>102</u> |

| | |
|---|-----|
| <u>Nelson Ferreira</u> | 109 |
| <u>Homens e masculinidade: o novo homem em crise?</u> | 110 |
| <u>Isabel Alcântara</u> | 117 |
| <u>Morrendo como homem: reinvenção das formas de viver na masculinidade</u> | 118 |
| <u>Marcelo Medeiros</u> | 125 |
| <u>O homem expulso do paraíso: submissão às avessas</u> | 126 |
| <u>Valdemir Francisco da Silva Júnior</u> | 133 |
| <u>Mal-estar contemporâneo: a formação da masculinidade negra em um ambiente de hostilidade e medo</u> | 134 |
| <u>Ronald Lopes</u> | 141 |
| <u>Medo e angústia: breves considerações na (re)invenção de uma masculinidade em crise</u> | 142 |
| <u>Sérgio Afonso Júnior</u> | 149 |
| <u>Você acha fácil ser homem: se eu fosse você</u> | 150 |
| <u>Maicon Moreira</u> | 159 |
| <u>Masculinidade e trabalho: machismo e hierarquia corporativa</u> | 160 |
| <u>Grácia Monte Barradas</u> | 167 |
| <u>Os homens que não amavam as mulheres: violência doméstica e feminicídio</u> | 168 |
| <u>Claudia Freitas</u> | 175 |
| <u>Eu sou o homem de ferro: resistência masculina na saúde do homem</u> | 176 |
| <u>Jairo Carioca de Oliveira</u> | 183 |
| <u>Diálogo entre a teologia e a psicanálise: uma reflexão sobre amizade entre homens no evitamento da depressão</u> | 184 |

Prefácio

O homem está em crise?

Mulheres sangram e, assim, são lembradas, pelo seu corpo, de sua condição de ser mulher. O corpo não deixa esquecer. O homem, porém, não tem nenhum evento corpóreo que lhe traga memória de sua condição masculina; ele fica na dependência de ritos sociais e culturais que cumpram essa função.

Infelizmente, na sociedade contemporânea, esses ritos de iniciação masculina se perderam. Segundo Bourdieu, é na família que são ensinados os primeiros modelos sociais de comportamento masculino.

As instituições também contribuem com esse modelo, supervalorizando o homem em sua essência, e, no meio de tudo isso, a sua participação no convívio e nas interações sociais, orientados por diversas regras, sustentando cada vez mais o mito da homogeneidade masculina.

Por outro lado, de acordo com a ativista feminista Camille Paglia, o feminismo foi duro demais com os homens; “As mulheres pedem aos homens que eles sejam o que não o são e, quando eles se tornam o que não são, elas não os querem mais”. Isso os coloca numa verdadeira crise.

Existem muitos assuntos a serem discutidos na construção social masculina e é este o nosso objetivo, aprofundar tal debate através da pluralidade de abordagens e de olhares, passando pela filosofia, sociologia, psicologia, teoria literária, psicanálise, teologia, etc., com temas diversos que não propõem extinguir o assunto, mas instigar o tema para que outros trabalhos sobre o homem possam surgir, afinal, este é o nosso desejo, que as masculinidades possam ser pensadas como ainda relevantes em tempos líquidos.

Jairo Carioca de Oliveira

Coordenador Editorial





Lucas Dourado Leão

CRP 10/06016



(91) 98319-3470



contato@lucasdourado.psc.br



@psilucasdourado



www.lucasdourado.psc.br

- Psicólogo e Psicanalista;
- Especialista em Teoria Psicanalítica;
- Especialista em Saúde Mental;
- Aprimoramento em Psicologia Clínica – Psicanálise;
- Responsável Técnico do Instituto Fortiori de Pesquisa em Saúde e Educação;
- Coordenador do Projeto de Extensão Psicologia nas Ruas;
- Coordenador Adjunto do Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade (GDUCC) no Hospital Geral Penitenciário do Pará e CTM-2 com a população LGBTQI+;
- Experiência em atendimentos psicoterapêuticos de base psicanalítica e avaliação psicológica de crianças, adolescentes, adultos e idosos.

Masculinidade e psicanálise: (des)caminhos do vir a ser homem

Esse trabalho tem como objetivo localizar, junto a alguns recortes da história da masculinidade no Ocidente, elementos que contribuem para uma visão de masculinidade na psicanálise e nos estudos de gênero. Utilizando a noção de homem como método, os estudos de Jacques Lacan (1967-1973) comportam uma valorização da dimensão histórica como desenvolvimento posterior das fórmulas da sexuação. Assim, procura também demonstrar a partir da construção histórica das representações da masculinidade e virilidade para a sustentação das construções de masculinidades na atualidade e suas performances.

O dito “Seja homem!”, como título desta coletânea de trabalho multidisciplinares sobre a questão das masculinidades na atualidade, aproxima-se a uma interpelação realizada a diversos sujeitos no decorrer de sua vida. Interpelação que se aproxima a ordem, ao dever ser e até mesmo a um papel que deve ser exercido por todos esses sujeitos assim denominados homem. Ora, o que é o homem? A pergunta suscita ambiguidade pela semântica na linguagem. O termo homem, no discurso, pode tanto referir-se ao ser humano em geral, embora bastante questionável, quanto a esse ser humano adulto do sexo masculino pertencente a uma determinada espécie. Segundo Lacan:

É divertido que, depois de setenta anos de psicanálise, ainda não se tenha formulado nada sobre o que é o homem. Refiro-me ao vir, ao sexo masculino. Não se trata aqui do humano e outras patacoadas sobre o anti-humanismo e toda essa baboseira estruturalista, trata-se do que é um homem (1968/1969, p. 382).

Há uma dimensão problemática na discussão da masculinidade ao nos depararmos com um quadro complexo nas diferenças sexuais, as tensões entre semblante e essência, corpo e mente, escolha objetal e identidade sexual e cultura e natureza, ganham forma e mais detalhes nos fenômenos contemporâneos e seus modelos explicativos. Seja na direção de movimentos e de grupos que lutam por direitos sexuais, reivindicação e visibilidade de um grupo marginalizado, seja em um viés de “resgate a masculinidade patriarcal” como anunciam alguns grupos, em sua maioria religiosos, que buscam em grandes eventos resgatar uma posição prioritária das relações cisheteronormativas.

Badinter (1992) defende a existência de crises das masculinidades durante a história com traços em comum: iniciam-se em países de civilização requintada, nas quais mulheres gozam de maiores liberdades e nas alterações ideológicas, econômicas e sociais. Como exemplo, as Preciosas na França, ou na crise da masculinidade britânica ocorrida entre 1688 e 1714, demarcam a influência do feminino e ameaça que esse representa ao masculino dominante. A emancipação feminina torna os homens “ameaçados em sua nova identidade por esta nova criatura que quer fazer como eles, ser como eles” (BADINTER, 1992, p. 30). Não muito diferente do contexto atual e das reivindicações ocorridas nas últimas décadas, as quais cada vez mais garantem direitos, sejam eles jurídicos, sejam performáticos.

Faz-se importante apresentar um breve recorte da masculinidade no ocidente, exercício feito para identificar alguns modelos de representação de homem, da virilidade ou da masculinidade. Cabe apontar, virilidade, a partir da tradição francesa, como um conjunto de comportamentos ligados a bravura, controle das emoções, heroísmo e não se resumiriam a masculinidade. Masculinidade seria um campo de estudos majoritariamente anglo-saxão ligado à história das mulheres e aos feminismos. Essas características precisam ser lidas de formas diferentes, pois, em cada momento histórico, constrói-se um ideal de homem ontológico e universal.

Iniciemos a partir das representações históricas nos gregos. “O discurso grego sobre a virilidade, ou seja, o conjunto de traços e comportamentos próprios a um homem, mostra mais uma construção ideológica do que a observação antropológica” (SARTRE, 2018, p. 19). O caráter de virilidade possuía tonalidades sociais e havia uma separação entre os gêneros a partir da educação. A formação do homem era guiada pelo desenvolvimento intelectual e físico. Na polaridade entre Espartas e Atenas, a primeira visava a formação do guerreiro completo, enquanto Atenas descolava-se a Andreia (aquele, seja homem ou mulher, que possui um caráter guerreiro e de força) de seu contexto militar. Assim, “(...) valoriza outros aspectos do comportamento masculino, como o domínio da fala política, outra forma de dominação viril” (SARTRE, 2018, p. 33). O processo de iniciação dos homens era a partir da pedagogia homossexual (BADINTER, 1992), dispositivo de masculinização para um controle e permanência no lugar de mestre dos desejos e prazeres.

A representação e os costumes dos gregos em relação ao caráter formado da virilidade é retratado pela superioridade masculina, em geral,

desqualificando o feminino mais do que exaltando o masculino. Faz-se importante notar o discurso de “desvalorização das mulheres se revela mais fácil de sustentar e desenvolver do que a construção de um modelo de virilidade fundado sobre os valores masculinos positivos” (SARTRE, 2018, p. 43). Tal desvalorização também permanece na cultura romana por mais que a mulher possuísse “um estatuto significativamente superior àquele da mulher grega” (THUILLIER, 2018, p. 109).

O homem romano sentia-se ameaçado pela virilidade dos bárbaros, figuras estas que transitaram de vizinhos a invasores estabelecendo suas raízes por quase toda a Europa. Nessa relação, o bárbaro se posicionaria alheio à escrita e ao luxo, assim encarnando um ideal de perfeição masculina (DUMÉZIL, 2018). Para os romanos, os bárbaros eram considerados *viris* por sua relação com a guerra. “A virilidade bárbara era também reconhecida em contraste aos rostos lisos dos romanos: a barba evocava nestes a imagem seja de uma falta de urbanidade, seja a de uma moleza e feminidade dos antigos gregos.” (AMBRA, 2013, p. 73). Os excessos das práticas poligâmicas, adultérios, orgias, da sociedade romana, eram vistos com extrema ressalva, visto que ceder aos charmes femininos era também feminizar-se. Assim, era comum manter a reputação de não praticar o adultério, muito menos tolerá-lo. Na formação dos filhos, dos pais era esperada proteção da família e a criação de guerreiros, e das mães o cultivo do seio da família e preservação da memória dos que partiram – a narrativa da família.

Ao realizarmos um salto histórico, já que não se trata do intuito desse trabalho percorrer de forma complexa a história da masculinidade, em partes abrindo margem a uma extensão e importância discussão sobre o homem no ocidente. Mas sim, retratar esse sujeito homem histórico apresentado no discurso. A dinastia carolíngia no mundo franco tratará alterações na representação dos sexos, já que, no século VIII, o poder feminino era considerado perigoso e, por isso, o estado só poderia ser dirigido por um homem.

O modelo freudiano serve aqui para pensarmos a tensão entre impulsos e civilização, sendo constitutiva para os sujeitos, a partir da teoria das pulsões. Assim, “a origem do mal estar na civilização é nada mais nada menos que a própria civilização” (METZGER; SILVA JUNIOR, 2010). Ainda sobre a história da masculinidade, é possível pensar que os processos civilizatórios lutam constantemente contra os processos descivilizadores

como parte da dinâmica da modernidade (FORTH, 2008). O homem viril, em sua definição de homem cidadão ou virtuoso, foi forjado entre uma relação e tensão da positividade a uma negatividade.

Biet (2018) pontua sobre a transformação da mulher em um símbolo de dominação masculina, no qual a virilidade eleva e deixa a mulher num lugar de inocência e ignorância para melhor controlá-la. Assim, mantendo uma identidade hegemônica, conceito esse proposto por Robert Connell. “Ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não ser organicamente um ou o outro de dois sexos incomensuráveis” (LAQUEUR, 1992, p. 19).

Bourdieu (2007, p. 45) afirma que “o privilégio masculino é também uma armadilha [...] que impõe a cada homem o dever de afirmar em toda circunstância sua virilidade”. Assim, o homem também deve responder à questão do que é ser homem nesse discurso que o entrelaça, pois é possível observar cada vez mais na modernidade, seu entrelaço com o que definiria homem, gerando angústia e violência na impossibilidade de sustentar-se nesse discurso.

Lacan apresenta uma importante distinção na sobreposição dos homens à neurose obsessiva e das mulheres à histeria, para além da prevalência numérica das neuroses nos sexos biológicos, é da *Vorstellungsrepräsentanz* (representante da representação) mulher governando cada relação de sujeito histórico com a linguagem. Sendo, na neurose obsessiva, a função exercida não pelo homem, mas pelo Senhor/Mestre. Tomemos como *Vorstellungsrepräsentanz* homem e mulher como referências de sujeitos falantes, em função do falo. A nível inconsciente, os sujeitos reconhecem-se sem os semblantes masculinos ou femininos, mas irão posicionar-se em relação à mulher ou ao Senhor/Mestre. Na posição freudiana, a pulsão não deve ser compreendida a partir do objeto, mas sim a função que assumirá na montagem sexual do sujeito.

Caso homem e mulher possam ser apresentados como *Vorstellungsrepräsentanz* em lugar de determinações biológicas ou de identidades de gênero, poderiam estas mesmas representações serem influenciadas social ou discursivamente? (AMBRA, 2013, p. 34).

Para Lacan (1969/1970), “o homem, o macho, o viril tal como o conhecemos é uma criação de discurso – nada, pelo menos, do que dele se analise, pode ser definido de outra maneira” (p. 57). Essa compreensão lacaniana

de masculinidade abre diálogos frutíferos junto às vertentes históricas e sociais dos *Men Studies*. Ressalto aqui essa constatação ligada à teoria do sujeito em Lacan entre 1967 e 1971, na qual o sujeito é mergulhado e determinado discursiva e historicamente. Assim, “toda a formação do homem é feita para responder, mantendo, contra tudo e contra todos, o status de seu semblante” (LACAN, 1971, p. 33).

Lacan (1968/1969) ao trabalhar a inexistência da relação sexual, afirma que a relação do homem com a mulher é constituída a partir do parecer-homem [*faire*], ou seja, seu semblante. Semblante este vinculado por um discurso, “o semblante do que se chama um homem e uma mulher” (LACAN, 1971/1972, p. 36). Estando vinculado por um discurso, faz-se importante pensar as diferenças sexuais com base no laço social e do reconhecimento.

Se há alguma coisa que eu gostaria de fazer vocês notarem, é que essas fórmulas ditas quânticas da sexuação poderiam se exprimir de outra forma, e isso talvez permitisse avançar. Eu vou dar a vocês o que disso se implica. Isso poderia se dizer assim: ‘o ser sexual só se autoriza de si mesmo’. É nesse sentido que... que ele tem a ‘escolha’. Quero dizer que isto a que a gente ‘se limita’, enfim, para ‘classificar’ como ‘masculino’ ou ‘feminino’ no registro civil... enfim, isso... isso não impede que haja escolha. Isso, certamente todo mundo sabe. ‘Ele não se autoriza senão por ele mesmo’ e eu acrescentaria: ‘e por alguns outros’ (LACAN, 1974, p. 187).

Assim, são apresentados a uma inscrição cultural, com significações e estilização do corpo, configurando-se a partir da repetição de atos e textos (BUTLER, 1999). Butler (1994) apresentará o sujeito da performance como os diferentes usos da linguagem, ou seja, o gênero performativo. “A linguagem e a lei que regulam o estabelecimento da heterossexualidade [e da virilidade] são como uma identidade, como uma instituição, como uma prática, um sistema, são a linguagem e a lei a defesa e a proteção” (FUSS, 1999, p. 115).

Existem diversas formas discursivas das masculinidades levando em consideração a normatividade cultural. Para além, o espaço marginal pode ser dividido entre as identidades capazes de performatizar um tipo aceito pelo que é estabelecido. A nomeação de sujeitos homens estabelece um embate sobre essa vivência e como é possível adequarem-se ou não ao que está sendo esperado a partir do corpo biológico. Cria-se uma divergência entre a expectativa cultural para uma identidade masculina e sua performance de gênero que definirá quais espaços há uma circulação e o nível hierárquico entre as demais masculinidades.

Retomo a pergunta inicial: o que é o homem? É a partir do momento que entendemos essas construções do que se foi e do que se é que podemos pensar a posição subjetiva desses sujeitos no discurso. Esse homem narrado pela história, mas, agora, tendo essa mesma história reivindicando outra coisa dele. A crise da identidade masculina é, ao mesmo tempo, uma crise das representações presentes no imaginário social sobre o que é ser homem e uma crise às suas identificações. Ora, pensarmos a partir da *Vorstellungsrepräsentanz* tornaria o sexual próximo a uma heteronormatividade, ainda próximo a uma construção do homem viril apresentada nos recortes históricos propostos aqui.

Entretanto, o que podemos comportar dentro da história e das construções atuais a partir dos avanços dos chamados estudos de gênero? Cada vez mais, torna-se intolerável a presença de uma figura de homem apresentada por uma lógica patriarcal e com resquícios de violência. Deparados com uma performance social que ainda representa o homem ligado à força e ao excesso de trabalho, mas exige estar em frente ao reconhecimento de uma diferença sexual, do papel do feminino para além das desvalorizações impostas cria-se uma ruptura. Fazendo-se necessário outros arranjos psíquicos. O patriarcado representa um ideal inalcançável e seus papéis de masculino e feminino inseridos nessa estrutura denunciam a fragilidade do lugar do homem, que quando questionado, vem abaixo facilmente. Assim, faz emergir diversas barreiras de defesa, muitas delas com violência e vigor para garantir um lugar que não é seu.

Podemos considerar o reconhecimento das masculinidades (variáveis e plurais) a partir dos recortes históricos aqui apresentados, de modo a reconhecer o objeto não da forma como fora apresentado na história e na realidade, mas nos vazios em que ele pode se construir. Incitou-se a pensar o homem a partir do discurso realizado nele e por ele, como estratégia de reconhecimento da importância política e social das questões de gênero na modernidade. Sendo esse apenas o início de uma longa discussão que está longe de esgotar-se.

Referências

- AMBRA, P. E. S. **A noção de homem em Lacan**: uma leitura das fórmulas da sexuação a partir da história da masculinidade no Ocidente. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BADINTER, E. **XY**: a identidade masculina. Porto: Edições Asa, 1997.
- BIET, C. Equivocidade de gênero e experiência teatral. *In*: VIGARELLO, G. (Org.). **História da virilidade**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DUMÉZIL, B. O universo bárbaro: mestiçagem e transformação da virilidade. *In*: VIGARELLO, G. (Org.). **História da virilidade**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- FORTH, M. **Masculinity in the modern West: gender, civilization and the body**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.
- FUSS, D. Dentro/Fuera. *In*: **Feminismos literários**. Madri: Arco Libros, 1999.
- LACAN, J. (1968/1969). **O Seminário, livro 16**: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LACAN, J. (1969/1970) **O Seminário, livro 17**: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- LACAN, J. (1971) **O Seminário, livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- LACAN, J. (1971/1972) **...ou pior Seminário XIX**. Salvador: Espaço Moebius Psicanálise, 2003.
- LACAN, J. (1973/1974). **Les non-dupes errent**. Paris: AFI, 2000.
- LAQUEUR, T. (1998). **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- METZGER, C.; SILVA JUNIOR, N. **Sublimação e pulsão de morte**: a desfução pulsional. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 21, n. 3, set. 2010.
- SARTRE, M. Virilidades Grega. *In*: VIGARELLO, G. (Org.). **História da virilidade**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- THUILLIER, J-P. Virilidades romanas. Vir, virilitas, virtus. *In*: VIGARELLO, G. (Org.). **História da virilidade**. Petrópolis: Vozes, 2018.



Ana Freitas

CRP 05/33448



(21) 96605-7457



acfa.psi@gmail.com



@anafreitas1303



<https://www.facebook.com/ana.freitas.5059>

- Psicóloga Clínica;
- Palestrante;
- Professora de Pós-graduação no Centro Universitário Celso Lisboa no Curso de Terapia Cognitiva-Comportamental – TCC;
- Professora do Curso de Formação em Terapia Cognitiva-Comportamental no IBH - Instituto Brasileiro de Hipnose;
- Professora de Educação Inclusiva, Mediação Escolar, Psicologia do desenvolvimento, Autismo e Educação, Psicomotricidade;
- Professora no curso de formação em Psicanálise no Instituto Sinapses;
- Doutoranda em Psicologia pela *Universidad de Ciencias Empresariales e Sociales UCES*, Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental, anos iniciais e infantis, intervenção ABA para autismo e Deficiência Intelectual pelo *CBI of Miami*, Neuropsicologia e Gestão de Recursos Humanos;
- Graduanda em Pedagogia pela UERJ.

As máscaras da histeria masculina: masculinidades frágeis

O conceito de masculinidade, que define o homem como forte, viril, provedor, dominante, superior e sem acesso aos seus sentimentos e subjetividades, atualmente, está sofrendo mais transformações e trazendo muita angústia e ansiedade.

Em uma pequena viagem no tempo, podemos encontrar um grupo social regido pelo patriarcado onde as relações afetivas e a geração de vidas davam às mulheres uma posição de destaque e valorização. Nessa época não havia delimitações entre o privado e o grupo, e as relações interpessoais e afetivas eram mais livres, pois praticava-se a poliginia (um homem tinha duas ou mais esposas) e a poliandria (uma mulher ligada a dois ou mais maridos ao mesmo tempo), sem o peso da superioridade masculina como única e exclusiva.

Por questões de sobrevivência da espécie, lutas por território e mudanças climáticas, o homem começa a se distanciar de uma condição igualitária para uma posição de destaque, em que sua força física é exigida de maneira fundamental. Anteriormente, a alimentação era baseada em frutos e vegetais ofertados pela natureza, sem a necessidade de um cultivo ordenado e de caça de animais. Isso fazia com que todo o grupo, independentemente de gênero ou idade, tivesse fácil acesso aos alimentos. Conforme essa condição foi ficando escassa, uma nova prática surgiu, a caça de animais de grande porte, com um risco maior de dano físico e até morte. Isso fez com que os homens assumissem papel de destaque.

Como resultado dessa transformação, aterrissamos em uma época com uma nova estrutura de grupo, em que havia cultivos realizados com técnicas mais aprimoradas, território privado e público bem mais delimitado e demarcado devido ao crescimento e acúmulo de riquezas. Com isso, aparece uma estrutura familiar patriarcal, baseada na monogamia. Assim, a filiação passa a ser reconhecida na linhagem masculina ao mesmo tempo que as mulheres e as crianças são submetidas ao domínio do homem para evitar perdas e divisões de riquezas. Poder que, na poliandria, pertencia às mulheres, pois a filiação podia ser apenas rastreada por linhagem feminina, o que dava às mulheres importante respeito por total poder feminino, a “ginecocracia” e não havia o conceito de “riqueza de bens” de maneira mais individualizada, e tudo era compartilhado por todos.

A partir disso, há uma divisão de papéis bem próxima do que conhecemos hoje, dividido entre papel superior (homem forte e quase indestrutível) e inferior (mulher frágil que precisa ser protegida), público (homem caçador, provedor, trabalhador externo) e privado (mulher organizadora da casa, cuidadora dos filhos e do homem provedor), razão (comportamento objetivo, ações firmes e duras) e sentimentos (comportamento afetuoso, ações mais maternas e menos racional). Como consequência, temos um universo partido e muito duro para ambos lados. As mulheres, em sua esfera restrita, são impedidas de ultrapassar os muros da vida doméstica, de estudar e de ter voz na sociedade, limitadas a apresentar sua capacidade racional e sua inteligência de forma mais ampla. Por outro lado, os homens se autoimpedem de fazer contato com o seu lado emocional, que é considerado como algo pertencente ao universo feminino, ou seja, frágil.

Nessa direção, entendemos que o homem precisa percorrer sempre na mão contrária a tudo que se refere ao feminino, de modo a garantir que não haja uma conotação de fragilidade, trazendo mais respeito social e valor para suas atitudes. Isso traz um peso extremado para construção da identidade masculina. Alguns estudos sobre gênero apontam que é mais complexo a construção de um homem do que uma mulher desde a sua constituição biológica até a sua fase viril, devido a uma maior exposição aos perigos e percalços. Iniciando no útero materno, os embriões/fetos masculinos possuem mais dificuldade para sobreviver do que os femininos por causa do cromossomo X (as mulheres cromossomos XX e os homens XY), que contém os genes que ajudam a prolongar a vida, segundo o professor David Gems, do *University College London*. Por ter um par de cromossomos X, as mulheres têm uma “cópia de segurança” caso um deles apresente algum defeito. O cromossomo X é tão importante que as aves macho têm duas cópias desse cromossomo e costumam viver mais do que as fêmeas. Uma professora da Universidade *Exeter*, no Reino Unido, diz que os bebês masculinos possuem entre 20% e 30% mais chance de morrer na última etapa da gravidez, assim como também têm 14% mais chances de nascer prematuramente, porque eles tendem a ser maiores e sofrem um maior risco de lesões durante o parto.

Saindo da linha biológica, passamos para a linha psíquica, em que o macho bebê nasce com a carga sobre si de afirmar-se como não fêmea e manter-se distante de qualquer situação que o aproxime de uma feminilidade.

Olhando para trás e vendo a construção do homem até os dias atuais, percebemos pequenas mudanças comportamentais e um movimento lento, criando um acúmulo de conflitos em ambos os universos, mas com uma diferença: os homens estão expressando de uma forma tímida, mesmo que seja pela dor, seu desconforto psíquico com a falta de um referencial identitário masculino a ser seguido (masculinidade hegemônica – está colocada nos modelos tradicionais e dos predicativos da personalidade do homem, quais sejam, “machista, viril e heterossexual”).

Já na Segunda Guerra Mundial – com a maior inserção das mulheres em postos de trabalhos – e no final da década de 1960 – com o advento da pílula anticoncepcional –, permitiu-se uma alteração no comportamento monogâmico, imposto, anteriormente, como forma de regulação de riquezas e controle da linhagem masculina, voltando a libertar as mulheres para práticas sexuais mais livres, lutas mais amplas por direitos mais igualitários (faixas salariais) e reposicionamento de papéis. Todo esse movimento empurrou o homem para fora de seus limites conhecidos de masculinidade, fazendo com que os homens buscassem um modelo que pudesse atender seus interesses e descrevê-los, surgindo assim o conflito identitário (modelo atual – masculinidade hegemônica – tradicional, reconhecido e praticado pelos homens *versus* a um novo modelo ainda não definido, porém exigido e trazendo sofrimento psicológico).

Vale salientar que esse conflito tem uma variável bastante intrigante que torna tudo muito confuso para os homens: a “mulher”, a mesma que exige mudança, é a que ajuda a perpetuar a masculinidade hegemônica fazendo a manutenção do papel sociocultural e da formação das primeiras subjetividades do futuro homem.

Então, quem é o homem na contemporaneidade? Quais são suas dificuldades diante desse cenário em que, cada vez mais, os movimentos empurram o modelo masculino hegemônico para fora da esfera da aceitação, admiração e desejo para um novo papel social? Quais são suas subjetividades, que sempre foram colocadas de lado? Porque homem não chora, não sente, homem não pode sofrer, homem não pode mostrar fraqueza, pois pode perder o respeito social e ser arremessado a uma posição feminina.

Aos homens, é dada a rua, suas possibilidades e perigos sem negociação, o que, aos olhos das mulheres, é um privilégio, porém, analisando

isso bem de perto, vemos o sujeito lutando para manter um estereótipo ditatorial para se afirmar como macho, sendo roubado o seu direito de escolher outro modelo para vivenciar.

Em minha experiência como psicóloga, nessa caminhada de 17 anos em consultório, venho acompanhado o crescimento por busca de acolhimento psicológico por homens. Dentre as demandas que apresentam, existe uma que os deixa muito perdidos: o que a sociedade e a mulher querem de mim? Mesmo para realizar essa indagação, levam tempo por não terem palavras em seu próprio vocabulário para notificar suas próprias dores.

Então, o primeiro trabalho é o que chamo de alfabetização de emoções e sentimentos. Para melhor exemplificar, façamos uma correlação entre sentimentos e emoções (primárias, secundárias e de fundo) com uma paleta de cores (primárias, secundárias e terciárias) em que eles reconhecem no máximo as cores secundárias e os sentimentos podemos considerar como o grau mais elevado dessa alfabetização.

Conforme o quadro anexado, as mulheres poderiam descrever um momento de suas vidas com a maior riqueza detalhes de seus sentimentos e emoções, sem repetir alguma especificação, ao passo que os homens teriam um relato curto, pobre e, por vezes, sem sentido para quem os ouve. Por isso, as emoções primárias e secundárias (alegria, raiva, culpa e vergonha) são as mais fáceis de se descrever, pois são geradas no cérebro, através de reação ao um estímulo ambiental, e sentidas no corpo, logo são concretas concreto e de rápida codificação e curta duração, ao contrário dos sentimentos, que são o resultado de uma emoção e possuem longa duração.

Como o sentimento é o resultado de uma emoção, e de difícil descrição e reconhecimento pelos homens, é o gerador de angústia. Mas o que é angústia no universo masculino? É um desconforto, uma inquietude, uma agitação, que são expressas através das dores de cabeça, na coluna, dores estomacais, acessos de raiva, insônia e impotência sexual; em suma, expressões comportamentais e somatizações.

Com esse processo de alfabetização concluído, esse, que antes não conseguia informar do que sofria, e se apresentava rijo, pesado, fechado, confuso, desliza sobre um discurso mais fluido e libertador sobre as dores e subjetividades há tempos oprimidas.

Para traduzir todo esse processo narrado até aqui, apresentarei uma expressão da crise masculina, a de não saber qual é o seu papel diante da mulher e da sociedade e o medo estarrecedor de se encontrar e ser comparado com tudo que se refere ao feminino.

Imaginem um casal, quinze anos de casados, ambos com 40 anos de idade, estáveis profissional e financeiramente, duas filhas gêmeas de dois anos de idade. Ela, executiva na área financeira de uma empresa de grande porte. Ele, engenheiro civil em uma construtora de grande porte.

Ela, desde pequena, foi considerada menina inteligente, forte, decidida, criada em uma família progressista segunda sua narrativa. Nunca questionada em sua feminilidade. Ele, menino calmo, introvertido, adorava ler gibis, cozinhar, poucos amigos. Desde do namoro, ele expressava o desejo de ser pai, ao contrário dela, que mostrava todo seu desejo de crescimento profissional antes de qualquer coisa que a remetesse a vida doméstica.

Sob olhares orgulhosos de amigos e familiares, eram considerados o casal perfeito e que deu certo. Como podemos ver, ambos atuam em ramos ditos “masculinos”. O casal chega até o consultório por insistência dele com a queixa de estar insustentável a relação, pois não se entendiam mais depois do nascimento das filhas, pois não concordavam com a dinâmica da casa; além disso, segundo ele, ela não ligava mais para nada e ele era apontado com o “chato” e “reclamão”.

Depois de uma sequência de sessões, pude confirmar minha hipótese sobre o conflito vivido pelo casal. Era fato que continuavam a se amar, desejam continuar casados, porém, estavam em conflitos em seus próprios papéis o que resvalava na relação. E quais eram esses conflitos? Era como estivessem em papéis trocados e não se davam conta. Para aumentar a percepção de dificuldade na relação, havia o peso que a sociedade impunha sobre ser “mulher” e ser “homem”. Lembrando que a sociedade define e reparte, de forma binária, ser mulher e homem, onde cada um deve atuar, e manda que esqueçam suas subjetividades. Para melhor explicar toda essa bagunça, devemos entender que existe masculinidade e feminilidade, e estas são encontradas nos seres humanos, mas em formas e graus diferentes.

Nele se encontrava um grau de feminilidade, pois desejava trabalhar em regime *home office* para acompanhar mais de perto o desenvolvimento de suas filhas gêmeas (e o seu trabalho o permitia essa adaptação); enquanto nela encontrava-se um grau de masculinidade que a fez cumprir o papel

de maternagem dentro seu próprio limite e não o ditames sociais. Ambos apresentavam períodos alternados de somatização (dores no corpo, dores de cabeça, náuseas, irritabilidade, baixa libido entre outros).

Enfim, o grande impasse: ele não encontrava apoio no seu desejo de estar em casa e cuidar das filhas e sofria com o que hoje chamamos de “*bullying*” por parte dos amigos e parceiros de trabalho, que diziam que isso não era função do homem, e se sentia estranho nos encontros. Na mão contrária, ela também achou uma “loucura” ela sair para trabalhar e ele ficar em casa com a filhas (internamente ela ouvia que ele não queria mais trabalhar e ser sustentado por ela) e tal mal-estar se confirmou quando expôs a condição à mãe e às amigas e aos amigos. Vejamos que ainda nos deparamos com uma parte da sociedade fazendo a manutenção de papéis de forma radical e não respeitando as subjetividades.

Em suma, os homens estão muito perdidos e confusos em relação a como deve se agir em sociedade, pois a demanda também se apresenta confusa: mulheres desejando um novo homem e mulheres mantenedoras do patriarcado mesmo quando elas estão atuando em espaços masculinos.

Homens: gritem, chorem, falem, sintam suas necessidades reais e individuais. Libertem-se!

| CORES | | | EMOÇÕES | | | SENTIMENTOS Mulher |
|-------------------------------|---------------------------------|--|--|---------------------------------|--|---|
| Primárias Mulher/ homem | Secundárias Mulher/ homem | Terciárias Mulher/ | Primárias Mulher/ homem | Secundárias Mulher/ homem | De fundo Mulher | Amor Decepção Felicidade Compaixão Ódio Inveja |
| Azul Amarelo Vermelho | Verde Laranja Roxo | Azul Esverdeado Amarelo Alaranjado Vermelho Arroxeadado | Alegria Surpresa Raiva Pânico | Vergonha Culpa Nervosismo | Bem ou mal-estar Calma Angustiado | |

Fonte: elaborada pela coautora.

Referências

BADINTER, E. **XY Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BORIS, G. D. J. B.; BLOC, L. G.; TEÓFILO, M. C. C. Os rituais da construção da subjetividade masculina. *In: Revista do PPG em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará*, Ceará, n.19, jan./jun. 2012.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GAMA, J.; LYRA, J.; PIMENTEL, A. P. **Os modos de subjetivação masculinos no mundo contemporâneo**. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2015.

KIRSCH, D. **A crise do masculino**. Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, 6 jun. 2018. Disponível em: <https://cppc.org.br/noticias/a-crise-do-masculino-por-dieter-kirsch.html>. Acesso em: dez. 2020.

MONEY, J.; EHRHARDT, A. A. *Man and woman. Boy and girl*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1982

NOLASCO, S. A. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SOUZA, M. F. **As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s)**. Londrina: Mediações, 2009

SILVA, S. G. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *In: Psicol. cienc. prof*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 118-131, 2006.

Expectativa de vida: por que as mulheres vivem mais do que os homens? BBC/G1, 5 fev. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/02/05/expectativa-de-vida-por-que-as-mulheres-vivem-mais-do-que-os-homens.ghtml>. Acesso em: dez. 2020.



Evandro Junior

CRP 21/00086



(86) 99408-7388



evandro-moreira@hotmail.com



@evandromamedemore



Evandro Junior

- Graduação em Psicologia (Bacharel, Licenciatura e Psicólogo) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC Goiânia;
- Especialização em Docência do Ensino Superior - Artigo: A linguagem do Adolescente em sua Formação Universitária: Inter jogo de papéis, afetos e cognição. FAP, Parnaíba, Piauí;
- Curso de Formação em Tanatologia, CTAN;
- Curso de Formação Psicanalítica – Centro de Estudos Psicanalíticos Jairo Carioca (em andamento);
- Psicólogo Clínico;
- Servidor Público – Professor;
- CTA – Aconselhador;
- Professor e Supervisor de Estágio da Faculdade Maurício de Nassau: UNINASSAU – Parnaíba.

O homossexual e a construção de identidade singular: incessante busca de padrões estabelecidos socialmente

Nesse texto, pretende-se discorrer como a construção de uma identidade singular é possibilitada para pessoas que são produtivas socialmente e refletem os padrões econômicos, sociais, culturais, religiosos e políticos de seu meio, mas se desviam, devido ao seu desejo sexual, de uma identidade normatizada e identificadora da compleição que lhes encerra.

Viver em sociedade é a condição única e primeira para que se possam manter aspectos individuais e ligados aos instintos sob vigilância. Isto faz do ser social senhor de um discurso que vem a satisfazer propósitos mais amplos, reconhecendo-se por intermédio dos outros e, também, propósitos mais particulares em que se possa revelar como sujeito de ação.

Nesse contexto, a existência de um componente de suma importância para que esse discurso se sedimente, a saber, a sexualidade. Atréados a isso, direcionam-se todos os elementos que compõem as referências que interessam para o funcionamento da sociedade em que os papéis sociais são a sua forma de expressão: o masculino e o feminino. Essa composição social, que a partir do século XVII tomou forma estruturando-se no vigor do século XVIII, baseia-se, sobretudo, na organização familiar, a qual se mostra como a forma natural de organização entre os seres.

As transformações societárias que vêm ocorrendo desde o século XX proporcionam àquele discurso uma maior elasticidade na relação “eu com o outro”. Por isso mesmo, as possibilidades desses aspectos individuais terem maior relevância são reais. A organização familiar se reorganiza; os dizeres individuais se aprimoram; a sexualidade se revela; enfim, o ser se revela, supostamente, por inteiro. Contudo, acrescenta-se que essa visão, permeada de novos valores, nos quais os arranjos sociais se diversificam, não permite aos papéis sociais existentes a inclusão de novas formas de ser socialmente, enquanto elemento singular.

Atualmente, as investigações na linguística *queer* nos direcionam para a dimensão da transgressão dos papéis como possibilidade de discurso e, por isso mesmo, de presença real enquanto identidade. Sobre isso, Borba (2015, p. 95) comenta:

“Esses questionamentos, em última análise, referem-se às limitações impostas por categorias sexuais estanques e hegemônicas, i.e. homem e mulher, que castram as potencialidades identitárias de alguns indivíduos que essas categorias não contemplam”.

Mas, além disso, o que se coloca aqui é a total ausência de construção de uma identidade singular, pois as referências apresentadas estão colocadas na ótica do outro, o heterossexual, que encaminha as sexualidades ilegítimas para um lugar delimitado e excluído de outros contextos, como foi bem fundamentado por Foucault (1985).

Com isso, se coloca para reflexão e discussão: que personagens são esses que a sociedade constrói e, conseguinte, desconstrói? Onde se poderia buscar um delineamento próprio para a construção de tais papéis? Está este ser em busca de um papel social próprio? É pertinente essa construção? O que se teria de ganho real para a sociedade assimilar tal definição? Notadamente se reconhece que, pelo menos, a identidade constituída hoje pelo homossexual deixaria de ter tantos adereços constitutivos.

O ser e a alteridade social: identidade e indefinição de papéis

O ser humano busca compor seu universo social por meio de elementos que assegurem uniformidade e constância na tentativa de que ao ser reconhecido pelo outro, possa então estabelecer relações duradouras e, por conseguinte, aprimorar o intelecto, o bem-estar físico, social, sexual, emocional, cultural e econômico. A esse processo de assimilação gradual em busca de padrões de estabilidade não estáticos, nos quais o reconhecimento pelo outro se dá como um todo, se chama identidade.

Assim, a identidade leva à conceituação de formas de comportamento com a qual se avalia o nível de aceitação, tolerância ou exclusão do elemento no grupo.

Essas formas de comportamento, expressões da personalidade, são “construídas” devido à necessidade da sociedade em classificar os seus membros de maneira precisa, imprimindo assim um “rótulo”, o seu papel social, o qual pode vir estar diretamente ligado à sua sexualidade. Pois, conforme Rodrigues, Assmar e Jablonski (2014), é por meio da visão que se tem de si, atrelada a uma comparação com o outro, que se constitui então, a autoimagem.

Por sua vez, os papéis sociais são importantes e positivos na medida em que se pode estabelecer um grau preciso e, assim, poder dar-lhes um significado para o ser social, ou seja, as amplitudes e limitações desse ser. Por outro lado, esse enquadramento do ser pode levá-lo a uma posição estática da qual não se serve à personalidade sadia para aperfeiçoar-se. Sendo assim, o que deveria servir como instrumento libertador, ao dar-lhe um modo de expressão, passa a aprisioná-lo num fechamento, em limites estreitos.

Então, no que concerne à sexualidade e à sociedade, é a partir de Freud (1989) que se tomou consciência de que a identidade social está ligada à identidade sexual, através da identificação da criança com um de seus genitores. O sexo passa a ser o fio condutor de todas as escolhas futuras do ser. A superação ou não de cada fase do desenvolvimento infantil, segundo Freud (1989), vai estabelecer uma genitalidade adulta e, por isso, um melhor relacionamento do eu com o mundo exterior.

A relação entre uma sexualidade satisfatória a partir do universo infantil e a possibilidade de se obter uma personalidade mais estável com papéis sociais definidos nos leva a discutir aqui a homossexualidade não a partir de suas causas, e sim diante de sua existência, a maneira como se permite sua expressão, ou seja, que papel lhe é dado na sociedade.

Portanto, para Freud (1973), a homossexualidade é consequência da inversão da identificação da criança com um de seus genitores quando ocorre a passagem pelo conflito edipiano, entretanto ressalta que a conexão entre instinto sexual e objeto sexual não seja tão estreita como se parece crer em indivíduos ditos normais.

Judd Marmor (1973) considera que os hormônios não são os fatores dominantes na escolha do objeto sexual e, retirando essa perspectiva biológica, a homossexualidade não é benquista em grande parte das culturas, por estar na “contramão” dos valores impostos e considerados corretos. Aproximando-se dessa visão, Michel Bon e Antoine D’Arc (1979), relatam a homossexualidade enquanto escolha, o que causa admiração devido ao seu caráter imprevisível, pois foge dos padrões socioculturais aceitos pela maioria.

Discorrendo sobre o mesmo assunto, para Michel Foucault (2013), a homossexualidade formalizou-se quando observa, no século XIX, a necessidade de uma personificação desse ser sexualizado que passou a sofrer uma série de interferências de saberes e poderes. Dessa forma o autor afirma:

A homossexualidade apareceu como umas das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 2013, p. 51).

O homossexual, nesse contexto, é considerado um ser marginal e, assim como o “louco”, só lhe é permitido falar através do seu sintoma, existindo um bloqueio inconsciente por parte do outro, que não permite uma manifestação autêntica do sujeito (MANNONI, 1971). Na maioria das vezes, também o homossexual só pode se expressar através de comportamentos retirados do sexo que não lhe pertence, constituindo-se em um elemento ambíguo, fazendo com que seu comportamento se torne, então, sua caricatura, única forma de expressão aceita.

As sociedades atuais têm um padrão comportamental mais elástico e propagam a necessidade da igualdade entre sexos; observa-se, contudo, que a conduta humana prima em reforçar a ligação entre características sexuais e comportamento, isto é, o macho, o introdutor, a fêmea, a receptora, assim como seus sexos devem, eles, portarem-se de maneira que sobressaiam, em seus comportamentos, características ditas masculinas e características ditas femininas, respectivamente.

Esses padrões mantêm a nossa estrutura social e vão propiciar a preservação da espécie, a manutenção da família e a reprodução de uma gama de valores por ela estabelecidos. Assim, o homossexual, sem precisar que um padrão ou outro se sobressaia tão intensamente, possibilitado para assumir em suas relações sexuais, e em seu próprio corpo, tanto a atividade quanto a passividade sexual, constitui-se no grande ameaçador dessa estrutura, pois, ao rejeitar a sua condição de reprodutor biológico, embutido aí a constituição familiar e seus valores decorrentes, torna-se o “doente”, insatisfeito quanto à sua condição e incapacitado quanto à preservação desses tais valores.

O direcionamento para a heterossexualidade subtrai do conceito de saúde e normalidade, o homossexual (GOODWIN & GUZE, 1981. MELO, N. 1980). Esse organismo, dito doente, serve como referencial ao dito normal, para que este último não se desvie do seu padrão comportamental. Tem-se, por assim dizer, um parâmetro que define a sexualidade como normal e anormal.

Invertido aos olhos dos outros, amputado em sua capacidade de fruir, esse indivíduo mostra-se, pois, em luta consigo mesmo para que um dos papéis se evidencie. Caso esta evidência se dê em torno do sexo que não

lhe pertence, transforma-se em um ser caricaturado, como se estivesse negando a identidade do seu sexo que não lhe comportava.

Assim, vê-se nele a imagem distorcida, uma “aberração genética e social”; estas não pode ser ouvida senão como representação grotesca, como caricatura para e do sistema. Caso respeite o papel designado para o seu sexo, buscando, assim, fugir da rotulação que o subtrai como cidadão, impossibilitando-o, inclusive, de ocupar posições importantes dentro do sistema social, torna-se o omissor, o dissimulado, o não assumido em sua escolha.

Mas que escolha é essa se de um lado tem-se a sua caricatura e de outro a sua negação? Como pode esse ser masculinizado ou efeminado, inteligente ou não, de pele clara ou escura, mas homossexual, expressar-se diante de tão limitadas opções? Onde encontrar identidade própria posto que, moldado para exercer um padrão de comportamento, o rejeita, busca outro, mas não tem elementos suficientes (o sexo, por exemplo) que o identifiquem como tal?

Coloca-se aqui a seguinte afirmativa: os papéis assimilados pelos homossexuais não se constituem em um papel homossexual ou padrão de comportamento homossexual, e sim em tentativas desse homossexual enquanto elemento de um contexto, de ser enquadrado nele, que o rejeita. Denuncia-se que sua expressão, utilizando componentes do comportamento heterossexual para fazer-se integrante do meio social, é a barreira imposta ao exercício de sua construção.

Pode-se afirmar que existe uma nova conduta do homossexual, como explica a Linguística *Queer*. Entretanto, percebe-se que esta reavaliação é, em grande parte, emprestada dos heterossexuais, pois os mesmos estão reformulando e/ou elastecendo os limites de suas condutas sem isso implicar em uma fala homossexual. Ou seja, o heterossexual, no caminho da aceitação de componentes masculinos e femininos no seu ser, assimila componentes exteriorizados até então somente por homossexuais e considerados não normais, os reproduz como integrantes do seu comportamento, mas exclui o homossexual como elemento participante do processo. Implica, outrossim, retirar dele a ação, a possibilidade de sua construção. Sua “nova” conduta reproduz, apenas, os ganhos permitidos pelo heterossexual, agora, como normais.

Inserido nesse sistema que lhe põe em xeque, esse ser, dissonante quanto à sua postura, em que lhe é negada a satisfação dos seus instintos sexuais,

em que possa escolher livremente o seu objeto de amor e desejo, se equivale ao “louco”, passa a ser o “doente mental” (SZASZ, 1978), ainda que não precise, na maioria dos casos, ser isolado como aquele, mas igualmente passível de rotulação e correção, mostrando-se altamente resistente à “redução”, ao “tratamento” proposto para firmar-se como participante do meio social, falando tão somente através do seu “sintoma”, sua “perversão”.

Diante do exposto, sugere-se nesta conclusão que essa identidade singular, ou melhor, essa possibilidade de identidade singular, fica entremeadada de aspectos não nítidos para o sistema social. Percebe-se que o maior impasse se inicia no momento de encarar o homossexual (masculino e feminino) como possuidor de uma existência social própria e diferente do grande contexto o qual é enquadrado. Ele, introduzindo-se na sociedade como condição de aceitação ou não, é e deve ser apresentado pela sua orientação sexual. Isto o estigmatiza. A vigilância do sexo tão bem caracterizada nos textos de Foucault (2013) se expressa de forma violenta, pois aqui a dita perversão ganha moldes de avidez, sede e voracidade. Ele passa a ser a expressão do sexo.

Ora, se o sexo é apenas um dos componentes da identidade, como subtrair este ser de suas demais características? Por isso, observa-se que o homossexual se referencia sempre nos papéis socialmente estabelecidos como carta de alforria e, inevitavelmente, termo de confissão. Assim, delinear a identidade pelo reforço de uma característica apenas, torna pouco provável sua construção singular.

Referências

BON, M.; D'ARC, A. **Relatório sobre a homossexualidade masculina**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

BORBA, R. *In: Linguística queer; uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem*. Revista Entrelinhas, v. 9, n. 1, 2015.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

FREUD, S. **A teoria da sexualidade infantil**. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Freud. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade – Pequena coleção das obras de Freud. Livro 2**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

GOODWIN, D. W.; GUZE, S. B. **Diagnóstico da doença mental**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1981.

MANNONI, M. **O psiquiatra, “seu louco” e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1971.

MARMOR, J. (org.). **A inversão sexual: as múltiplas raízes da homossexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

MELO, N. **Psiquiatria**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1980.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. **Psicologia social**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, B. B.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Apoio e suporte social na identidade social de travestis, transexuais e transgêneros. *In: Revista da SPAGESP*, v. 15, n. 2, p. 27-44, 2014.

SZASZ, T. S. **A fabricação da loucura**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.



Célia Penço

SPM 11/30163



(21) 98698-7372



celiapsicanalista@gmail.com



@dra.celiapenco



@celia-penço

- Pós-graduação em Psicanálise pela Faculdade Einstein;
- Palestra sob o tema Adoção Homossexual, Sexualidade e Preconceito - 2013 Sociedade Miesperanza - Congresso em Vassouras;
- Mestre em Psicanálise com Especialização em Psicanálise e Saúde Mental, pela FATECBA;
- Doutora em Psicanálise na Contemporaneidade pela Faculdade Erich Fromm em parceria com a Sociedade Miesperanza, Diário Oficial;
- Psicanalista em Consultórios localizados em Nova Iguaçu e Vila Valqueire;
- Professora e Coordenadora do Curso de Psicanálise na Fait-Faculdade Iguaçuana;
- Professora com licenciatura em Letras formada pela Universidade Federal Fluminense – UFF e com experiência de 30 anos de magistério em Português /inglês nas redes pública e privada;
- Coordenadora e professora da Acap Academia de Psicanálise em Madureira.

O declínio da autoridade paterna e seus reflexos na sociedade: novos sintomas

Pesquisas têm anunciado, por meio de mudanças na estrutura familiar, o declínio da autoridade paterna. Esse capítulo tem como objetivo o estudo da função paterna no processo de estruturação psíquica do indivíduo e o seu declínio na contemporaneidade, que tem levantado tantos questionamentos em relação ao respeito à autoridade e ao estabelecimento de normas. Podemos refletir sobre as consequências desse declínio das configurações da função paterna na contemporaneidade e as modificações que as famílias têm apresentado.

Em seu relato, Freud nos conta do Pai, o tirânico homem que exercia seu poder ciumento, guardando todas as mulheres para si e expulsando os filhos. Ele nos conta sobre o retorno dos irmãos que se unem frente ao ódio do pai para matá-lo. Matam-no, devoram-no e vivem um sentimento de culpa pela morte desse pai. Esse sentimento de culpa se torna mais forte e, na tentativa de anular o ato, proíbem a morte do totem e instauram o pai como uma figura simbólica, que pode ser a raiz da organização social.

Fatores como o avanço da ciência e novos modelos familiares teriam incidido diretamente no campo psicanalítico, contribuindo para o narcisismo do homem moderno e, conseqüentemente, para o aparecimento das novas formas de neuroses, animadas pelas novas carências de um “pai humilhado”, não sustentado pelo social.

Como afirma Romanelli (2000), com as mudanças na contemporaneidade, verifica-se uma redução da legitimidade da autoridade do pai e desloca-se o centro da família da autoridade patriarcal para a afeição materna. Por outro lado, fala-se do declínio do poder paterno. Segundo Cecarelli (2002), o que podemos verificar é um declínio do patriarcado, resultado de mudanças – sobretudo econômicas – responsáveis pelo surgimento do homem moderno. Neste sentido, o que está em xeque é o que até então era tido como única via para subjetivação, ou seja, a referência do pai. O que se evidenciou, com as mudanças econômicas, políticas e sociais, foi a dimensão imaginária de uma maneira de organização social onde o homem ocupava o centro.

A imagem da família tem sofrido inúmeras modificações e, com o início do século XXI, pode-se constatar que os avanços da ciência vão apagando

as diferenças imaginárias entre homens e mulheres na contemporaneidade, que com o passar do tempo resultaram no declínio do poder patriarcal. A família é uma entidade única e constante no tempo e podemos distinguir três grandes fases na sua evolução (ROUDINESCO, 2003).

Na primeira fase, constituiu-se a família tradicional, em que a função era assegurar a transmissão do patrimônio e tinha o homem como autoridade máxima. Ainda que esse modelo tenha entrado em decadência no final do século XVIII, a soberania paterna e a submissão feminina não perderam seu lugar até o fim do século XIX.

Na segunda fase, a família passou a ser moderna, iniciando-se um lento processo de dessacralização da instituição familiar e de valorização da mulher. Consequentemente, a educação dos filhos passou a ser também obrigação do Governo e, a partir deste fato, o poder patriarcal absoluto inicia sua decadência, o Estado entra nos lares e aos poucos começa a substituir o poder do homem, a fim de obter maior controle social. O homem deixa de ser absoluto e o casamento é substituído pela afetividade, possibilitando a entrada do divórcio em cena. Então, a vontade do pai e o fator econômico não garantiam mais o casamento, portanto a autoridade patriarcal perdeu ainda mais terreno (ROUDINESCO, 2003). Consta-se então, a importância que o filho passou a representar no interior da família, o que, em contrapartida, diminuiu ainda mais a relevância da figura paterna.

Na terceira fase, Roudinesco (2003), afirma que a partir de 1960, constituiu-se a família contemporânea – ou pós-moderna –, que une dois indivíduos em busca de uma relação íntima e satisfação sexual, assemelhando-se a uma rede fraterna, sem hierarquia nem autoridade. Este fato histórico passou a ser um ponto crucial, em que a autoridade paterna entra em decadência à medida que o número de divórcios cresce, juntamente com o aumento da autonomia feminina. Questiona-se como relacionar o declínio da figura paterna e a necessidade de posicionar a família em uma ordem simbólica, na qual os filhos atuais recebem como herança uma imagem de um pai mutilado.

Durante o predomínio do modelo tradicional, houve uma distinção na demarcação dos papéis de homem e mulher. O homem era o provedor e a mulher cabia a função de preservar a sexualidade e exercer a maternidade. Atualmente, o exercício da paternidade sofreu drásticas transformações na sociedade ocidental, variando desde o modelo patriarcal até modelos

mais variados de exercício paterno. Devido, então, às transformações que ocorrem na sociedade, o pai conseqüentemente modifica seu papel. Apesar de estarmos vivendo em uma sociedade contemporânea o homem ainda continua sendo considerado o chefe de família, no imaginário social.

As relações de autoridade e poder na família são estabelecidas como elementos ordenadores da cena doméstica, definindo posições hierárquicas, direitos e deveres específicos. A autoridade reporta-se a experiências comuns vividas no passado e seu exercício visa preservar posições hierárquicas já estabelecidas, as quais fazem parte da tradição de poder no interior de um grupo. Em função disso, os filhos passaram a exigir mais os seus direitos, esquecendo-se de assumir seus deveres.

O papel do pai na sociedade contemporânea vem exigindo novas definições dos modelos da constituição familiar. A questão se dá em torno do fato de se buscar entender como a família vem se adaptando às transformações e definições do papel do pai na atualidade. Com o enfraquecimento do modelo familiar tradicional baseado na autoridade, sobre toda família ocorre, então, a fragilização da estrutura familiar e a reconstituição dos papéis parentais na sociedade contemporânea

Contudo, a tarefa primeira da educação consistiria, de acordo com Freud (1969b), no dever da criança em aprender a controlar seus instintos. Atenta, diante disso, para o fato de que é impossível conceder às crianças a liberdade de por em prática todos os seus impulsos sem restrição. Por conseguinte, de acordo com esse autor, a educação deve inibir, proibir e suprimir os impulsos da criança, como procurou fazer em todos os períodos da história.

Em resumo, a agressão de crianças pequenas, para Winnicott (1999), tem dois significados: constitui direta ou indiretamente uma reação à frustração, mas também é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo. Disso pode-se concluir, de acordo com o autor, que todas as crianças teriam este impulso agressivo naturalmente no modo de se comportar e necessitariam de pais confiantes, fortes e amorosos que possibilitassem a expressão, continência e contenção destes comportamentos.

Como mostra Winnicott (1999), no começo a criança tem necessidade absoluta de viver em um círculo de amor e força, com a conseqüente tolerância, para não sentir um medo excessivo de seus próprios pensamentos e dos produtos de sua imaginação, para progredir naturalmente em seu desenvolvimento emocional. Se acontecer de os pais não

conseguirem proporcionar esse ambiente, o sentimento de liberdade excessivo pode gerar na criança, ao contrário do que se possa pensar, comportamentos relacionados não a tudo o que lhe dá prazer, mas sim àquilo que expressa sua angústia. Essa criança procurará, num outro quadro de referências, alguém que a ajude a contê-la e possa se tornar a fonte de amor e confiança. Diante de tudo, conjectura-se que comportamentos de indisciplina, tirania ou agressividade, que desafiam a autoridade, vinculam-se ao fenômeno de fragilização das funções parentais à medida que, quando em excesso, podem refletir a dificuldade que essas crianças estão tendo para lidar com seus impulsos.

As crianças, que têm pais que não conseguem responder às reais necessidades dos filhos, proporcionando a percepção do mundo como um lugar pouco confiável, poderão desenvolver comportamento antissocial. A tendência antissocial (WINNICOTT, 2000) é decorrente da falta de um cuidado, em um certo momento do desenvolvimento, percebido pela criança anteriormente. Assim, ela desenvolve comportamentos de indisciplina, esperando que limites sejam impostos por outras figuras de autoridade, como a professora, tios, tias, etc.

Pensando na dinâmica de pais de crianças que não são capazes da imposição do limite, esse acontecimento ocorre em um período posterior ao desenvolvimento da criança, em que os pais cumpriram o dever de apresentar outros cuidados. Ou seja, passado o período de dependência absoluta, onde os pais puderam exercer bem suas funções, no período de dependência relativa essa criança se depara com pais que agora não são capazes de exercer adequadamente suas funções – por sentirem dificuldade de exercer a função de autoridade – e um comportamento de agressividade excessivo, então, pode (com o cuidado de não cair em generalizações) estar a serviço de uma destrutividade, na qual a criança busca no ambiente um embate contra o comportamento impulsivo.

Atualmente, são cada vez mais frequentes jovens transgredindo regras de convivência e demonstrando seu descaso para com a autoridade e a lei, chegando ao ambiente escolar sem um mínimo de código de civilidade para convivência social.

Não se trata de achar quem é o culpado pelo avanço da barbárie mas é imperativo analisar as causas e os efeitos dos atos de incivilidade em nossa época. O desrespeito à autoridade e à lei começam em casa, por

meio dos pais negligentes, permissivos ou cínicos e as crianças terminam autorizando a si próprias a atos desse tipo. Os jovens que são intolerantes ou transgridem as regras – não necessariamente por maldade, mas sim para testar seus limites – dão asas aos seus impulsos e paixões, levam ao máximo sua liberdade e senso de independência, não se importando em ter de pagar um alto preço por isso. Devido a isso alguns especialistas associam o declínio da lei-do-Pai com o aumento da delinquência infantil e adulta e dos sinais de barbárie ou retrocesso na nossa civilização.

O desrespeito em relação ao pai se reproduz na rede simbólica de sustentação das demais autoridades da sociedade: professor, diretor, reitor, prefeito, governador, presidente, etc.. Qualquer autoridade é herdeira da função paterna original. Não é que os adolescentes estejam mais disciplinados do que os de antigamente, mas as contradições da sociedade, sim. Também cresce o número de filmes e *games* que barbarizam a nova geração; o conteúdo dos programas da televisão contribui para o desaparecimento da infância.

Então, como será a sociedade do futuro, cuja família passou a conviver com o desaparecimento onipotente do pai? Autores apontam evoluções familiares em direção a formas e famílias diversificadas (monoparentais, recompostas, concubinatos, família conjugal urbana ainda estável), ou seja, em vez de vaticinar um caos social, podemos colocar no lugar do pai tradicional, afetivamente distante dos filhos, um novo pai mais próximo, inclusive interessado em cuidar deles ou dividindo tarefas com as mães. A maternagem deixa de ser um monopólio das mulheres para ser também uma tarefa do pai. Onde existia hierarquia, pai mandando e a mãe obedecendo, é possível agora se ter cooperação e complementação, sobretudo para cuidar dos filhos.

Dito de outro modo, antes, a educação estava baseada na moral (regras impostas) do mais forte e na tradição. Com o declínio da autoridade do pai, a educação passa a ser orientada pela ética da cooperação e da complementação; assim, cabe ao casal parental ser responsável pela educação dos filhos. Uma educação orientada na ética leva o sujeito a introjetar a lei dos princípios da civilização que faz do indivíduo um sujeito. Se o sujeito é construído desde criança, ele saberá conduzir sua própria existência para o melhor caminho. Será um sujeito responsável pelos seus atos de escolha. Há uma diferença sutil entre não fazer algo ruim porque o pai não quer e porque ele sabe que não deve fazer porque ele assim sabe discernir.

Por isso, evidencia-se, através da proposta desse livro, a afirmação da autoridade masculina e seu posicionamento numa sociedade que, embora seja predominantemente falocrática, tem trazido conflitos nessa área e sérios problemas nos relacionamentos familiares e na atuação dos jovens que sentem dificuldades em externar a sua masculinidade.

Referências

CECCARELLI, P. R. As repercussões das novas organizações familiares nas relações de gênero. *In: Cronos*. v. 7, n. 2, jul/dez. 2018.

FREUD, S. Análise terminável e análise interminável. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XXIII, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

_____. **Totem e tabu** (1913 [1912-13]). Edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIII, p. 11-162.

_____. O Ego e o Superego. Cap. III. *In: O Ego e o Id*. Edição *Standard* brasileira., v. XIX, p. 41-51. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KEHL, M. R. Lugares do feminino e do masculino na família. *In: M. C. Comparato; D. S. F. Monteiro (Orgs.). A criança na contemporaneidade e a psicanálise: família e sociedade – diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 29-38.

LACAN, J. **Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**: ensaio de análise de uma função em psicologia. Trad. Marco Antonio Coutinho Jorge, Potiguara Mendes da Silveira. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LEBRUN, J. P. **Um mundo sem limite**: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. *In: CARVALHO, M. do Carmo Brant. (Org.) A família contemporânea em debate*. São Paulo. Educ/Cortez, 2000, p. 73-88.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



Cleber Rocha

CRP 20/8146



(69) 99920-0035



@psi.cleberocha



Psicólogo – Cleber Rocha

- Psicólogo clínico de orientação psicanalítica;
- Psicólogo social da Prefeitura de Cacaulândia-RO;
- Especialista em Neuropsicologia Clínica e Educacional;
- Especializando em Psicologia Social;
- Membro do Grupo de Estudos Psicoterapia Psicanalítica;
- Docente do Instituto Atitude de Educação (INIFAV).

Século XXI: o homem entra na monogamia

Quando eu era criança, ouvia frequentemente, de maneiras nada sutis e outras vezes de maneira natural, que homens são infiéis. Ouvia das mulheres, e também dos homens. Mas, dos homens, havia mais um ar de naturalidade e obrigatoriedade das relações extraconjugais que as falas em si. Enquanto, das mulheres, ouvia ora falas ressentidas e entristecidas, ora falas ditas com naturalidade, naturalizando a infidelidade masculina.

Portanto, fui percebendo essa atmosfera de naturalidade da traição por parte do homem. Enquanto, por outro lado, havia um clima de horror, um senso de inaturalidade e crime cabível das mais perversas punições caso a traição fosse praticada pela mulher. Punição essa que os jornais estampam eventualmente até hoje, os crimes ditos em nome da honra masculina. Parecia que nesse caso a pessoa estaria agindo contra, destruindo a natureza de fidelidade ao marido. O que, de modo semelhante, podemos pensar, um animal de estimação que não pode servir a outro dono, enquanto o dono pode ter quantos animais de estimação desejar.

Entre elas, não se falava muito no assunto, o clima era de profundo julgamento. Uma mulher jamais falava em uma traição sua. Na verdade, provavelmente falava, mas esse assunto se reservava a diálogos secretos, dentro do ambiente seguro das mais íntimas amizades, a cujos bastidores eu não tinha acesso. Com exceção também daquelas tidas como “escandalosas” que, ao receber esse estigma, ganhavam a liberdade de falar abertamente, “sem filtros”. Eu não chegava a achar que traição fosse algo natural do homem e ausente na mulher, tal como as pulsantes cores do pavão não se fazem presentes na fêmea, mas não deixei de levar comigo parte dessa ideia, e, ao mesmo tempo carregar uma dúvida profunda a respeito: por que isso é assim? Curiosamente, pouco mais de duas décadas de dúvidas me conduziram a escrever esta parte da presente obra compartilhando algumas respostas que encontrei.

Respostas da antropologia e da história

Não achava muito justa essa situação. Provavelmente, porque fui constituído em meio a uma transição em curso, cuja divisão de duas realidades se situava entre um lado vindo do passado, com essa naturalidade da poligamia masculina, versos a monogamia feminina aceita pela mulher

ou imposta a ela, e outro com uma prematura inquietação feminina que começa a ganhar direito a voz.

Em meio a essas duas realidades, germinava em mim um misto de senso de injustiça e curiosidade a respeito dessa situação vinda do passado e parecendo caminhar para alguma mudança.

Talvez isso se deva ao fato de a criança ainda não ter dividido o mundo em todas as classes que o homem criou e categorizou pensando uma noção Piagetiana. Ainda via apenas pessoas, humanos, e não homens e mulheres, logo ainda não havia me filiado ao sindicato dos homens quando a semente dessa dúvida inquietante se instalou em mim, e, quando me filiei ao tal sindicato já trazia em minha imatura subjetividade a tal questão. Por algum tempo, ela não fez muito eco, talvez esteve em latência, para usar o jargão psicanalítico.

Na graduação de psicologia, comecei a compreender algumas parcelas desse enigma, mas foi na antropologia de Engels que encontrei respostas mais esclarecedoras e sólidas. É interessante saber que, antes da ideia de propriedade privada, quando todos compartilhavam uma mesma terra, não havia monogamia, muito menos a ideia de família ou casamento como conhecemos; as relações ocorriam livremente, e os filhos de cada mulher eram de todos, já que não havia mesmo como saber quem era o pai. A ideia de pai não era relevante como hoje. Aliás, retroagindo um pouco mais, caso não saiba, há cerca de 5 mil anos, o ser humano não tinha conhecimento de que o homem teria participação na procriação, só com a domesticação de animais e percebendo que a fêmea isolada do macho não reproduzia, que levou a percepção de que o homem tinha alguma participação nesse processo. Essa última informação é da pesquisadora Regina Lins.

Quando o homem, agora conhecedor de seu papel na reprodução, decide definir os contornos de um pedaço de terra e estabelece ser esta sua posse (posse – propriedade = próprio) surge também a ideia de herdeiro, e, logo, de família. Com isso se torna problemática a possibilidade de o filho de sua parceira não ser seu, e assim beneficiar o filho de outro; desse modo, se faz indispensável a monogamia feminina. E é nesse contexto social que a mulher, assim como a terra e outros bens, se torna propriedade privada do homem.

Partindo desse contexto, é impressionante a profética capacidade de leitura social de Engels, que em 1884 percebeu as transformações que

iriam ocorrer na família e nas relações amorosas, já que a família como conhecemos – e como era inalterável até o século XX – surgira puramente por motivos econômicos, visando-se a manter a riqueza ou a herança nas mãos daqueles que a obtinham. Assim, com as transformações sociais de maior distribuição econômica, que Engels previu, já não seriam necessárias aquelas relações para garantir que a prole fosse daquele homem.

Entretanto, ao contrário de apontar para o fim da monogamia, ele defende a hipótese, naquele momento, de que esse modelo de família não só iria permanecer, como iria começar a ser cada vez mais praticado por homens, já que historicamente a monogamia foi imposta e amplamente praticada apenas por mulheres.

O mais surpreendente foi que, como psicólogo clínico, pude perceber – e estou percebendo – essa realidade se concretizando. Tenho visto amplamente essa transformação social, tendo atendido homens que querem ajuda para deixarem de ser infiéis, ou seja, querem ser monogâmicos. Para elucidar ainda mais a questão me deparei recentemente em meu consultório com três pacientes com a queixa supracitada: um de 23 anos, um de 32 e outro de 41. O que demonstra uma transição cultural que não se restringe às gerações mais novas, mas atinge a todos. Mas o que ocorreu nos alicerces de nossa sociedade que vem impulsionando essas mudanças? Vejamos.

Pós-revoluções proporcionadas pela pílula anticoncepcional

A pílula anticoncepcional é um dos maiores marcos da humanidade, um fator de transição, mas que só acelerou uma transformação política já em curso: foi a peça que faltava para uma grande transição. Dessa vez, encontrei luzes na obra do Jornalista Frances Jacques Mousseau, que me proporcionou boa parte das reflexões que seguem.

Após a mulher ganhar voz, se empoderar dela e começar a se sentir mais a vontade com a liberdade de ter seu corpo para si própria (propriedade), iniciou-se um discurso de concorrência entre homens e mulheres por fugir de ocupar o local que chamarei de fiel/traído. Logo iniciou-se um discurso de trair antes que o outro faça, que motivou um profundo movimento nesse sentindo na classe masculina.

Esse clima de disputa parece ter se instalado no inconsciente coletivo, sobretudo do homem, em menos de um século. Parece ter sido criada uma

política de proteção da soberania/honra masculina, na qual o protocolo é trair logo, evitando com isso correr o risco de recair na tragédia de ser o fiel/traído e ter que lidar ou carregar essa cicatriz em sua “honra”. Ou seja, o homem tocou com a ponta dos pés a nova realidade cobrada pela mulher, de que este abandone a infidelidade naturalizada como um direito ou característica masculina, já que agora ela pode abandoná-lo sem grandes problemas sociais, ou ainda optar pelas relações extraconjugais, o que se torna um direito recíproco.

O homem espia essa nova realidade pela fresta e visualiza que agora pode ser uma realidade natural que ele venha a ser o fiel/traído. Então recua rapidamente e se refugia nos mecanismos do qual a classe da masculinidade dispõe para protegerem sua soberania, ou seja, não se expor à possibilidade de lidar com o afeto e frustração perante a possibilidade de ser traído. Desse modo, antes o homem traia porque isso era considerado natural ou esperado, indiretamente permitido, e até estimulado (ainda é na verdade), agora muitos traem porque a mulher cada vez mais foi ganhando a autonomia para também estabelecer relações extraconjugais e ele não consegue lidar com essa possibilidade. Ou seja, se encontra em crise com a nova realidade, e busca resolver fora o que precisa ser enfrentando dentro de si, que é o fim da irrecuperável segurança de poder ser poligâmico e ter a exclusividade de sua esposa monogâmica.

Ouvi no consultório, de um paciente que buscava parar de trair, o seguinte discurso, “acho que às vezes faço isso por ouvir um amigo que diz que trai porque se ela (namorada dele) o fizer ele já fez antes, então, acabo me sentindo pressionado a fazer pelo mesmo motivo”. Após interromper suas relações extraconjugais, disse em certa sessão “tento não ficar pensando que ela irá fazer algo (trair), porque isso me leva a querer fazer coisas erradas, já começo a dar abertura para conversas erradas. Então, tento pensar que ela não fará, e que se fizer é uma questão dela e que eu não o fiz, certo?”. Em outro momento mais avançado da psicoterapia, ele disse “já não penso como antes, estou tranquilo quanto a outras, mas, às vezes, ainda me bate aquela ideia de fazer, porque mulher é assim mesmo, trai mesmo e as vezes eu não faço e aí ela vai lá e faz”.

Nesse breve relato podemos observar o início de um movimento de maturidade para lidar com os próprios afetos, medos e inseguranças inerentes à vida. Sem simplesmente projetar para fora depositando no outro a responsabilidade pela própria incapacidade para lidar com os afetos.

Inicia aqui um movimento novo no campo da masculinidade, que é evidenciado por esse relato.

Esse movimento de antecipação ao risco de ser o fiel/traído, quase que como uma medida profilática, vacina para caso venha contrair o vírus da frustração de não ter a exclusividade da parceira, não desenvolva a doença da profunda dor de ser o fiel-traído, foi adotado muito rapidamente pelos homens, frente ao empoderamento feminino. Mas veio se instalar na mulher após ela começar a pensar e se permitir desejar a exclusividade do parceiro, após isso ter passado a ser uma realidade possível de ser pensada, bem como muitas outras possibilidades como desejar ou propor outras formas de relações, caso o parceiro não queira viver a exclusividade. Formas essas bastante exploradas pela autora e psicanalista Regina Lins, que fala das novas formas de amar.

Logo, ao ser abalada a estrutura de um antigo modelo, inicia-se a transição para a construção de uma nova realidade com múltiplos modelos de se relacionar, tendo como única referência a busca pela reciprocidade. A masculinidade e feminilidade vêm enfrentando essa guerra relacional, que no fundo é subjetiva, na qual se ouvem falas ressentidas e agressivas de um lado nos bares, futebol, etc., e do outro na manicure, bares, etc., como o famoso “traio mesmo” se ele(a) fizer eu já fiz antes”; ou “traio mesmo, pois, para ter um(a), é preciso ter dois(as)”. Refletindo, assim, um profundo medo de ser acometido pelo traumático vírus de ser o fiel/traído, que parece pairar no ar e também o medo de ser abandonado(a).

Como sabemos, toda transição acontece com um movimento radical que vai de um pólo extremo a outro, até retroagir o necessário para, então, alcançar um equilíbrio.

Logo após essa guerra de subjetividades, movida pelo medo de ser o fiel/traído que acometeu primeiro homens (que tiveram quebrada a segurança da exclusividade do direito de ter relações extraconjugais) e depois as mulheres (quando conquistaram o direito de reclamar a infidelidade masculina), iniciou-se a possibilidade de diálogo entre os sexos e a possibilidade de monogamia para homens e mulheres que queiram isso, assim como a poligamia para homens e mulheres que assim desejarem. Ou seja, a possibilidade de não mais simplesmente ingressar e seguir um modelo, mas o casal poder escolher seu modo de viver, bem como construí-lo, o que exige um diálogo e um acordo, já que não há mais uma regra implícita. Esses diálogos ainda encontram resistências nos

casais casados, mas é amplamente difundida entre aqueles solteiros que querem estabelecer relações abertas, e tentam expor ao outro que muitas vezes não quer o mesmo, e nesse caso, se um não quer, dois não precisam viver o desejo de um.

Esse é um movimento, no qual um casal pode conversar sobre o tema e realizar um real acordo de reciprocidade em que possam viver da maneira que desejarem. Diálogo esse que não era permitido antes, quando cada um estava em sua trincheira com seus medos e dialogando entre classes em bares e salões de estética, sem dialogar com o parceiro e parceira.

Referências

LINS, R. N. **O livro do amor**. Rio de Janeiro: BestSeller, v. 1, 2012.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Clube de Autores, 1884.

MOUSSEAU, J. **A renovação do amor**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.



Kaká Portilho



(21) 98563-3344



ericaportilho@gmail.com



@kakuportilho



kakuportilho

- Doutoranda em Antropologia Social;
- Pós-graduanda em Psicologia Analítica e Mitologia Afro-Brasileira;
- Mestre em Educação para as Relações Étnico Raciais;
- Pós-graduada em Neurociência Aplicada à Aprendizagem;
- Pós-graduada em História Geral da África e Afro-brasileira;
- MBA em Gestão de Projetos;
- MBA em Gestão Cultural;
- Graduada em Relações Internacionais e Belas Artes;
- Pesquisadora-membro do *Institute of African Studies*;
- Representante da autora Ifi Amadiume no Brasil;
- Coordenadora do Centro de Altos Estudos e Pesquisas da Ancestralidade, CEPA;
- Professora dos cursos de Matriarcado e História Geral da África do Instituto Hoju;
- Presidente fundadora do Instituto Hoju, Cultura, Educação Integral e Desenvolvimento humano.

O silêncio do homem negro na voz de mulheres negras: uma análise da obra Ponciá Vicêncio

Ao delinear o cotidiano de uma família negra no contexto do pós-abolição, localizando-a no Brasil, o romance Ponciá Vicêncio, da autora Conceição Evaristo (2017), traz à tona múltiplas e complexas questões de ordem existencial. A personagem de Vô Vicêncio, um velhinho manqueta, filho de um homem que foi escravizado, negro, encurvadinho, reflete a realidade familiar de muitos afrodescendentes na sociedade brasileira. Seu penoso “espólio” foi legado para a neta Ponciá, herança do período colonial, marcada pela experiência da escravização: “escutou quando ele disse para a mãe que vô Vicêncio deixava uma herança para a menina” (EVARISTO, 2017, p.15). Evocando memórias da dor, ou a dororidade (PIEDADE, 2017) negro-africana, Ponciá cose uma colcha de retalhos, alinhavada pelo medos, crenças e solidão. No estudo do caso ficcional “Ponciá Vicêncio” destaco a voz narrativa e analítica das mulheres negras, limitando-a à autora do romance, à personagem Ponciá e a mim, autora deste ensaio.

O “desencantamento de fala” (EVARISTO, 2017) se delineia marcando a trajetória de emasculação do homem negro, em que nasce a castração da fala e o desconforto ao expor suas emoções. Em alguns momentos do estudo, individualizo homens e mulheres negras, em outros, reafirmo o racismo como fenômeno não seletivo a nível sexual-biológico.

Conceição retrata uma Ponciá esquarterada nos acúmulos das partidas e ausências (morte do avô, do pai, dos sete filhos perdidos, a separação da mãe e do irmão, a relação distante entre ela e o marido). Essas rupturas acionam *la reprise* (KIEKEGAARD, 1990), a reprodução social (BOURDIEU & PASSERON, 2011), ou simplesmente a retomada de um passado, ativo no presente, que silencia o verbo, preterido pela ação de repetição (FREUD, 1914). Minuciosamente detalhada nas cenas de cada um dos homens presentes no romance, a vida de Ponciá encruzilha-se com conceito de dororidade de Vilma Piedade (2017). A memória da dor exposta por Evaristo (2017) representa o cotidiano de uma família negra, atravessada pelas interdições e desumanidades, herança escravocrata/colonial. Na ficção, a dororidade materializa-se nas angústias de Ponciá, Vô Vicêncio e outras personagens: tanto pela “costumeira angústia no peito, que ela relata a cada amanhecer” (EVARISTO, 2017, p. 14), quanto pela sincronicidade do riso e choro de Vô Vicêncio. Este último, possivelmente ocasionado pelos

traumáticos furos de memórias originados das tragédias de seu passado. Lacunas não preenchidas pelo seu universo simbólico. Estereótipos cristalizados no imaginário social de homens e mulheres. Ocasinando o estoicismo emocional que proíbe os homens de sentir e expressar suas emoções. Ensinamentos presentes no ritual de patriarcalização dos homens, incluindo os homens negros.

No paradoxismo da dor, na (in)consciência de si, Vô Vicêncio, ao não encontrar o reconhecimento de sua humanidade, se sustenta no não-ser. Neste sentido, o berço dos valores socioculturais que norteiam¹ a população brasileira não o reconhece como um “homem”, impedindo a realização da masculinidade patriarcal euro-brasileira. Seu contexto de deformidade histórica produziu um meio social não favorável ao exercício da “honra” e dos valores eurocêntricos para o papel negro-masculino. Desta forma, a dororidade é um conceito que vem de encontro aos anseios da comunidade negra, no que tange ao particularismo de uma agenda marcada pelo fenômeno da escravização e do racismo. “A dororidade, pois, contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo racismo” (PIEIDADE, 2017, p. 16). Ela também constitui a “vulnerabilidade emocional” dos homens negros (HOOKS, 2005, p. 1-16). Elementos que reaparecem nas cenas descritas por Conceição. Uma obra que mais parece o relato da vida real, ou melhor dizendo, a “escrevivência” de milhões de pessoas negro-africanas que foram e são fracionadas pelo racismo.

Acaso a solidão é uma questão das mulheres negras, ou uma questão que engloba homens e mulheres estigmatizados pela cor, independentemente de sua idade ou classe social? Para Bell Hooks no livro *The will to change* (2005), a vida emocional dos homens negros é um tabu também para as mulheres negras. Na sua concepção, desde pequenas ansiamos pelo amor masculino, inicialmente de nosso pai. E, por conta de sua escassez, tendemos a supervalorizar este amor e a nos esconder dele por medo da profundidade do sofrimento que ele acarreta aos homens e às mulheres que são parte de uma comunidade, uma sociedade (Ibidem, p. 1-16).

Dos homens que faziam parte da vida de Ponciá, pode-se destacar seu avô. “O primeiro homem que Ponciá conheceu fora seu avô” (EVARISTO, 2017, p. 15). A profundidade do sofrimento apontado por Hooks ganha forma. Filho de seres humanos que foram escravizados – mas conquistaram a liberdade –, cresceu na fazenda, terras do escravizador, Coronel Vicêncio, que deu origem ao nome do povoado e ao sobrenome

da família de Ponciá. Reproduzindo o mesmo princípio da segregação racial que estabelece o “lugar de pessoas de cor”, a narrativa destaca a polaridade binária ocidental dividindo: a terra dos brancos e a terra dos negros. Nesta última, onde vô Vicêncio cresceu carregando o mesmo fardo e vida cotidiana que seus pais: “Filho de ex-escravos crescera na mesma fazenda, levando a mesma vida dos pais” (EVARISTO, 2017, p. 17). A partir da frase “levando a mesma vida dos pais”, considera-se um dos conceitos fundamentais da psicanálise: a repetição, presente tanto na vida de Ponciá quanto na de seu avô.

Tem-se a repetição como ponto de partida, para analisar de maneira individualizada o caso apresentado no romance. Intentando pensá-la [repetição] por meio do arcabouço teórico indicado por Freud (1856-1939), baseando-me em dois textos de sua obra: “Recordar, repetir e elaborar” (FREUD, 1914); e “Mais-além do princípio do prazer” (FREUD, 1920). Tal conceito psicanalítico nos oferece duas dimensões de análise: a teórica e a clínica. Na dimensão clínica, tenho como base a “ficção”, debruçada no conceito de escrevivência de Conceição, ou seja, na escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida daquela que escreve e do seu povo, como define a própria autora. Neste caso, a ficção reproduz a história de vida de pessoas afrodescendentes e as esferas de suas relações sociais.

Pensando em termos de relações sociais, o conceito de *habitus* apresentado pelo sociólogo Pierre Bourdieu (BOURDIEU & PASSERON, 2011) ampara a investigação por dialogar com os fatos reprisados, narrados na escrevivência, e no mundo ficcional. Ambos representando a violência simbólica, reeditada na nossa estrutura social altamente racializada. Estrutura que expõe a problematização central de nossa análise: o silêncio e a solidão do homem negro. Ponciá encontra a dororidade como unidade de opressão: “E acabava achando que, pelo menos para os homens que Ela conhecera, a vida era tão difícil quanto para as mulheres” (EVARISTO, 2017, p. 48). Igualdade de sofrimento, traumático, muito além das questões binárias de gênero. Ela reafirma que as únicas marcas que distinguem negros de não-negros são a pele concomitante com seus traços fenotípicos.

Retornando ao conceito de repetição, no primeiro texto de Freud (1914/1996), a repetição é marcada pela ação, que não é encontrada na recordação de fragmentos mnemônicos. O caso de Vô Vicêncio, em especial, rememora a ação

que repete o ato de silenciar-se. “O paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e recalcou, mas o expressa pela atuação ou o atua (*acts it out*) (FREUD, 1914/1996, p. 165). Vô Vicêncio segue rindo e chorando ao mesmo tempo, não expressando qualquer possibilidade de elaboração sobre suas angústias. O medo aprisiona a memória. Elaborar dói. As experiências narradas aprofundam a miséria interna da personagem. Os papéis sociais preestabelecidos na masculinidade ocidental, e ao mesmo tempo impossibilitados de serem exercidos por homens negros, torna o ato de falar sobre emoções e sentimentos extremamente desconfortável. Assim, a autora enfatiza o silêncio como ato de repetição que materializa por meio da ação aquilo que não pode ser lembrado, por causar dor. Mutilado, Vô Vicêncio, consoma no corpo a dororidade: “Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. (Evaristo, 2017, p. 45).

A tragédia da família de Ponciá não é um caso à parte. Como na psicanálise, voltei minha atenção apenas para o sujeito, ampliei o diálogo e a perspectiva psicossocial incluindo o conceito de reprodução social (BOURDIEU & PASSERON, 2011), para dar conta de uma análise coletiva (sujeito negro) e o ambiente estruturalmente racista. Baseando-se nas inquietações de Fanon ao analisar o negro e a psicopatologia, pode-se ponderar os limites das conclusões psicanalíticas freudianas na experiência de um grupo específico norteadado por paradigmas branco-europeu, o que não é o caso das personagens analisadas, nem do cotidiano das “pessoas de cor” (FANON, 2008, p. 127).

Na desgraça ficcional, a personagem reproduz a violência concretizando a ação homicida e a tentativa frustrada de suicídio. No mundo real, de acordo com o Ministério da Justiça (2015), 68,8% das mulheres mortas por agressão são negras. O mesmo acontece na comparação percentual entre homens e mulheres brancos e negros de 15 a 29 anos. Os homens negros têm 50% mais probabilidade de cometer suicídio. Os índices de violência contra homens e mulheres negros têm atingido crescimento preocupante. Enquanto em 10 anos de políticas públicas preventivas e protetivas a favor do gênero feminino, a eficácia comprovada aponta para a diminuição dos crimes de violência contra as mulheres brancas, nos dados apresentados pela Dra. Jackeline Romio da UNICAMP (2018), em 12 estados do país somente a taxa homicídios aumentou em 50%, sendo que em dois deles (Amazonas e Rio Grande do Norte), o aumento foi de

100%. Mas o que estes dados têm a ver com o episódio de Vô Vicêncio? O *habitus* social. Historicamente o corpo negro é alvo-direcional de todas as formas de violência. As políticas públicas elaboradas por um restrito grupo social poderiam ser parafraseadas seguindo a ideia de *Mills* (1997), política racial de segurança pública, na qual brancos são protegidos ou acessam maior garantia de seu bem-estar (biopolítica – FOUCAULT, 2010), e negros se tornam alvos cada vez mais fáceis de serem atingidos por “balas perdidas” e todos os sortilégios de violências físicas e simbólicas (necropolítica – MBEMBE, 2010).

Vô Vicêncio repete a violência que sofreu durante anos, ao ser tratado como não-humano, ao ter seus filhos vendidos como mercadoria, etc. Ele busca na morte uma forma de liberdade e, ao não encontrar, ele recalca a cena traumática e repete o riso e o choro. Neste ambiente de violências viscerais, a ação precede a recordação. O estudo realizado pelo Ministério da Saúde, divulgado na cartilha “Óbitos por Suicídio entre Adolescentes e Jovens Negros” (2018), aponta que um jovem negro tem maior chance de cometer suicídio no Brasil. O risco na faixa etária de 10 a 29 anos foi 45% maior entre jovens autodeclarados pretos e pardos do que os jovens autodeclarados brancos, no ano de 2016. Entre jovens do sexo masculino e feminino, a diferença é ainda mais relevante: os jovens negros do sexo masculino têm 50% mais chance de se suicidar que um jovem branco na mesma faixa etária. Enquanto a taxa de mortalidade por suicídio entre jovens e adolescentes brancos permaneceu estável de 2012 a 2016, entre os jovens negros com a mesma idade, houve um aumento de 12%.

O racismo estrutural é presente no romance Ponciá Vicêncio. As esferas sociais que organizam o privilégio de alguns e o infortúnio para outros podem ser destacadas nas cenas de desumanização e total amputação de subjetividade do sujeito negro protagonizadas pelo pai de Ponciá e o sinhô-moço, ainda criança. A raiva que seu pai tinha de seu avô era decorrente das humilhações que ele sofreu na sua infância e as que ele viu seu pai passar na fazenda. Na cabeça do menino, pairava a questão: “se eram livres por que continuavam ali?” (EVARISTO, p. 17). O riso e o choro de seu pai, como única resposta. O sintoma da pulsão de vida e morte em disjunção: choro e riso. E, sem respostas verbais, o silêncio emudecia qualquer possibilidade de diálogo entre pai e filho. A escrita expõe o adoecimento psíquico do homem negro que suprime a sua fala, reprimindo a externalização de suas dores, só silêncio.

Expondo o cenário que constitui o silêncio do homem negro, reflete-se sobre o legado traumático e seus efeitos destrutivos que mantêm-nos sob estresse contínuo. Na experiência clínica de uma das autoras, o homem negro sempre está presente na voz da paciente mãe, esposa, etc. A estrutura histórico-racista, na qual a população negra está submetida no Brasil, mantêm-nos sob o contínuo Holocausto Negro-Africano no mundo. O trauma é consequência do processo ininterrupto – narrado no romance – o que Marimba Ani (1998) chamou de *maaafa*, ou o grande desastre, perpetuado até os nossos dias.

Refletir sobre a dororidade enquanto povo é o primeiro passo para a reconstituição do amor entre homens e mulheres negras. As impermanências causadas pelo sequestro para a escravização nos tiraram o direito de constituir família, de amar nossos homens e dos nossos homens nos amarem como companheiras, filhas, netas. Impermanências que esquartejaram, mas na circularidade de nossa visão de mundo ancestral, podemos interromper as rupturas, mantendo o círculo ininterrupto, movidos pelo amor de nós para nós.

Eu, mulher negra, convoco os homens negros para que tenham coragem de mudar o que foi imposto e a simplesmente se tornarem homens matriarcais, herdeiros de nossa ontologia de origem.

¹O grifo “nortear” problematiza o caráter ideológico do termo: Norte, acima, superior, Sul, abaixo, inferior. Marcando no texto a importância do resgate de valores socioculturais do sul. O texto *Arte de sular* (1991), do físico brasileiro Márcio D’Olne Campos, traz maiores detalhes sobre o termo que referencia nosso ensaio.

Referências

- ALMEIDA, L. P.; ATALLAH, R. M. F. **O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica.** *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 203-218, 2008.
- ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- Atlas da Violência 2018.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016.** Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio.** 3.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979).** São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. **Obras completas de Sigmund Freud Vol. XII.** Rio de Janeiro: Imago, 2006
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. **Obras completas de Sigmund Freud Vol. XVIII.** Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- HOOKS, B. **The will to the change.** *New York: Washington Square Press*, 2005.
- KILOMBA, G. A máscara (*The Mask*). Trad. Jéssica Oliveira de Jesus. In: **Plantation memories: episodes of everyday racism.** *Münster Unrast Verlag*, 2.ed., 2010.
- LUGARINHO, L. Perspectivas dos estudos sobre violência na adolescência e cortisol: revisão bibliográfica sistemática. In: **Ciênc. saúde colet.** v. 22, abr. 2017.
- LUZ, M. A. **Cultura negra e ideologia do recalque.** 3.ed. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: PALLAS, 2010.
- MBEMBE, A. Necropolítica. In: **Políticas da Inimizade.** Lisboa: Antígona, 2017.
- _____. **Necropolítica.** São Paulo: N-1 edições, 2018.
- SOUZA, R. M. **Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do ocidente.** *Revista Antropolítica.* Niterói, n. 34, p. 35-52, 1º sem. 2013.
- WERNECK, J.; BATISTA, L. E. LOPES, F. (Orgs.). **Saúde da população negra.** Petrópolis, Rio de Janeiro: DP *et al.* Brasília: ABPN, 2012.



Thiago Ribeiro



(21) 96441-0169



thiagoribeiro.historia@gmail.com

- Graduado e Mestre em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com ênfase em estudos de Egiptologia;
- Atualmente discente do curso de Doutorado no Departamento de Pós-graduação em História da UFRRJ;
- Foi visitante Acadêmico na Universidade de Londres entre agosto e setembro de 2017;
- Possui artigos científicos e capítulos de livros publicados;
- Foi professor colaborador de História na rede federal de ensino, atuando no Colégio Técnico da Universidade Rural (CTUR);
- Possui experiência como docente de História, assim como de Língua Inglesa e Língua Francesa.

Masculinidade e normalidade: questão para se pensar

O Egito faraônico, longeva civilização, deixou-nos vários textos e escritos sobre os mais diversos temas. No meio disso, é comum nos depararmos com alusões a bons e maus comportamentos, o que, ao fim e ao cabo, nos permite ter uma ideia do tipo de código de conduta (ou, melhor dizendo, códigos de conduta) que tenha existido durante os cerca de três mil anos de duração dessa civilização. Exemplos abundam, dentre eles: fórmulas frasais como “dai pão ao que tem fome e água ao que tem sede”, bastante usadas em autobiografias encontradas em tumbas; recomendações de se evitar interação com pessoas de comportamento raivoso, colérico ou mesmo indecente (ARAÚJO, 200, p. 264-265, 269-270), assim como de respeitar posições hierárquicas e locais sagrados; e ainda, ponto que é relevante citar para nosso presente tema, alusões sobre a importância em se evitar qualquer comportamento ou prática homossexual (*Ibidem*, p. 255; FAULKNER, 2011, p. 32).

Na Paris de 1657, um caso jurídico se tornou bastante célebre e comentado pelas ruas. O jovem René de Cordouan, marquês de Langey, encontrava-se casado há quatro anos com Maria de Saint-Simon. Ocorre que, após esse período juntos, Marie acusa seu marido de impotência sexual, uma acusação que tinha respaldo jurídico tanto nas esferas civil quanto eclesiástica para a anulação do casamento. E, de fato, para isso se instaurou o processo contra de Langey.

De início, o marquês de vinte e nove anos estava sendo visto como um “herói perseguido”, nas palavras do historiador Pierre Darmon (1988, p. 112). Sendo, segundo os relatos, jovem e belo, e tendo seu caso atraído forte notoriedade na Paris da época, de Langey se viu recebendo apoio e admiração principalmente de mulheres. Além disso, a perícia médica realizada em Marie de Saint-Simon constatou que ela não era mais virgem, o que fez tender a opinião geral para a absolvição da acusação de impotência sexual do marquês. Mas parece que ele estava ainda sendo levado pela popularidade adquirida e solicita que se faça a prova de cópula sexual: ele deverá ter uma relação sexual com sua esposa e ter o ato testemunhado por uma equipe formada por médicos, cirurgiões e parteiras.

As notícias correm novamente, a popularidade do marquês cresce ainda mais e, no momento do fatídico ato, derrota total. De Langey não consegue “se erguer”. Sua esposa, com isso, consegue o desejado divórcio e ainda recebe seu dote de volta. Já o marquês, além de ter sido proibido de se casar novamente (o que ele descumpra anos depois), vê toda a notoriedade anterior se voltar contra si. Seu próprio nome se tornou sinônimo para “impotente” (*Ibidem*, p. 110-114).

No dia 16 de julho de 2020, um usuário da rede social Twitter, Rubén Oviaska, publicou duas fotos com a mesma cena de ângulos diferentes: em uma rua da Espanha, vê-se dois homens de mãos dadas. Um deles, que mostra já possuir idade avançada, é o pai de Rubén. O outro, bem mais jovem, é o namorado de Rubén, logo genro do senhor que aparece puxando-o pela mão. Junto às fotos, Rubén escreve que seu namorado tinha medo de andar de mãos dadas com ele em público, algo aparentemente normal para casais heterossexuais do atual ocidente. O pai de Rubén, ao tomar ciência disso, resolve ele mesmo ajudar o genro a superar tal medo, gerando o ato que culminou nas fotos e na postagem na rede social. Uma bela cena que pode ser explorada.

A pessoa que esteja lendo este texto provavelmente deve estar se perguntando por que decidi iniciar com essas três descrições tão diferentes uma da outra. Acredito que eu possa mesmo ter causado irritação em alguns por haver, teoricamente, fugido ao tema proposta em meu título. Porém, espero que outros tenham percebido que cada um desses casos descritos possui para relevância para pensarmos sobre a relação entre masculinidade e normalidade. Contudo, antes de explorá-los como eles merecem, é justo que se aborde um pouco sobre a ideia de normalidade.

O filósofo alemão Bernhard Waldenfels nos fornece uma boa e interessante definição de normalidade que leva em consideração não apenas a ideia de normal, mas também a de norma, regra. Não à toa, a raiz etimológica de normal, palavra que possui a mesma grafia em alemão (WAHRIG-BURFEIND, 2011, p. 765), remonta ao latim *normalis*, “feito com o esquadro de um carpinteiro, formando um ângulo de 90°”¹ (GLARE, 2016, p. 1309), sendo essa própria palavra uma derivação do também latim *norma*, “esquadro”, “ângulo correto”, mas que também poderia significar “regra” ou “lei” (*Idem*; FARIA,

1962, p. 650). Assim, tendo normal surgido a partir de norma, não nos surpreende a fala de Wandenfels (2005, p. 60):

O termo “norma”, originariamente destinado a denotar um instrumento de medida, uma linha ou um esquadro de que se serve o arquiteto, se divide em “normalidade” e “normatividade”. Os dois termos se assemelham fortemente, como pode-se então explicar sua diferença? Desde Hume ou Kant, tende-se a conceber a normalidade como um complexo de regras descritivas, e a normatividade como um complexo de regras prescritivas. As primeiras se relacionam com questões de fato, enquanto que as outras com questões de direito. O comportamento humano está submetido às duas dimensões (normalidade e normatividade) [...]. De fato, essa simples antinomia sucumbe a dois tipos de fraquezas: uma relacionada à encarnação de normas, outra à gênese destas. Por um lado, toda norma tem um certo assentamento na vida. As normas são encarnadas como hábitos, costumes e moralidades. O que se resulta não se encontra qualificado como estritamente justo ou injusto, bom ou mal, funcional ou disfuncional, mas como conveniente ou inconveniente [...]. Os costumes sustentam-se em instituições mais ou menos formais, em que regras determinam que comportamento ou procedimento vale como correto. Por outro lado, não há normas sem que elas sejam apreendidas e apropriadas. Elas se constituem através de uma gênese que, no limite, se ergue de um evento de *Stiftung* (fundação), mesmo se este se afunda em uma pré-história da qual não subsistem senão traços.²

Por essa relação, seria possível dizer que há uma tendência para que o que seja normal seja também normativo (na forma de regra social, lei jurídica ou o que for), assim como o normativo tende a se normalizar caso seja aceito por uma comunidade ou grupo de pessoas. Claro que nem sempre isso ocorrerá dessa forma e não é nada difícil pensar em argumentos e/ou exemplos que contradigam essa tendência. Um comportamento normalizado por uma comunidade de determinado local pode existir totalmente alheio ou até contrário à lei, enquanto que esta última, sendo uma forma de manifestação da normatividade³, pode jamais ser absorvida e seguida pela população, permanecendo, como se diz, “letra morta”.

Contudo, algo importante a se ter em mente é que tanto a normalidade quanto a normatividade são determinadas pelo contexto histórico, ou seja, surgem e variam de acordo com cada local e época. Isso é um ponto importante para meu presente texto: aquilo que é visto e aceito

como normal muda e se transforma, principalmente com o tempo. É para ilustrar isso que iniciei o texto com os relatos apresentados.

O caso do Egito serve como um bom exemplo de sistema de normas e normalidade social que nos é mais nítido pela distância, temporal e espacial, que nos separa dos antigos egípcios. O Egito gestou e se orientou a partir da ideia de *Maat*, um termo que agrega em si noções como justiça, ordem, verdade, equilíbrio cósmico, equilíbrio social (principalmente da hierarquia) e retidão (de pensamento e comportamento). *Maat*, então, orientava o que se deveria fazer e pensar e o que deveria ser evitado, assim como, em última instância, o que seria visto como normal e o que seria o anormal (ou, em termos mais egípcios, caótico). Nisso, há também, é claro, o tipo de comportamento que se espera de homens e mulheres, sendo a homossexualidade algo que, como já apresentei, um caso a ser evitado para não se agisse contra *Maat*.

Já o caso do marquês de Langey nos traz uma perspectiva interessante para este texto. Ocorre que era normal que, dentre os séculos XVI e XVIII, ao menos na França estudada por Pierre Damon, a impotência sexual fosse um motivo para a anulação de casamentos. Isso repousa não só em normas jurídicas laicas, como também em códigos canônicos eclesiásticos e até mesmo escritos teológicos. Sendo o casamento visto como uma forma de controlar os impulsos e vontades sexuais por parte da Igreja, a impossibilidade de cumprir e atender aos desejos do cônjuge era um motivo para a anulação do matrimônio mais forte que a incapacidade de gerar filhos (DARMON, 1988, p. 75-77). E isso pesava fortemente contra o homem, de quem se exigia que se exercesse sempre o papel de virilidade e capacidade de dominação verbal. Claro que existia também a possibilidade de impotência feminina, mas como ela nem sempre fornecia um impedimento biológico para o ato sexual e, principalmente, o prazer do marido, foram poucos os casos de impotência feminina que chegaram a culminar em divórcio (*Ibidem*, p. 52-56). Assim, o “tribunal da impotência”, que não deixava de ser um instrumento de condenação da mulher (*Ibidem*, p. 23-24, 118-121), constituiu-se em uma exigência de norma e de normalidade e perfeição sobre os homens.

Já o terceiro exemplo apresentado, do sogro ajudando o genro a superar o medo de andar de mãos dadas com seu namorado, é o que mais se liga ao escopo da normalidade e, devo dizer, o ponto que mais me

atrai a nível pessoal. A notícia pode ser classificada como algo belo ou até mesmo fofo, gerando diversas reações de aplausos e elogios, mas ela merece reflexão. Para um casal heterossexual (e cisgênero, acrescento), o ato de andar ou de ser visto em público de mãos dadas é extremamente banal e normal, não gerando nenhuma reflexão sobre. Mas isso se torna completamente diferente para um casal que fuja da ideia de homem e mulher cisgêneros e heterossexuais. Um casal não hétero e/ou não cis, seja ele qual for, costuma já ser habituado a muitas vezes evitar realizar um ato tão simples, mesmo que a nível íntimo eles talvez já morem juntos e partilhem de uma vida sexual duradoura. Ou, se não evitam, na verdade já se acostumaram e se muniram de coragem contra os olhares e represálias que normalmente recebem e que podem, muitas vezes, chegar à própria violência física.

Meu ponto com esse último exemplo é que, enquanto o andar de mãos dadas pode ser absurdamente normal para um casal cis e hétero de nosso atual contexto social, muitas vezes se trata de algo altamente excepcional para uma pessoa não cis e não heterossexual. A reação de medo do jovem espanhol auxiliado pelo senhor foi certamente compreendida e vista como normal por pessoas LGBTQIA+ que foram informadas do ocorrido, reação que eu mesmo tive. Para essas pessoas, o mero ato de dar as mãos se torna uma mensagem ousada de existimos, o que faz com que o medo da violência se torne o normal de verdade.

A normalidade, então, se manifesta de forma diferente para as pessoas de um mesmo contexto histórico de acordo com o rol de estruturas que estão em jogo: questões sociais, religiosas, culturais, políticas, étnicas, de identidade sexual, identidade de gênero, etc. Mas essas estruturas são tão mutáveis quanto as sociedades e civilizações também o são. Já não nos guiamos mais por um conceito abstrato de ordem e justiça que defende a existência de uma hierarquização social permanente. A impotência sexual já não é mais algo condenado que gera até represálias legais e jurídicas. Mas ainda nos encontramos em um contexto em que atos simples de afeto se tornam transgressões de padrões e normas sociais, não raro gerando represálias caracterizáveis, dentre outras, como homofobia ou transfobia. Felizmente, na opinião deste autor, isso também vai passar por um processo de mutação que, acredito, já se iniciou, mas que ainda levará bastante tempo e ação

dos sujeitos sócio-históricos para se consolidar. Enquanto isso não ocorre, infelizmente, a normalidade para muitos permanecerá sendo o de medo e de violência.

¹Tradução livre. “*Made according to a carpenter’s square, forming an angle of 90°*”.

²Tradução livre. “*Le terme ‘norme’, originairement destine à dénoter un instrument de mesure, un cordeau ou une équerre dont se sert l’architecte, se divise en ‘normalité’ et ‘normativité’. Les deux termes se ressemblent fortement, comment peut-on alors expliquer leur différence ? Depuis Hume ou Kant, on tend à concevoir la normalité comme un complexe de règles descriptives, et la normativité comme un complexe de règles prescriptives. Les unes portent sur des questions de fait, les autres sur des questions de droit. Le comportement humain est soumis aux deux dimensions (normalité et normativité) [...]. En fait, cette simple antinomie a deux sortes de faiblesse : l’une se rapportent à l’incarnation des normes, l’autre à leur genèse. D’une part, toute norme a une certaine assise dans la vie. Les normes sont incarnées en tant que habitus, coutumes et mœurs. Ce qui en résulte ne se trouve pas qualifié comme strictement juste ou injuste, bon ou mauvais, fonctionnel ou dysfonctionnel, mais comme convenant ou inconvenant [...]. Les coutumes sont soutenues par des institutions plus ou moins formelles, dont les règles déterminent quel comportement ou procédure vaut comme correct. D’autre part, il n’y a pas de normes sans qu’elles soient apprises et appropriées. Elles se constituent à travers une genèse qui, à la limite, relève d’un événement de Stiftung (fondation) même si celui-ci s’enfonce dans une préhistoire dont ne subsistent que des traces*”.

³Há outras, como uma regra social que existe a partir do próprio costume sem nunca ter recebido o amparo ou a ratificação de algum poder ou liderança política.

Referências

ARAÚJO, E. **Escrito para a eternidade**: a literatura no Egito faraônico. Brasília: UnB, 2000.

ASSMANN, J. *Maât, l'Égypte pharaonique et l'idée de justice sociale. Conférences, Essais et Leçons du Collège de France*. Paris : Julliard, 1989.

DARMON, P. **O tribunal da impotência**: virilidade e fracassos conjugais na antiga França. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

CARVALHO, M. **Sogro anda de mãos dadas com genro para ajudá-lo a superar medo de sair na rua com o namorado**. 2020. Disponível: <<https://razoesparaacreditar.com/homem-maos-dadas-genro/>>. Acesso em: ago. 2020.

FARIA, E. (Org.). **Dicionário escolar latino-português**. Rio de Janeiro: MEC, 1962.

FAULKNER, R. O. *The ancient Egyptian Book of the dead*. London: The British Museum Press, 2010.

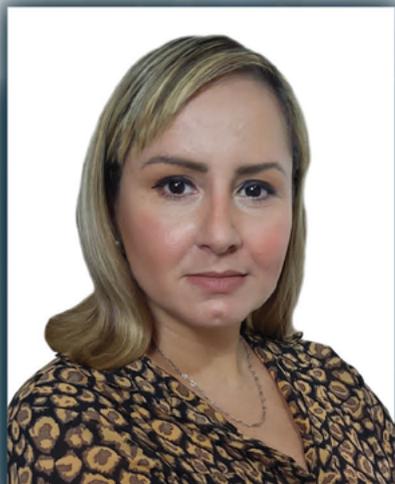
GLARE, P. G. W (org.). *Oxford latin dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

MENU, B. *Maât, l'ordre juste du monde*. Paris : Éditions Michalon, 2005.

Prova prática: os julgamentos de impotência sexual. 2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/julgamentos-impotencia-sexual-historia.phtml/>>. Acesso em: ago. 2020.

WAHRIG-BURFEIND, R. (Org.). *Wahrig*: dicionário semibílingue para brasileiros – alemão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

What exactly is 'normal'? The history of a pretty regular word. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/words-at-play/what-is-normal-word-history-meaning/>>. Acesso em: ago. 2020.



Nathalie Drumond



(21) 99771-5760



nathaliedrumond01@gmail.com



@nathaliedrumond01



Nathalie Drumond

- Empreendedora;
- Mestre em História – UFRRJ;
- Pós-graduada em História Antiga e Medieval - Religião e Cultura – Faculdade São Bento do Rio de Janeiro;
- Teóloga;
- Profissional de Marketing de Rede;
- Consultora em gestão de processos e equipe;
- Professora Universitária em Pós-graduação e palestrante;
- Experiência em organização e gestão de estruturas administrativas no setor público e privado, gerenciamento de projetos, treinamento de equipes de vendas, cargos de diretoria, *e-commerce* e mediação de conflitos;
- Estudos na área psicanalítica e mediação de conflitos.

Homem, provedor e empreendedor: o machismo estruturado e estruturante no meio empresarial

Desejo fazer uma provocação. Talvez o intuito seja levar você, caro leitor, a refletir sobre os espaços que te cercam e como eles são organizados em suas estruturas, seja nas relações pessoais ou profissionais. Gostaria que você observasse com mais afinco o seu cotidiano e se retirasse do lugar de figura de passagem. Sendo apenas um expectador da realidade, chega no final do dia exausto após um árduo dia de trabalho sem ter o necessário olhar provocador sobre assuntos que diariamente nos provocam. Ou seja, sem perceber os “conflitos simbólicos da vida quotidiana” (BOURDIEU, 1989, p. 12).

Com uma proposta voltada a falar sobre o empreendedorismo e suas conexões estruturadas e estruturantes com o gênero masculino, vamos além do discurso amplamente difundido e até repetitivo. O “copia e cola do sucesso” geralmente conecta o tema a 1) frases motivacionais em que tudo no final vai dar certo (preciso te dizer que nem sempre tudo dá certo e que precisamos treinar nossa mente para também lidar com as perdas e frustrações da vida) ou 2) ao uso da simplória dialética que tenciona as relações humanas num grande “sim” ou “não” ou num grande “é” ou “não é”. É aquela velha história do empresário milionário dito de sucesso, mas que não trata seus funcionários da melhor forma. Ele é um sucesso? O que seria ser um sucesso? Ser rico é ter sucesso?

Antes de entrar nessa seara, é importante nos distanciarmos desse pensamento binário que simplifica e não dá conta de trazer respostas efetivas ao dia a dia de quem tem seu próprio negócio. É compreender que o meio empreendedor, como um meio de relações efetivamente humanas e que está envolto em sonhos e expectativas de uma mudança de vida através da alavancagem financeira, também é um ambiente construído.

O meio empresarial/empreendedor foi pensado para ser como é por pessoas que nele transitam e essas mesmas pessoas perpetuam este modo de pensar para que ele se mantenha como está, e claro, também os mantenham onde estão. Neste sentido, Pierre Bourdieu nos mostra que:

Todas essas pessoas que lutam para dizer como se deve ver o mundo são profissionais de uma forma de ação mágica, que mediante palavras capazes de falar ao corpo, de “tocar”, fazem com que se veja e se acredite, obtendo desse modo efeitos totalmente reais, ações (BOURDIEU, 2004, p. 121-122).

Esta ação mágica que cria símbolos e significados para dizer como as coisas devem funcionar é uma espécie de poder, o Poder Simbólico. Bourdieu nos mostra que esta “mágica” tem a capacidade de estruturar uma forma de ver-fazer do mundo, em que ela cria as bases e justificativas para dar sentido às práticas da vida já em curso (já estruturada) e, por outro lado, colaborar de forma estruturante para manutenção das relações de poder estabelecidas. Simplificando: quem está embaixo quer subir e quem está em cima quer ficar.

O uso desse poder vem mediante ao nível de capital simbólico que se possui. Ao falar de capital, talvez você pense diretamente em dinheiro, mas na verdade estamos falando de poder de influência. Além de financeira, ele se manifesta através das mídias e religião, dentre outras formas. Porém, devemos perceber que esse capital é geralmente masculino e é sobre esse poderio do homem em construir e manter o seu lugar de destaque no meio empreendedor que será debatido aqui. O papo é sobre o uso deste capital simbólico manipulado pelo patriarcado no qual, através de ações estruturadas e estruturantes, busca se manter no poder e, direta ou indiretamente, fecha portas para aquilo que é feminino nesse meio.

Dito isso, voltemos à questão do sucesso. Para falar sobre o tema mais explorado no meio empreendedor e que se caracteriza como objetivo final de quem empreende, penso ser necessário compreender a forma como enxergamos esse elemento. Quais seriam as ideias que temos sobre ser bem sucedido e quem detém o poder de construir este imaginário que para nós parece ser tão natural? José D’Assunção Barros (2007, p. 27) explica que o imaginário seria um sistema de produção de imagens visuais, mentais ou verbais que geram a construção de determinadas representações.

Sendo essa a palavra que não sai da boca do exímio empreendedor, o sucesso se conecta a todo um imaginário relacionado à busca por mudança de vida. E essa palavra se conecta a todo um imaginário associado a uma busca por uma mudança de vida. Muitas vezes definida de forma atrelada a bens materiais, poucos lembram que ter uma vida de sucesso passa muito mais pela identificação e cumprimento de seu propósito do que por qualquer outra coisa.

Em meio a atividades de alta performance, é comum vermos toda uma construção imagética materialista de carros importados, grifes, imóveis

de luxo, viagens internacionais e belas mulheres. Sim, mulheres aparecem de forma objetificada como troféus a serem exibidas por homens viris e de grandes resultados. Poucas são as atrizes principais apresentadas ao grande público no palco empreendedor, mas a maioria é demonstrada (e não apresentada) como parte das conquistas da vida de um grande homem.

O espaço empreendedor ainda hoje não é pensado para mulheres em suas especificidades, como ser mãe solo, não ter uma rede de apoio para ajudar no cuidado com os filhos, TPM e a mudança de humor, estafa pela jornada dupla que executam e amamentação.

Acredito que, ao pensar nessas questões, nossas estruturas culturais embasadas na figura masculina como centro e provedor não nos levam a conectar esses temas tão cotidianos ao empreendedorismo.

Se pensarmos numa imagem de sucesso, considerando as bases em que a maioria de nós fomos criados, essa representação seria a de um homem hétero de terno, branco, alto, de aliança no dedo, sorridente e seguindo todo um padrão do que é ser belo. Porém, segundo o Relatório Especial de Março de 2019 do SEBRAE intitulado “Empreendedorismo Feminino no Brasil”, temos neste país mais de 24 milhões de mulheres empreendendo, enquanto os homens são 28 milhões.

Portanto, vemos que o empreendedorismo brasileiro “veste saia”. Aliás, elas também vestem terno ou vestes aproximadas, pois o machismo estruturado nos faz enxergar que a masculinidade é força e comando. É interessante perceber que a dominação masculina requer uma incorporação, uma manifestação de símbolos que reiteram esse poderio, o que foi chamado por Virginia Woolf (2015) de “poder hipnótico da dominação”.

Neste sentido, o dominado não enxerga a dominação, entendendo as práticas e símbolos culturalmente construídos e incorporados em seu cotidiano como algo natural. Sabe aquelas crenças limitantes de que você veio de uma família humilde e que não adianta você tentar mudar de vida que nada vai dar certo? Isso é uma programação culturalmente feita para que você não busque pela sua alavancagem financeira. E mais: saiba que existe toda uma estrutura social que deseja manter as coisas como estão. Portanto, alimente sua mente e se aproxime de pessoas que compartilham da mesma visão que você. Crie força dentro de você, determine seus objetivos de vida e não dê ouvidos aos ladrões de sonhos.

Se o relatório do SEBRAE nos mostra que de cada 10 homens empreendedores 6,5 viram “donos de negócio” e a cada 10 mulheres 3,9 viram “donas de negócio”, a *Forbes* tem um número ainda mais interessante. Ao falar sobre as 20 mulheres mais poderosas do Brasil, dois dados são apresentados. Primeiro, nas grandes corporações, apenas 5% dos CEOs são mulheres. E o segundo dado, ainda mais preocupante, é que:

As mulheres vão ganhar o mesmo que homens apenas em 2085, vão ocupar 51% dos cargos de diretoria executiva (percentual proporcional ao que elas representam na população brasileira) em 2126 e a mesma parcela em cargos de alta gestão somente no ano 2213 (FORBES BRASIL, 25 de maio de 2019).

Ao observar esses números, percebemos que a desigualdade existente no mercado de trabalho para as mulheres reflete tanto na vida de uma vendedora caseira de alimentos quanto na de uma alta chefia de empresa. E um fator precisa ser destacado: esses números atingem em cheio o discurso meritocrático. Nunca foi apenas sobre quem estudou mais ou menos ou quem se esforçou e quem foi preguiçoso. Não iremos aqui retirar o valor do mérito, porém, é inviável trabalhá-lo como um sistema que gera oportunidades iguais para todos ao observarmos estes números.

Quando limitamos a ação das mulheres no meio empreendedor, limitamos o desenvolvimento econômico de nosso país – A revista *Forbes* salienta que “reduzir a disparidade de gênero no empreendedorismo pode aumentar a economia global de US\$ 2,5 trilhões para US\$ 5 trilhões”. Porém, a realidade é outra. Vemos mulheres sendo excluídas de um processo real de crescimento pelo mérito ao serem dificultadas ao máximo, tanto na divulgação de seus produtos e serviços, quanto na limitação de seu acesso ao conhecimento.

Acreditem: ainda hoje existem palestras e seminários de negócios em que uma mãe solo não pode frequentar estando com um bebê de colo. Ou seja, aquele lugar não foi feito para ela, pensado para ela e os comentários são os mais machistas possíveis: “cadê o pai da criança”, “que ela arrume alguém pra ficar com o bebê”, “quis ser mãe solteira, agora se vire”. Tais práticas, sem dúvida, reiteram a força do patriarcado e limitam a subida feminina a escada do sucesso.

O discurso de merecimento vindo da boca de quem já alavancou financeiramente (ou herdou) é um discurso fácil, mas a realidade

mostra, em números, que existem estruturas desiguais que facilitam a vida de uns em detrimento das de outros. Porém, será que é possível alavancar financeiramente se você vem de uma condição mais humilde? Claro! Porém, você deve entender que o seu esforço será maior porque surgirão mais obstáculos na sua caminhada, mas é totalmente possível. E a mulher, enquanto minoria, precisa entender esse contexto e focar no cumprimento de seu propósito, mesmo que as adversidades se apresentem de forma mais contundente.

Se mantenha focado nos motivos pelos quais você empreende (melhorar a vida da sua família, pagar contas ou o que for) e não se distraia com os discursos contrários que aparecerão no seu caminho. São os seus motivos que não te deixarão parar. E não se esqueça que ladrões de sonhos geralmente são pessoas que não alcançam o seu nível de visão, não são referência de vida financeira e desejam te proteger do que pra eles é algo desconhecido.

Perceba: se a fala é de criatividade e meritocracia, por que o empreendedorismo tem sido tão *grow down*? Por que ele se enraíza no mais do mesmo e limita a ação criadora feminina? Muitas vezes posicionadas como “naturalmente” fracas e frágeis, são atingidas pelo imaginário masculino que associa mulheres bem sucedidas a “machonas”, “a que saiu com o chefe”, isso fora as interrupções em suas falas, os pedidos para buscar água ou os toques assediosos. Se existe um discurso de inclusão, autonomia, independência e diversidade no meio empreendedor, vemos que a prática é bem diferente: esse espaço masculino tem aos poucos inserido a figura da mulher por conta da luta da própria mulher. Simone de Beauvoir nos mostra que:

“os homens sempre detiveram todos os poderes concretos (...); julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro” e por isso tanto conflito nesta relação (BEAUVOIR, 1970, p. 179).

Começamos aqui falando de sucesso e como esse conceito tem sido utilizado. Porém sucesso, na verdade, está diretamente ligado à nossa capacidade de transbordo. Ao gostarmos de fazer algo e esse elemento vir a agregar um valor poderoso na vida das pessoas, ou seja, tornar-se um propósito de vida. Nas relações entre homens e mulheres, as quais ocorrem em meio a uma cultura que coloca o homem como forte e

provedor, deve-se parar para refletir até que ponto essa desigualdade faz mal ao próprio homem e lança sobre ele um peso financeiro e de força que muitas vezes se torna insuportável e faz com que ambos, homens e mulheres empreendedores, estejam deixando de cumprir um bom propósito em suas vidas.

Referências

BARROS, J. D. **História, imaginário e mentalidades:** delineamentos possíveis. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, jan./jun. 2007.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo:** a experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Coisas ditas.** Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **O poder simbólico.** Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

As mulheres mais poderosas do Brasil. 25 mai 2019. Disponível em: <<https://forbes.com.br/escolhas-do-editor/2019/05/as-mulheres-mais-poderosas-do-brasil-3/>>. Acesso em: dez. 2020.

SEBRAE. **Relatório especial:** empreendedorismo feminino no Brasil. Mar 2019. Disponível em: <www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019_v5.pdf>. Acesso em: dez. 2020.

WOOLF, V. **Três Guineas.** Buenos Aires: GODOT, 2015.



Humberto Baltar

-  paispretos@bk.ru
-  @paispretos
-  paispretos
-  @paispretos
-  [linkedin.com/in/hbaltar](https://www.linkedin.com/in/hbaltar)
-  <https://linktr.ee/paispretos>

- Educador no ensino público e privado há 20 anos;
- Tradutor e intérprete;
- Palestrante e consultor étnico-racial;
- Diretor da Humberto Baltar *Consulting*, que oferece cursos personalizados de inglês *online*;
- Idealizador do coletivo Pais Pretos Presentes, um coletivo de pais e mães pretas que formam uma rede de apoio parental baseada na ancestralidade africana.

Paternidade preta: masculinidades negras circunscritas

No Brasil, a vida do homem preto é pavimentada de desafios: pessoais, sociais, econômicos, psicológicos, espirituais e familiares. A medida que tentamos superar essas dificuldades, algo em comum a todas elas vai se manifestando como um pano de fundo. Esse processo às vezes se dá sutilmente e, em alguns casos, já se apresenta de forma abrupta, dependendo do ambiente e cultura nos quais estamos inseridos. Seja por desinformação ou medo de sofrer, a maioria de nós tende a ignorar o fato de que as principais mazelas, violências e privações que recaem sobre nós derivam de alguma expressão do racismo estrutural. O problema é que, quando nos tornamos pais, precisamos decidir se nossos filhos serão preparados para lidar com essa realidade racial de exclusão, indiferença e alienação ou tomaremos para nós a missão de orientá-los sobre como se posicionar diante de ataques racistas, falta de representatividade e mensagens subliminares nos livros, músicas e programas de TV.

Comigo não foi diferente. A descoberta da minha paternidade exigiu um posicionamento. Em agosto de 2018, um dia antes do dia dos pais, eu estava esperando a minha esposa para tomarmos café da manhã na nossa padaria preferida. Quando chegou, ela me cumprimentou com um tom de voz diferente, que me deixou na expectativa de novidades. Logo em seguida ela me deu a grande notícia – estávamos grávidos. Fui tomado por uma euforia que me surpreendeu, pois embora sempre tenha sonhado com a paternidade, eu ainda a enxergava como algo distante.

Ainda enquanto comemorava, me lembrei da minha infância e de como foi difícil não ter estrutura, informação ou acolhimento para lidar com o racismo na escola. Pensei no tempo que levei para aprender a amar meu cabelo, meu nariz, meu tom de pele e a minha ancestralidade. Só deixei o *black* crescer depois dos 30, quando morava sozinho. Na época da escola, ainda reinava o discurso que associava o cabelo crespo grande ao piolho. Meu cabelo sempre foi raspado à máquina. Meus pais não me disseram nada sobre a África, autoafeto ou personagens pretos que contribuíram para a formação da nossa sociedade. Eles não receberam essa formação dos pais deles. Pensando nisso, decidi que não queria continuar esse ciclo de ignorância sobre nossas raízes. Costumo dizer que a filosofia ancestral africana salvou a mim, ao meu casamento e à minha paternidade. A própria noção do que é ser homem é completamente diferente. Enquanto aqui no ocidente a branquitude nos ensina a associar a masculinidade à

autossuficiência, a ancestralidade preta mostra, através da filosofia Ubuntu, que somos através da coletividade, cooperação e colaboração.

Pensando nisso e na paternidade que eu queria pra mim e para o meu filho, lancei uma pergunta nas redes sociais: “Alguém pode me apresentar um pai preto presente?”. A postagem viralizou, vários pais foram marcados na publicação e muitos deram a ideia de iniciarmos um grupo no *WhatsApp* para falar de paternidades, masculinidades e afeto. A princípio, eu achei que havia nascido um grupo de bate papo, mas logo nos primeiros dias, três relatos compartilhados me mostraram uma outra realidade.

Um irmão transexual e soropositivo que sonhava com a paternidade falava de como esse sonho parecia cada vez mais impossível, o que o levou a cogitar o suicídio por diversas vezes. Outro de nossos irmãos trouxe o caso de seu filho de apenas 4 anos que não queria ir para a escola e se recusava a dizer o motivo. Quando ele insistiu, o menino explicou que era porque um coleguinha disse que não gostava de ficar perto de menino preto. Em um terceiro relato, um pai que perdeu uma bebê de poucos meses falou de como as pessoas só levavam um consolo, abraço, flores e amparo para a mãe da criança e ignoravam completamente o luto e a dor dele. Passamos dias refletindo sobre a invisibilidade da humanidade e dos sentimentos do homem preto. Isso me deu uma nova dimensão do que estávamos construindo. Não era um grupo de bate papo, mas uma verdadeira rede de apoio e um espaço de cura, acolhimento e escuta ativa. Assim nasceu o coletivo Pais Pretos Presentes.

A minha vida escolar e acadêmica foi marcada pelo racismo. Eu sempre observava que, mesmo quando a intenção era combater o racismo, a própria dinâmica das atividades colocava pessoas pretas em um lugar de exceção, subalternidade ou invisibilidade, já que nunca éramos convidados a falar sobre como nos sentíamos ou o que gostaríamos que mudasse. Como exemplo, posso citar uma aula em que a professora sugeriu que a gente lesse o livro *Menina Bonita do Laço de Fita*. A personagem principal era uma menina preta e havia um coelho branco que queria ser igual a ela e, nessa tentativa, uma das coisas que ele faz no livro é tomar um banho de graxa. Na mesma hora que lemos esse trecho, vários alunos riram de mim dizendo que eu era preto porque tinha tomado banho de graxa e a professora simplesmente não soube lidar com a situação. Ela considerou tudo uma brincadeira de crianças, minimizou o fato e eu não quis levar mais uma preocupação para a minha mãe, que trabalhava o dia inteiro, ia me buscar cansada no fim da tarde e até hoje nem sabe que isso aconteceu.

A filósofa Katiúscia Ribeiro afirma que a escola só contribuirá para a emancipação de crianças pretas quando reconhecer a humanidade delas. Olhando para trás, penso em como teria sido incrível se o meu pai tivesse ido à escola reclamar da escolha do livro ou do despreparo generalizado para abordá-lo. Falo como aluno, como filho e como educador no ensino público há 20 anos. A sub-representatividade das paternidades pretas começa na escola que, como muito bem afirma Silvio de Almeida, é um braço do racismo estrutural. Praticamente não há livros infantis com protagonismo preto masculino. Na realidade, observo que as subjetividades pretas são sabotadas por um tripé formado pela escola, pela igreja e pelo estado.

Frequento igrejas desde a década de 1990 e nunca ouvi uma liderança cristã falando sobre algo positivo no continente africano. Muito pelo contrário, afirmam ser um continente amaldiçoado e condenado por Deus à pobreza, à fome e às doenças. Como é possível ter orgulho da própria ancestralidade e descendência em uma atmosfera assim? Até o ECA, crianças oriundas de comunidades assoladas pela pobreza, ou seja, em grande parte pretas, não tinham sequer a infância reconhecida. Uma pesquisa rápida mostra que o menino das favelas era chamado de “menor”, termo que o desumaniza e torna mais aceitável sua punição, reclusão e até morte caso cometesse infrações da lei. O menino preto, salvo raras exceções, não tem razões pra idealizar uma família feliz ou paternidade presente. Faltam exemplos positivos de autoamor preto nas três esferas citadas e sobram referências negativas. Ainda há salas de aula onde afirmam que o preto brasileiro é descendente de escravos. Personagens pretos relevantes como a poetisa Carolina de Jesus, o jurista abolicionista Luiz Gama ou os engenheiros irmãos Rebouças sequer são citados nos 12 anos de vida escolar compulsória.

Pensar paternidades pretas exige um posicionamento sobre a escola que queremos não apenas para os nossos filhos, mas para que as crianças de fora da comunidade preta tenham acesso a uma educação verdadeiramente antirracista, que cumpra a Lei 10.639/03. No coletivo, defendemos uma postura propositiva. Não é construtivo reclamarmos do racismo estrutural e não oferecermos soluções. Temos um grupo de estudos da ancestralidade africana que se reúne aos domingos no *Telegram* e oferecemos aulas sobre essa lei tão importante, que estabelece o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas. Entretanto, estudar apenas não resolve.

Bell Hooks, no texto *Vivendo de Amor*, aborda como a experiência com o afeto é rara na vida das pessoas pretas. A autora sinaliza que, desde a escravização do nosso povo, somos submetidos a um afastamento forçoso dos nossos parentes e entes queridos muitas vezes ainda na infância. Antes, pela escravização. Hoje, a necessidade lança crianças pretas ao subemprego e essas seguem liderando a evasão escolar. Não há troca de afeto com os pais; a vida amorosa, quando existente, é embrutecida, e, na fase adulta, seguimos na indigência afetiva.

Considerando essa realidade, promovemos uma roda de conversa *online* semanal para falar de afeto, criação com apego, cama compartilhada, parentalidade e vida amorosa, além de diversas outras questões vividas pelos pais e mães pretas no coletivo. É crucial entendermos que pais e mães pretas devem dar as mãos e lutar juntos pela emancipação das famílias pretas, pela emancipação do povo preto. Sobonfu Somé, no livro *O Espírito da Intimidade*, fala sobre como homens e mulheres são parceiros evolutivos na concepção africana de amor. Ao contrário do amor romântico hollywoodiano, é um projeto de travessia que leva uma família a se formar na nossa ancestralidade. Valores, princípios e metas são muito mais decisivos que a cor dos olhos, textura do cabelo ou beleza física nessa concepção de relacionamento. Clenora Hudson também elenca diversos princípios basais do Mulherismo Africana, que propõe a emancipação do povo preto em oposição à emancipação das mulheres almejada pelo feminismo. Pensar a paternidade preta sem a escuta, acolhimento, apoio e projeto de emancipação conjunta com as mães pretas é infrutífero. Por isso, temos grupos de pais pretos, de mães pretas, de pais e mães pretas e de pais e mães que não são pretos, mas têm filhos adotivos ou enteados pretos e desejam aprender a empoderá-los racialmente.

O *adinkra sankofa*, que retrata um pássaro olhando para trás para voar mais longe, representa perfeitamente nossa meta enquanto comunidade. Estudamos nossa ancestralidade para resgatarmos nosso amor-próprio, brio, autoafeto e orgulho de quem somos. Nei Lopes afirma, em seu livro *Kitábu*, que, na concepção ancestral africana, o tempo não é linear, mas na realidade, passado, presente e futuro se fundem. Aprendemos com os nossos ancestrais a sermos melhores para os nossos filhos que, em contrapartida, poderão exercer uma parentalidade ainda mais sadia e emancipatória que a nossa.

A paternidade preta emancipatória deve se espelhar em modelos pretos, para que seja verdadeiramente decolonial. O pai preto que busca

reproduzir comportamentos machistas para se ver em posição superior a das mulheres está duplamente equivocado. Além de o machismo ser um projeto da branquitude que não dá lugar de poder ao homem preto, no entendimento africano a mulher preta é uma extensão do homem preto e ele é uma extensão dela. Da mesma forma, os filhos são uma extensão de ambos. Em outras palavras, somos um só povo. Mesmo fora do continente africano.

Nessa perspectiva, oprimir uma mulher preta é agredir a si mesmo. O Mulherismo Africano também traz a mesma concepção. O homem preto não precisa de ideologias geridas, mantidas ou protagonizadas pela branquitude para se tornar um pai, filho ou homem melhor. Tal pensamento é colonial e colonizante, pois não leva em conta o potencial do legado deixado pelos nossos ancestrais. Conceitos como afrocentricidade, pan-africanismo e uma educação parental afroperspectivada podem elevar o pai preto e a mãe preta a um lugar de pertencimento a suas origens, ancestralidade e tradições. Precisamos cultivar valores basilares para uma paternidade preta saudável.

Pelo menos cinco pontos podem ser destacados nesse sentido: aquilombamento, ou a vida em comunidades pretas que buscam o empoderamento; representatividade, dando visibilidade a pais afetivos, famílias pretas unidas e as diversas contribuições da cultura africana; letramento racial, ou estudo de pensadores pretos que visam a emancipação do olhar colonizado da realidade; educação parental afroperspectivada, que traz modelos africanos de vida familiar e criação dos filhos, que contemplem nossas especificidades; e por último, mas igualmente importante, a promoção das paternidades pretas: pais pretos precisam promover modelos saudáveis de paternidade.

A comunidade preta carece de contranarrativas que se oponham à ideia massificada pela mídia que o pai preto é abusivo, ausente, criminoso ou violento. Nesse sentido, nosso coletivo tem promovido inúmeras discussões em *lives*, cursos, seminários e congressos, apresentando diversos exemplos de paternidade preta saudável, afetiva e participativa. Essa pauta é tão importante que diante da campanha do antirracismo, muitas empresas públicas e privadas nos convidaram para palestrar sobre paternidades pretas, como o DEGASE, EMERJ, Instituto Promundo, *Plan International*, *Johnson & Johnson*, Pais & Filhos, *Salon Line*, Loja Reserva, MultiRio, SESC, Secretaria Estadual de Saúde, TV Cultura, UOL, *Facebook*, Fundação Telefônica VIVO, *Cognizant*, GT de Homens

pela Primeira Infância, ONG Aldeias Infantis, Ateliê ECOAR e atuamos em inúmeras parcerias com o portal “Papo de Homem”, que é referência na área de masculinidades e paternidades há 12 anos no Brasil.

Ainda há muito o que fazer no sentido de promover a humanidade e paternidade do homem preto, mas é imprescindível valorizarmos o trabalho conjunto com as mulheres e mães pretas e não perdermos de vista nossa emancipação enquanto povo. A paternidade preta não é uma pauta exclusiva dos homens pretos, assim como a luta pela promoção das mulheres pretas não pode ser exclusiva delas. Nosso coletivo só tem avançado tanto graças à parceria com as mães pretas presentes nos nossos grupos. Por causa do desejo de participação delas, precisamos crescer além do grupo de pais pretos. Hoje, somos quatro grupos no *WhatsApp*, o grupo de estudos no *Telegram*, o canal no *YouTube*, o grupo e a página no *Facebook*, o *podcast* no *Spotify* e o perfil no *Instagram*, que somam o apoio mais de 81 mil famílias.

Referências

HOOKS, B. **Vivendo de amor**. São Paulo: Editora Caravela, 2005.

HUDSON, C. *Africana womanism: reclaiming ourselves*. Abingdon: Routledge, 2019.

LOPES, N. **Kitábu: O Livro do Saber e do Espírito Negro-Africanos**. São Paulo: Senac, 2005.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NOGUEIRA, R. **O ensino de filosofia e a Lei 10.639/03**. Rio de Janeiro: CEAP, 2011.

RIBEIRO, K. **Kemet, escolas e Arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a Lei 10.639/03**. Rio de Janeiro: CEFET, 2017.

SOMÉ, S. **O espírito da intimidade**. São Paulo: Odysseus, 2003.



Lucimar Felisberto dos Santos



(21) 98599-8747



lucimarfelisbertodossantos@gmail.com



@lucimarfelis



lucimar.felisbertosantos

- Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro;
- Doutora em História Social do Brasil pela Universidade Federal da Bahia;
- Mestra em História pela Universidade Federal Fluminense;
- Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense;
- Professora das redes municipais de educação em Duque de Caxias e Guapimirim;
- Pesquisadora do Laboratório de História das Experiências Religiosas do Instituto de História (UFRJ);
- Pesquisadora do Centro de Altos Estudos e Pesquisas Afrikana e Afrodiaspórica do Instituto Hoju;
- Autora de artigos científicos que abordam História, Historiografia e Relações raciais no Brasil Colonial, Imperial e Republicano, com ênfase nas especificidades da história do Rio de Janeiro, escravista e urbano;
- Autora de artigos científicos que abordam as relações étnico-raciais com ênfase nas análises sobre gênero e classe.

Empreendedorismo: possibilidade de encontro entre o empoderamento feminino e a masculinidade

Um dos principais efeitos do patriarcado na vida das mulheres, sobretudo na de mulheres negras, é a assunção de um comportamento versátil, habilidoso e capaz de cálculos econômicos, objetivando a conquista de autonomia financeira. A estratégia se faz necessária, fundamentalmente, face à dificuldade de desconstruir, por outros meios, pilares simbolicamente estruturados por um sistema de relações sociais, baseado na dominação masculina, o que resultou em opressão política, econômica e cultural (BOURDIEU, 1999). Com efeito, ao se conceder poder por meio de um comportamento empreendedor, as mulheres oferecem uma resposta conjuntural de enfrentamento a implicações patológicas da masculinidade.

Ao fazer um recorte de gênero em uma pesquisa sobre o empreendedorismo no Brasil, ao longo do ano de 2019, a Rede Mulher Empreendedora apresenta aspectos relevantes para a discussão sobre masculinidade. Fundamentalmente, por deixar evidente que o papel desempenhado pela mulher empreendedora é atravessado negativamente pelos efeitos da violência simbólica da dominação masculina, historicamente estabelecidos no cotidiano das relações socioeconômicas. A pesquisa mostra que 59% das mulheres que empreendem são casadas, metade têm filhos, entram no mercado mais tarde que homens, que, por outro lado, têm maior grau de escolaridade e de foco. Importam os dados subjetivos comprometedores da autoestima feminina.

No caso, de acordo com a análise da pesquisadora Ana Fontes, mulheres se sentem menos confiantes do que homens em relação ao planejamento de seus negócios, quiçá sem problematizar aspectos psicossociais do comportamento feminino. Talvez seja o caso de defender um sócio-diagnóstico, ou seja, uma análise da participação da mulher no mercado de trabalho, que leve em conta limites das interações sociais que lhe são possíveis estabelecer. Não obstante, o compromisso com o papel que lhe foi social e culturalmente atribuído – de cuidar da família – aparece na pesquisa como a principal motivação para o empreendedorismo feminino, apesar de sugerir que a flexibilidade de horário que envolve a expectativa do cuidado resulta em menos tempo para as mulheres empreenderem.

Ainda que se sobressaia na análise a habilidade de ser multitarefa e o seu lado sentimental mais aguçado, que lhe confere algumas vantagens, as empreendedoras são percebidas como mais vulneráveis, dada a premissa de que representam um papel esperado dos homens, para o qual não são plenamente preparadas. Enquanto isso, os homens, cuja principal motivação é a obtenção de maior renda com a ascensão profissional, destacam-se em lucratividade. Ou seja, pode-se inferir que a responsabilidade de lidar com a família acaba prejudicando os negócios empreendidos por mulheres. Uma vez que, além de cuidar, ser base do sustento da família, se acresce a competitividade.

Segundo esse modo de interpretar, o mundo dos empreendimentos é percebido como masculino. A premissa tem como base a noção de que empreender envolve risco, incerteza e ação – daí ser entendido como um meio reservado aos homens. Um universo que pressupõe a capacidade de arriscar, de persuadir e de focar em um dado negócio. Transformada em norma social apreendida e interiorizada, em última instância, o ponto de vista sugere que mulheres, para empreender com segurança, precisam ou interiorizar componentes do comportamento masculino, ou se apoiar na figura de um sócio, que pode ser um amigo, irmão, marido, filho, etc.

Em suma, a discussão trata de desigualdades sociopolíticas entre homens e mulheres. Lidos a contrapelo, os dados auferidos com a pesquisa da Rede Mulher Empreendedora traduzem uma dimensão do quadro histórico que vem sendo questionado no âmbito das discussões sobre masculinidade, segundo as quais o homem estaria sendo colocado em xeque, especificamente por estar perdendo a noção de suas próprias identidades, sexual e de gênero. Os questionamentos levam em conta que, historicamente, ao se estabelecerem diferenças morais entre homens e mulheres, os primeiros tiveram suas atividades dirigidas para o mundo social mais amplo da economia, da política e das interações sociais para, assim, obter os recursos necessários ao sustento de sua família. Enquanto, complementarmente, as de sua mulher eram rigidamente restringidas ao mundo doméstico, do cuidado com a família (SILVA, 2000).

Assim, em uma reflexão sobre empreendedorismo e masculinidade, cabe um deslocamento da análise, para argumentar sobre a possibilidade de as mulheres projetarem no mercado de trabalho a expectativa de complementariedade esperada em um parceiro sexual. Segundo dados produzidos e publicados em um relatório do Sebrae, para o ano de 2019,

mulheres representam metade dos empreendedores no nosso país. Vale ressaltar que muitas delas estão invisibilizadas no registro, devido ao seu empreendimento ser um arranjo familiar. Isso se dá por ainda não o terem conduzido à formalização que, no Brasil, por exemplo, o governo vem buscando oferecer um tratamento jurídico aos negócios de pessoas que identificam uma oportunidade e assumem o risco de transformar sua visão do que é possível em realidade.

Tendo em vista a noção de que, de acordo com a mentalidade patriarcal, empreender é um processo que envolve risco, incerteza e ação, é um ponto crítico e reflexivo perceber que esse universo vem se tornando feminino; que diante de determinadas circunstâncias as mulheres socializam, assumindo papéis culturalmente atribuídos aos homens. Em outros termos: como masculinidade ou feminilidade são, em verdade, comportamentos sociais e culturalmente aprendidos, tudo parece indicar que parte da segurança que, em tese, se observa em mulheres que empreendem, tem a ver com a conscientização de que o papel que lhes foi atribuído é uma construção e, portanto, pode ser desconstruído.

Desse modo, mulheres empreendedoras refletem acerca de seu próprio papel na sociedade, não vendo problemas em interiorizar componentes do comportamento masculino. Apoiar-se ou não na figura de um sócio passa a ser uma escolha, não uma necessidade. Ao assumir papéis socialmente atribuídos aos homens, demonstram tanto que sensibilidade não é fragilidade quanto que superação de desafios não é um indicativo de masculinidade. Ao fim e ao cabo, o potencial empreendedor das mulheres coloca em xeque o domínio do privilégio masculino fundamentado nessas atribuições.

Um aspecto relevante da reflexão é o entendimento de que, das atribuições de papéis, não decorreriam violências diversas, caso o comportamento masculino não dialogasse com um discurso hegemônico que conferiu poder ao homem. Se a relação de poder dele decorrente não fosse traduzida em um exercício de masculinidade que desvaloriza as características físicas e culturais da mulher, sendo, portanto, machistas. Para além do exposto, a organização social entre os sexos sofre desajuste quando, dessa situação social, emerge uma específica forma de opressão que se apoia em um comportamento masculino, que aloca o sentido da superioridade do homem na identidade sexual, a despeito da de gênero, estruturada a partir da mesma perspectiva discursiva.

Via de regra, o papel preconizado aos gêneros, masculino ou feminino, denota especificamente a dimensão das relações entre os sexos. Essencialmente, mesmo em acordo com o hegemônico discurso patriarcal, o comportamento esperado dos homens seria, sim, aquele dirigido a um mundo social mais amplo – que envolveria risco, incerteza e ação, mas visando ao sustento de sua família. Com efeito, a liderança, o domínio e a autoridade do homem sobre a família eram comportamentos que deveriam ser exercidos de forma contínua e cotidiana. Não se preconiza um modelo de masculinidade altamente hierarquizador. E ele não foi produzido pela contingência da História, foi um projeto ideológico do colonialismo que vem sendo agora problematizado.

O desmoronamento dos valores sociais intrínsecos ao discurso patriarcal pode, portanto, ser uma das dimensões da crise da masculinidade. Fundamentalmente, devido à mudança de padrões de comportamento masculino observados em uma parcela dos homens que não desempenha o papel social a ele atribuído discursivamente. Não se está aqui reivindicando aos homens o comportamento normativo do patriarcalismo. Antes, reconhecendo uma dimensão da crise da masculinidade que envolve efeitos patológicos, dada a impossibilidade da sua manutenção. Um desses efeitos é traduzido no comportamento masculino daqueles que, para demonstrar serem “de fato homens”, precisaram exercitar sua virilidade, oprimindo aquela com que deveriam compartilhar o cuidado com a família, que era seu dever sustentar.

Não é por outro motivo que os movimentos sociais organizados por mulheres se colocam do lado oposto ao patriarcalismo, sendo o seu principal objetivo combater as opressões do sistema que escolheu privilegiar e dotar de virtudes o homem branco. São as estruturas dessa conjuntura construída historicamente que o discurso feminista visa a corroer. Reunindo muitos desses movimentos, o feminismo luta pela equanimidade de direitos entre homens e mulheres. Inicialmente, o foco era na promoção da igualdade de direitos contratuais e de propriedade. Também a oposição a casamentos arranjados e o questionamento do domínio de mulheres casadas (e seus filhos) por seus maridos. Depois, o ativismo passou a focar, principalmente, na conquista de poder político, na participação das mulheres no mundo do trabalho e, especialmente, no direito ao sufrágio feminino.

No processo de consolidação da luta, tendo em vista a heterogeneidade da categoria “mulher”, surgem feminismos alternativos, que tratam de questões que são percebidas como limitando ou oprimindo outras dimensões da vivência de específicas mulheres, bem como de identidades marginalizadas. Este é o caso do feminismo negro. Diversas feministas, destacadamente negras, ampliaram os debates sobre a aquisição de direitos pelas mulheres ao negociar espaços dentro e fora da esfera do Feminismo para a consideração de subjetividades relacionadas à categoria “raça” (SANTOS, 2019).

Já se pode considerar um dado concreto que a categoria “raça” funciona socialmente como marcador de diferenças. Singulariza, portanto, o tipo de opressão experimentada por homens e mulheres negros(as). No âmbito do processo psicossocial tratado, a concepção colonial que produziu a chave para a mediação do racismo definiu e eternizou a imagem da mulher escravizada, que estaria a serviço do senhor branco – expressão do que seria considerado humano. À representação de que a mulher negra seria “pau para toda obra” acresce aquela que não a define como um indivíduo com desejos, com possibilidades de construir afetividade, como um Ser que tenha a capacidade de pensar (SOUZA, 2010). Desumanizada, objetificada e hiperssexualizada, foi colocada no lugar da amante, da ferosa, da que desperta desejo, mas nunca amor/paixão. A perversidade desse discurso fez com que a mulher negra não fosse percebida nas interações sociais como complementaridade de um casal, nem mesmo pelo homem negro.

Em verdade, sua feminilidade foi colocada em xeque e, como resultado, as mulheres negras são vítimas de um apartamento social desde a tenra idade. Desse modo, a solidão da mulher negra já virou uma instituição. Crescem vendo as avós, mães, tias criando seus filhos sozinhas, sem companheiros, por vários motivos. São recorrentes as narrativas – psicológicas, sociológicas, históricas, literárias, etc. – que denunciam trajetórias de mulheres negras permeadas pelo isolamento social. Ao longo da história, encontram-se registros de experiências que as evidenciam como eixo central de seus lares (PACHECO, 2013; SOUZA, 2010). Dessas experiências, ainda sob a égide do sistema patriarcal, são forjadas famílias matrifocais, cuja responsabilidade sobre a gestão dos recursos econômicos pela mulher não advém da luta por igualdade de direitos em relação ao homem, mas sim do fato de serem, muitas vezes, mães solteiras ou convertidas em mães solo, por terem sido preteridas por seus

parceiros. Ou até mesmo pelo fato de, mesmo casadas, não contarem com a parceria necessária à manutenção da vida familiar. Assim, sua luta é pelo sustento e cuidado de sua família, incluindo o maridos e filhos.

O homem negro não foi isento do mencionado processo de desumanização e hipersexualização, mas com efeitos distintos no trato social, inclusive no que se refere ao exercício de sua masculinidade. Fazendo uma análise psicológica dos efeitos traumáticos da situação colonial na construção de sua subjetividade, um dos sociodiagnósticos feitos por Frantz Fanon (1983) é o de que o seu desejo é ser um branco. Ou seja, ao não se perceber como um ser humano pleno, social, política e economicamente falando, o homem negro vê no embranquecimento cultural uma forma de alcançar a expressão de humanidade. Nesse caso, o ato de desposar uma mulher branca é entendido como a forma mais eficaz de desestabilizar a hegemonia do homem branco e, também, de se apropriar de sua cultura (FANON, 1983). Coloca-se, portanto, uma noção de que a masculinidade pode ser exercida com as genitálias, passível de questionamento por parte dos homens que refletem nos termos da presente obra.

Nos debates sobre relações afetivas inter-raciais, o comportamento de homens negros que escolhem se relacionar com mulheres brancas é definido como “palmitagem”. É preciso ressaltar que, ao preterirem as mulheres negras, a favor das mulheres brancas, os homens negros subvertem regras do “padrão marital homogâmico”, observadas, sobretudo, nas uniões formais. Por exemplo, de acordo com os números do último censo, no Brasil: “homens pretos tenderam a escolher mulheres pretas em menor percentual (39,9%) do que mulheres pretas em relação a homens do mesmo grupo (50,3%)”. Não obstante a genitarização do homem negro contribuir no sucesso de sua escolha afetiva, ela pode alienar outras de suas potencialidades. Comprometendo, portanto, disputas econômicas com seus pares do mesmo sexo. Seu efeito nas relações sociais pode responder pelo fato de que, dentro do seu grupo étnico, os homens negros sejam apenas 20% dos que empreendem.

Não obstante se tratar de assimétricas situações sociais, dolorosas e traumáticas, envolvendo homens e mulheres negros/as, no caso destas, a somatização, devido à recorrência dessas experiências, parece ter afetado a constituição da feminilidade, no sentido de potencializar sua atuação socioeconômica. Assumir os traços da masculinidade, designadores de poder e privilégio aos homens, foi uma forma de reagir à desagregação

social promovida tanto pelos efeitos da violência da opressão e do domínio patriarcal quanto pela subversão feita pelos homens do papel social convencionalizado pelo referido sistema, destacadamente por parte do parceiro de seu grupo étnico. Como se vê, concluiu a análise chamando a atenção para as relações étnico-raciais. O recorte racial visa sensibilizar o processo de reinvenção da masculinidade. Na verdade, a hierarquização da relação entre os sexos é uma construção política, e a reação a ela, com diferentes modos operantes, foi uma necessidade que as contingências das relações sociais impuseram aos mais diversos movimentos feministas, interessados em ressignificar os papéis atribuídos ao gênero, de modo que sua prática não resultasse em opressão de um grupo específico.

Para as mulheres negras, assumir um comportamento versátil, habilidoso e capaz de arriscar-se constituiu, também, a afirmação de sua humanidade, mesmo que, em verdade, reproduzissem padrões de organização social que antecederam às imposições do patriarcalismo. Convergindo ou não os interesses, ainda precisam lidar com todos os fatores relacionados à valorização da mulher branca. Por exemplo, o resumo dos dados auferidos pelo Sebrae demonstra que as mulheres negras donas de negócios são mais jovens do que as brancas, têm menos escolaridade, aparecem em proporção maior de “chefes de domicílio”; que poucas são as que obtêm o CNPJ e, no mais das vezes, trabalham sem sócios em negócios de pequeno porte em seus domicílios. Têm maior participação em serviços domésticos e serviços ambulantes de alimentação. Para além disso, seus rendimentos são bem menores, 83% menos de que dos homens, e 49% menos do que das brancas.

Referências

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Editora Fator, 1983.

PACHECO, A. C. L. **Mulher negra**: afetividade e solidão. Salvador: EDUFBA, 2013.

Rede de mulheres empreendedoras. Matéria publicada em 23 de setembro de 2019. Disponível em: <https://rme.net.br/2019/09/23/pesquisa-da-rede-mulher-empresendedora-avanca-com-dados-que-comparam-negocios-de-mulheres-e-homens/>. Acesso em: jan. 2020.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, L. F. Feminismo negro e ativismo de mulheres negras: 1870-1888. *In: Revista Z Cultural* (UFRJ), v. XIV, p. 68-105-105, 2019.

SILVA, S. G. da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *In: Psicologia Ciência e Profissão*, v. 20, n. 3, p. 8-15, 2000.

SOUZA, C. A. da S. **Virou regra?** São Paulo: Scortecci, 2010.





Germano Soares



@germanosoaressilva



germanosoaressilva1

- Bacharel em Teologia: Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil – FACETEN;
- Pós-graduado em História de Israel pela Faculdade de Ciências Tecnologia e Biotecnologia da CGADB – FAECAD;
- Pós-graduado em Psicopedagogia Institucional e Clínica: Faculdade de Tecnologia Equipe Darwin;
- Mestrado em Teologia Sistemática – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS;
- Bacharel em Psicanálise – Academia Brasileira de Psicanálise Clínica;
- Professor Universitário na área de Teologia;
- Diretor geral do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus do Estado do Rio de Janeiro – IBADERJ;
- Psicanalista Clínico.

Febe, a diaconisa da igreja de cencréia e Paulo: cristianismo e masculinidade, um diálogo ou um dilema?

Na caminhada histórica cristã percebemos que sempre houve inúmeros debates de cunho teológico, com isto, atualmente, possuímos posicionamentos diversos sobre um mesmo assunto, seja na Trindade, na cristologia, na antropologia, na soteriologia, e assim acontece.

Não poderia ser diferente sobre dois temas que aqui iremos propor, mesmo que sendo aparentemente distintos, quando olhando mais de perto percebemos que se justapõem entre si.

Devido à ascensão das mulheres, principalmente no campo teológico, como também o movimento feminista no cristianismo, Paulo começou a ser estigmatizado como machista, ou misógino, por muitas leitoras da Bíblia, que veem em suas recomendações um tanto forte e preconceituosa.

Também começou a reivindicação de ordenação ao ministério clerical mulheres, e muitas passaram a utilizar o texto de Rm.1.1 e 2, que menciona Febe, uma hermenêutica na qual entendem que esta mulher possuía função pastoral, não somente esta mulher, mas outras também, que não nos interessa neste caso.

Aqui, tentaremos analisar que estas opiniões construídas, muitas delas por idealismo contrário às Escrituras, têm em seus escopos equívocos que tentam provocar mais interesses particulares, do que uma solução comum eclesial.

Vamos começar com Febe,¹ e tentar aqui uma solução ideal, e aproximada conforme as Escrituras.

O que surpreende primeiro na apresentação de Febe, é que Paulo não a apresenta pelo nome de seu marido ou filho ou por seu local de origem, como é o caso de outras mulheres na Bíblia. Por exemplo: Maria, esposa de Clopas (Jo 19:25); a mãe dos filhos de Zebedeu (Mt 20:20); Maria Madalena (Lc 8:2). Ele a distingue e a aprimora por dois motivos: que seriam duas palavras *diakonos* e *prostatis*, duas palavras gregas cuja diversidade de traduções nas Bíblias modernas é surpreendente.

Vamos examinar esses dois termos, difíceis de traduzir porque o primeiro tem um significado bastante amplo, e o segundo está presente apenas aqui no Novo Testamento, que produz uma combinação única.

1. Febe é chamada *diakonos* da Igreja de Cencreia, um porto influente perto de Corinto. Ela é a única mulher do Novo Testamento identificada por esse termo usado na maioria das vezes para o sexo masculino, que descreve, por exemplo, Paulo, Timóteo, Apolo, Tíquico, Epafras, Arquipo. Cristo também é designado como *diakonos* (Rm 15: 8, Gal 2:17).

A definição exata do termo no Novo Testamento é debatida e não exploraremos aqui suas trinta ocorrências. No entanto, algumas evidências devem ser lembradas:

– Seu uso no Novo Testamento não deve ser confundido com a função oficial de “diaconisa”, que só aparece na história da Igreja nos séculos III e IV, quando a Igreja é colocada sob dominação patriarcal e cria essa subcategoria de ministério para mulheres que ela não deseja ordenar sacerdotes.

– No Novo Testamento, *diakonos* não está claramente definido e abrange vários contextos. Na maioria dos casos, ele se refere a um ministro da palavra. Assim, Paulo aplica regularmente o termo a si mesmo como apóstolo do verdadeiro evangelho (1 Cor 3.5, 2 Cor 3.6, 6.4, 11.3, Ef 3.7, Col 1.23-25) e o usa para seus colaboradores (Ef 6,21, Col 1,7, 4,7, 1 Tim 3,2, 1 Tim 4,6). A palavra também designa “intermediário”, “agente”, “emissário”. Para Paulo, *diakonos* é alguém que prega o Evangelho e, assim, serve como porta-voz de Deus. Esse termo, geralmente, se aplica aos associados de Paulo, o que pode significar que eles compartilham o mesmo tipo de responsabilidade.

Para Keener (2004, p. 465), “...o Novo Testamento normalmente aplica o termo *diakonos* para ‘os ministros’ da Palavra de Deus, como Paulo e os seus colegas; Paulo pode ter este significado à vista aqui”

Keller deixa bem em aberta a hipótese de como a

“palavra pode ser traduzida de dois modos diferentes no Novo Testamento. Às vezes diaconia quer dizer “ministério” ou “serviço” no sentido mais amplo. Qualquer tipo de serviço oferecido em nome de Jesus, do mais humilde ao ministério apostólico de Pedro e Paulo, pode ser chamado de *diakonos*. Não sabemos qual era o ministério de Febe, mas ela tinha um ministério e por isso é chamada de serva.”(KELLER, 2017, p. 196).

Para Hodge, (2019), Stott (2000), Cranfield (2005), Calvino (2014), Febe, era uma diaconisa, Calvino no seu comentário de roda pé assevera que Febe pertencia a viúvas idosas que cuidavam dos aflitos e necessitados.

O papel emissário de Febe atravessa duas realidades que não são incompatíveis: Ela certamente teve um papel significativo na proclamação do evangelho nas cidades de Corinto. O fato de ela ser identificada como os *diakonos* da Igreja de Cencreia, sem dúvida, sugere que seu ministério está ligado a ela.

Paulo teve que confiar a ela a tarefa de carregar a carta que ele escreveu. Especialistas desta epístola, a maioria dos comentaristas estão convencidos de que ela leva essa missiva aos cristãos de Roma. Ela é a única pessoa recomendada para essa missão em todo o Novo Testamento. Paulo lhe dá confiança teológica suficiente para recomendá-la a futuros ouvintes para ajudá-los a entender o conteúdo.

Vamos dar um passo atrás: estamos falando de alguém que é recomendado como capaz de explicar o que se tornará a famosa epístola aos romanos.

Paulo recomenda ajudar Febe, porque ela tem sido uma *prostatis* (Rm. 16.2) em relação a muitos e a si próprio. Ninguém mais recebe esse nome no Novo Testamento.

Este título de *prostatis* implica prestígio; é a forma Latinismo que descreve um governador, um benfeitor e um patrono, alguém que cuida dos interesses dos outros, um defensor, um guardião. Na tradução da Septuaginta, a palavra tem o significado de líder. Josefo e Filo o empregam com o senso de líder, chefe ou mesmo campeão. Justin Mártir usa-o para descrever uma pessoa que preside a comunhão (Primeira Apologia 65, uma obra que remonta a cerca de 155). Além disso, o verbo em conexão com esta palavra, *proistēmi* significa “exercer uma posição de autoridade, dirigir, governar, estar à frente de”. Ele está presente em 1 Tessalonicenses 5:12, onde os ouvintes são encorajados a respeitar seus ‘líderes’ (*προϊστάμενου*), aqueles que o dirigem no Senhor. E em Romanos 12: 8 ‘aquele que preside (*προϊστάμενος*), presida com zelo’, Paulo escolhe a forma participativa para descrever o presente do “liderança”. Em 1 Timóteo 5:17, ele se refere a líderes de comunidades cristãs. Esta palavra, fortemente ligada à direção, não pode, em caso algum, ser traduzida apenas por “ajuda”.

O segundo ponto que gostaria de abordar é se Paulo era realmente um machista, ou misógino como muitos o classificam, vejamos corretamente esta interpretação sobre este grande personagem bíblico.

Nos últimos anos, um grande problema na Igreja tem sido se as mulheres devem ou não ser capazes de pregar – ou mesmo ensinar – dentro das paredes da igreja. Muitas denominações estão divididas no assunto, às vezes

até igrejas na mesma denominação. A resposta popular seria completa em “SIM!” na era e na sociedade de hoje, mas o que a Bíblia diz sobre isso?

Versículos como 1 Timóteo 2:12 e 1 Coríntios 14:34 parecem afirmar o contrário. Muitos céticos adoram apontar essas passagens para justificar sua noção de que o apóstolo Paulo – um dos maiores líderes iniciais do cristianismo – era sexista, e que a Bíblia humilha as mulheres.

Vejamos primeiro 1 Co14:34 “As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei”. Este verso é bastante direto em seu significado. Retirado de seu contexto, esse versículo poderia ser facilmente usado para dizer que as mulheres não deveriam falar na igreja ou que a Bíblia é contra as mulheres. Mas em 1 Coríntios 14:3, Paulo declarou: “Mas o que profetiza fala aos homens, para edificação, exortação e consolação”.

O que Paulo está afirmando a pessoa que profetiza para ‘edificar, exortar e consolar’ as pessoas. O que isso tem a ver com as mulheres falando na igreja? Bem, isso faz mais sentido quando percebemos que Paulo permitiu que as mulheres profetizassem em 1 Coríntios 11:5 “Mas toda a mulher que ora ou profetiza”.

Em 1 Coríntios 11, Paulo escreveu sobre a condição da cabeça quando estava profetizando. Esse era um costume cultural nos primeiros anos da Igreja, quando ainda era fortemente influenciado pelo judaísmo. Ele escreveu que os homens devem orar e profetizar com a cabeça descoberta (1 Cor 11:4) e que as mulheres devem orar e profetizar com a cabeça coberta (1 Cor 11:5). Portanto, se Paulo permitiu que as mulheres profetizassem em 1 Coríntios 11:5 – falar com a igreja em busca de “edificação, encorajamento e consolação” – como ele poderia se virar alguns capítulos depois e dizer que as mulheres nunca poderiam falar na igreja, conforme algumas pessoas a interpretam? Ao lidar com uma passagem ou verso difícil como este, é preciso investigar o contexto em que foi escrito.

Em 1 Coríntios 14:26-40, a principal ideia de Paulo é manter a ordem durante o culto. Os cultos nas igrejas de Corinto eram aparentemente muito barulhentos e caóticos; as mulheres estavam fazendo perguntas durante o culto, enquanto seus maridos estavam todos falando em línguas ou profetizando. Sendo gentias de origens principalmente pagãs, as mulheres de Corinto provavelmente tinham novas perguntas a cada cinco segundos sobre essa nova fé com apenas um Deus (sem religião, popular na época), vida modesta, moral e teologia que

realmente se aplicavam à vida cotidiana. Agora, se você estiver na igreja e tiver uma pergunta, interrompa o pastor enquanto ele está falando e grite “Mr. Pastor, tenho uma pergunta!”? Ou você espera até depois do culto e faz sua pergunta? A maioria de nós (espero) escolheria o último.

Da mesma forma, Paulo queria ordem na igreja de Corinto, porque (1) Deus é um Deus de ordem (1 Coríntios 14:32) e (2) ninguém seria capaz de aprender ou adorar com toda a comoção. Paulo não estava exercendo preconceito de gênero ou sendo injusto; ele estava simplesmente abordando um problema específico e uma solução razoável: limitar o número de pessoas capazes de falar em línguas/profetizar ao mesmo tempo e silenciar as pessoas falando demais e aumentando a desordem. Assim, ele ordenou que apenas três pessoas falassem em línguas ou profetizassem (1 Cor 14:27,29), e que as mulheres coríntias ficassem quietas na igreja, e esperassem até depois para perguntar a seus maridos sobre quaisquer dúvidas que tinham (1 Cor 14: 35). Isso faz sentido para a afirmação de Paulo “como nas igrejas dos santos”; ele estava dizendo que em todas as igrejas cristãs, as mulheres (e também os homens) devem permanecer caladas enquanto quem estiver falando, e prestar-lhes toda a atenção.

Embora a ideia de que o marido seja o chefe da esposa ainda possa parecer “ofensiva” às pessoas hoje em dia, saiba que subordinação não significa opressão. Afinal, Jesus chamou o Pai de maior que Ele (João 10:29), mas está em perfeita harmonia e igualdade com o Pai (João 10:30) e é a imagem e a representação exata Dele (Col 1:15). Da mesma forma, meus pais são os responsáveis e têm autoridade sobre mim, mas não me tratam como lixo ou como se eu fosse inferior a eles. Portanto, dizer que o marido é a cabeça da esposa (Ef 5:23) não está dizendo que as mulheres são inferiores aos homens; está dizendo que Deus deu aos homens a responsabilidade de zelar por suas esposas e famílias e a autoridade para fazê-lo. O presidente não é melhor do que eu só porque ele tem autoridade. Da mesma forma, homens e mulheres ainda são iguais, mas no ambiente familiar, o marido é o chefe da família.

A próxima passagem que eu gostaria de discutir é 1 Timóteo 2:11-15, especificamente o versículo 12.

“A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que

esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação.”

Ao contrário de 1 Coríntios 14:34, essa passagem carece do contexto imediato dos versículos ao seu redor que normalmente ajudariam a esclarecer seu significado. Por causa disso, há duas visões gerais de interpretação do que Paulo escreveu aqui.

Primeiro é a visão complementar ou tradicional. Basicamente afirma:

1 Timóteo 2:11-15 deve ser tomado literalmente, como um mandamento universal. Hoje, aplica-se tanto quanto o fez logo após a publicação de Paulo. As mulheres devem aprender na “quietude” – não no silêncio literal, mas na receptividade silenciosa – submissão à autoridade e à tranquilidade. Elas não devem ensinar de maneira autoritária ou exercer autoridade sobre os homens na igreja. Isso incluiria falar no púlpito ou apenas ensinar em geral.

A profecia tem menos autoridade do que o ensino, o que Paulo permite que as mulheres façam em 1 Coríntios 11: 5.

Ao usar as Escrituras para apoiar sua afirmação (versículos 14 e 15), a restrição de Paulo às mulheres de ensinar e ter autoridade sobre os homens na igreja é universal e se aplica a todas as igrejas e em todas as circunstâncias estáveis da igreja.

Várias opiniões sobre os versículos 13-15 (Adão criou primeiro, Eva enganou, mulheres salvas durante a gravidez...). Isso é uma generalização, portanto, essas não são regras rígidas para a visão complementar. Mas, esses são os que mais noto que têm essa opinião.

O segundo é a visão igualitária. Geralmente, afirma:

1 Timóteo 2:12 estava abordando uma questão ou situação específica na igreja de Éfeso.

A profecia carrega tanto, senão mais autoridade, do que o ensino. Paulo permitiu que as mulheres profetizassem em 1 Coríntios 11:5, portanto sua proibição de ensinar na igreja de Éfeso deve ter sido exclusiva para elas.

Paulo usou as Escrituras para apoiar questões culturais (como coberturas/descobertas de cabeças em 1 Cor. 11) que existiam no tempo de Paulo e já não se aplicam hoje.

Paulo escreveu 1 Timóteo como uma carta a Timóteo, dando-lhe instruções e orientações sobre como pastorear na igreja de Éfeso. (Paulo o havia enviado para pastorear lá.) Isso significaria que grande parte da carta abordava situações atuais daquela igreja específica e não era para ser mandamento universal.

Essas são as duas principais visões de 1 Timóteo 2:11-15. Os complementaristas afirmam que a passagem é literal e se aplica a todos os tempos; os igualitários dizem que o versículo foi por uma razão local na igreja de Éfeso. Então qual é? Se encontrarmos um motivo para esse comando ser um problema local, isso abriria a porta para que o comando de Paulo não fosse permanente. No entanto, se não conseguirmos encontrar uma razão específica para Paulo restringir as mulheres de ensinar na igreja de Éfeso, teremos que supor que sua restrição às mulheres de ensinar é universal.

Em relação às mulheres, Paulo costumava escrever o mesmo em suas cartas: as mulheres se submetem a seus maridos e os maridos amam suas esposas como a si mesmos (Ef 5:22-33, Col 3:18-19) É o caso de Efésios e Colossenses. Se Paulo escreveu algo único a respeito de mulheres em uma de suas cartas (como em 1 Coríntios 14:34 e 1 Timóteo 2:11-12), faz sentido supor que provavelmente isso só se aplicava a essa igreja específica.

Outro ponto a considerar é que a Bíblia permite que as mulheres tenham autoridade civil sobre os homens. Débora era profetisa e juíza: líder espiritual e militar de Israel durante o tempo dos juízes (Juízes 4:4) Ester, como rainha da Pérsia, foi usada por Deus para salvar toda a população judaica no exílio e manter a linha de nascimento messiânica em andamento. Deus trabalhou e usou essas duas mulheres e suas posições na autoridade civil para realizar Seus planos, então por que Ele teria mulheres restringidas de posições na autoridade espiritual? Débora era uma líder militar e espiritual. A Bíblia também cita muitas outras profetas (Êx 15:20, Ne. 6:14, Lc. 2:36, 2 Cr. 34:22) e o próprio Paulo relata muitas mulheres que lhe foram úteis em seu ministério, incluindo Júnias (Rm. 16:7) Prisca, (Rm. 16:3) Evódia e Síntique (Fl. 4: 2-3). Quando levamos tudo isso em consideração, com que fundamento poderíamos dizer que Paulo estava proibindo universalmente todas as mulheres de ensinarem em 1 Timóteo 2: 11-15? Não faz nenhum sentido lógico real. Paulo era um líder cheio de espírito da Igreja primitiva. Mesmo que algo aconteça com ele, tendo

problemas com mulheres na liderança da igreja, acredito que podemos ter certeza de que ele aceitaria isso primeiramente com Deus, em vez de abusar de sua autoridade para impedir que todas as mulheres ensinassem com base em um viés pessoal. Especialmente com esse viés que contradiz o caráter de Paulo e o que ele representava.

Em resumo, há uma grande dificuldade de acreditar que 1 Timóteo 2:12 ou 1 Coríntios 14:34 foram escritos como leis universais. Não, Paulo não era um radical social cujo objetivo na vida era derrubar toda injustiça ou desigualdade social que atormentava a sociedade romana. Mas seu foco estava no avanço do Evangelho, uma mensagem que demoliria regras e limites sociais e uniria seus crentes em uma fé. E enquanto muitos interpretam mal suas palavras como “sexista” ou “contra as mulheres”, Paulo foi um pioneiro na fé cristã e na igualdade de todos os crentes, especialmente para as mulheres.

¹O nome de Phoebe, que significa “brilhante”, indica que ela provavelmente era de origem pagã.

Referências

CALVINO, J. **Romanos**. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2014.

CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos versículo por versículo**. Tradução Anacleto Alvarez. São Paulo: Vida Nova, 2005.

HODGE, C. Tradução de Sharon Barkley. Alister McGrath, J I Packer (Eds.). São Paulo: PES, 2019.

KEENER, C. **Comentário bíblico atos: Novo Testamento**. Tradutor José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004.

KELLER, T. **Romanos 8-16 para você**. Tradução de Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2017.

STOTT, J. **A mensagem de Romanos**. ABU, 2000.



Sandra Pereira

CBO 2515/50



(21) 97028-4980



sandrapereira.11@yahoo.com



@psicanalista.sandra

- Graduada em Pedagogia;
- Pós-graduada em Psicanálise Clínica;
- Formada em Psicoterapia de orientação psicanalítica;
- Palestrante em saúde emocional;
- Analista Comportamental individual, familiar e em grupo;
- Escritora do livro: As cicatrizes da Alma – Gráfica Kirios - 2017;
- Pastora.

Masculinidade normativa viril: o medo do homem não ser macho o bastante

Ao iniciar esse artigo reflito como era o homem do século passado com sua masculinidade viril e não podendo deixar de ser macho o suficiente. Necessitando mostrar que era o grande provedor – ainda mais se fosse pai de um filho homem. Era essa a imagem dos homens da Antiguidade, que exerciam um cargo superior na sociedade a qual pertenciam.

Segundo Jaeger e Platão, o filho precisa ser educado pelo pai, porque a figura do pai é que vai prepará-lo para a sua vida adulta, além de uma boa educação. Um conceito ao qual outorga a ideia de Paideia, descrito por Platão, designa todo o processo educativo desse ser, prologando por toda a sua vida. Ou seja, para eles, o pai é fundamental na formação desse filho para a sociedade.

Conforme Freud, o pai da Psicanálise, as mulheres teriam dificuldades de ter uma vida amorosa, sexual e ativa, em virtude da “troca de atenção” do marido para o filho. Essas mulheres que possuíam um vínculo afetivo somente com seus maridos, agora haveriam de conciliar com os seus filhos. Além disso, para os filhos, é complicado ter que aceitar a dividir o amor e atenção dessa mãe com o pai. Esta mulher, então, tem que ser mãe, esposa e dona do lar.

O psicanalista Robert Stoller discorda da teoria de Freud, quando o mesmo menciona que é mais difícil para o filho administrar essa “divisão de atenção”, pois ele necessita da identificação da mãe. Stoller afirma que é necessário para o filho buscar essa identificação através da figura do pai.

Todavia, na Antiguidade, essa mulher servia para procriar e dar a esse homem o tempo todo o direito de ser macho viril. Esse homem macho viril era o “cabeça” da casa, tanto que a esposa cuidava dos filhos e da casa e, para ser alfabetizada, somente se fosse em sua casa. Não era permitido que essa mulher circulasse na sociedade, distinguindo-se das mulheres de hoje em dia que trabalham, estudam, se formam, cuidam dos filhos. Caso fosse preciso, elas dispunham de alguém de confiança para cuidar de seus filhos. Na prática, elas buscavam sua “independência”, mesmo assim, em pleno século XXI encontramos mulheres submissas que não dão um passo em sua vida sem a “autorização” de seus maridos. Geralmente, essas mulheres são casadas com um homem autoritário,

manipulador, controlador, porque ele é macho e para esse homem macho nada pode sair do seu controle. Essa esposa torna-se submissa por não ter sua independência emocional equilibrada.

Entretanto, não existem culpados, mas sim homens e mulheres resultantes de uma criação machista ao que lhes foi imposta. E quando esses homens ou essas mulheres se casam, começam a surgir tudo o que lhes foi imposto durante as suas respectivas criações. Afinal, todos nós somos oriundos de uma árvore genealógica, a qual não sabemos como foi a criação dos nossos antepassados, o que vai passando de pai para filho. Por isso, o homem é primitivo no sentido da castração ao qual lhe é imposta.

Apesar disso, acredito que para a resolução desse impasse, não teria que haver competições entre o homem e a mulher. Uma relação baseada na cumplicidade de se conhecerem como seres humanos, que foram criados para se completarem, mesmo com suas imperfeições, mas unidos para desfrutarem de seus potenciais, inteligência, sabedoria e, assim, formar uma família sadia.

Segundo alguns estudiosos, estamos vivendo em uma sociedade emocionalmente doente. Devido a incapacidade de reconhecer as suas fraquezas, de não pedir ajuda para entender o que de fato tem acontecido, o poder de superioridade tem sido avassalador para os relacionamentos interpessoais. No caso de pais e filhos, isso acontece quando, por exemplo, o pai impõe o tempo todo que o filho tem que mostrar que é capaz, que é suficiente, que é macho, ou seja, “eu castro você o tempo todo, pois isso aconteceu comigo”. Tais ações não se referem a regras de disciplina, como educar seu filho, mas sim do ambiente ao qual ele é criado, que será determinante na integração deste na sociedade.

Como Freud proferiu que a intervenção externa dos pais, principalmente do pai, termina castrando o filho, então cria-se uma divisão entre os castrados (desvalorizados) e não castrados (valorizados). Partindo desse princípio, os filhos são sempre doutrinados para ter orgulho do seu pênis e pavor de perdê-lo. Com isso, podemos correlacionar com o psicólogo Alexandre Coimbra Amaral, que diz “A todo o momento meus filhos me dão um retorno de quem eu sou. Neles, reconheço minhas luzes e as minhas sombras”.

Um ambiente familiar onde impera o machismo, por exemplo, causará futuras projeções em situações cotidianas, onde esse filho não terá

condições de progredir, mas sim regredir, por medo de se desintoxicar o que foi projetado em si próprio. O machismo é definido como uma supervalorização das características físicas e culturais associadas ao sexo masculino, em detrimento daquelas associadas ao sexo feminino, pela crença de que os homens são superiores às mulheres.

E os homens atuais, o que mudou? Ou eles não evoluíram? Quando paramos para analisar o que mudou desse homem antigo para o homem atual, percebe-se que não houve mudança. Houve na verdade, uma continuação do homem provando e mostrando em diversas situações que ele é macho. Ele não pode falhar em sua autoridade, superioridade, capacidade e virilidade, pois se isso acontecer, ele é capaz de adoecer, pois seu pensamento é não aparentar suas fraquezas, com medo do julgamento da sociedade.

É possível perceber que ele já vem sendo castrado desde o momento que tem que provar que ele não pode falhar. Tal comportamento tem tudo a ver com raça, cultura, religião, país, e também com o ambiente ao qual foi criado. Devido a forma que o homem é educado de acordo com os princípios e valores impostos por seus familiares. Eles acabam perpetuando uma tradição de serem “durões”, onde não é permitido demonstrar fragilidade e vulnerabilidade.

Além disso, nem os sentimentos são autorizados a serem expressos, a não ser a agressividade, impondo sua postura de ser macho. Na verdade, esses valores tradicionais da masculinidade, como competir com o próximo, ter uma demanda de dominar o outro, a agressividade gratuita, o estoicismo, características que podem ser tóxicas para o ser macho e para a sociedade com a qual ele interage.

Há uma frase que exemplifica esse comportamento que diz, “Homem não chora”, isso provém desde a Antiguidade e continua prevalecendo, como se esse perfil do homem não pudesse mudar.

Uma pesquisa realizada pela *American Psychological Association* (APA) em uma análise psicoterapêutica com homens e meninos, baseada nos últimos 40 anos, nos revela como, nos Estados Unidos, os homens efetivamente detêm o poder profissional e político.

A revista *Fortune* apresentou, em 2018, dados que dizem que 95,2% dos executivos das 500 maiores companhias norte-americanas são formadas por homens. Segundo a revista, em 2017, nas 16 maiores corporações

daquele país, os homens constituem 80% dos executivos. Também relata que em 2017, foi constatado que 81% dos congressistas eram homens. Por outro lado, os homens cometem 90% dos assassinatos e eles são 77% a própria vítima.

Os homens também suicidam-se 3,5 vezes mais que as mulheres. Na realidade, eles têm maior descuido com a vida, com a saúde, visto que são mais propícios a beber e a fumar. Além da exposição com mais frequência aos comportamentos de riscos. Analisando esses dados, certifico-me que não somente os Estados Unidos, mas nos outros países ostentam esse machismo imperado.

Foi realizada uma pesquisa com 20 pessoas aleatoriamente, sendo 10 mulheres e 10 homens com diferentes faixas etárias, sobre o tema machismo. Verificamos que 70% dos homens entrevistados não se consideram machistas, porém 80% das mulheres entrevistadas acreditam ser machistas.

A pesquisa também revelou que tanto os homens quanto as mulheres possuem conhecimento do que é o machismo. Além disso, 95% das mulheres já vivenciaram um relacionamento machista, no entanto os homens entrevistados em sua maioria se julgam flexíveis em suas relações. Dessa forma, podemos constatar de acordo com a pesquisa realizada que o machismo ainda está presente em nossa sociedade, mas também homens e mulheres são capazes de identificar um relacionamento machista.

Haveria possibilidade de reverter esse quadro? Fato que ocorre a séculos? Acredito que sim à medida que a sociedade, família, país, comecem a enxergar o homem como um ser sensível que tem sentimentos e não um homem blindado em suas emoções, que não pode e nem deve demonstrar fraqueza, nesse labirinto de suas respectivas emoções e o tempo todo ter que expor sua masculinidade e machismo em seu cotidiano para ser aprovado.

Quando realmente tivermos a consciência de que ser machista não é bom, quando o mesmo perde a sua sensibilidade em relação a sua vida cotidiana, de que essa visão machista, seja ela qual for, não terá cidadãos saudáveis, pelo contrário, cidadãos doentes que influenciarão na sociedade. Então, comecemos a transformar uma cultura enraizada.

Uma reflexão importante aos seres machos é quando Deus disse: “Façamos o homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança; Tenha ele domínio...” (Gênesis,1-26). Ao proferir isso, Deus estava definindo o

que é a masculinidade ao criar Adão e designar o seu papel, colocando-o no jardim para cultivá-lo e para dar nome aos animais. Porém, na parte A do versículo 28 (Gênesis, 1-28), Deus nos relata e delibera sobre o homem viril, dizendo: “E Deus os abençoou e lhes disse: Sedes fecundos, multiplicai-vos e enchei a Terra”.

De fato, percebemos uma diferença da masculinidade e do homem viril, porque primeiro notamos uma definição da masculinidade. Em seguida, o homem Adão com sua esposa Eva para fecundar e multiplicar, assim encher a Terra, ou seja, o homem ser provedor.

O que me chama a atenção é que quando Deus descreve a masculinidade, Ele caracteriza como deve ser esse homem, tanto Adão como os demais personagens. Esses, retratados por Deus, conseguiram pôr em prática a sua masculinidade como respeitar e honrar.

Esses homens descritos na Bíblia seguiram a ordenação que Deus lhes davam, capacitando-os para exercer cargos superiores, como líderes, governantes, administradores, chefes de família e instrutores. Tais cargos encontram-se exemplificados em:

- Moisés, líder nato ao tirar o povo do Egito;
- Josué, fidelidade em perpetuar o legado de Moisés;
- Neemias, reconstruiu os muros de Jerusalém;
- Davi, corajoso por vencer Golias;
- José, foi um grande governador do Egito.

Deus equilibrou de uma maneira fantástica a imagem do homem dominante, de força, de coragem e de poder. O próprio Jesus que foi movido por compaixão, “A cura de dois cegos de Jericó” em Mateus 20-34; em Marcos 10-14, “Pelo amor às crianças”; e “Jesus chorou pela morte do amigo Lázaro” em João 11-35.

É importante ponderar e observar que Deus fez o homem perfeito, ou seja, completo desde a sua masculinidade até o homem viril. E, nos perguntamos, por que houve diversas mudanças desses homens para os atuais? O homem tem se perdido, as causas são inúmeras, pode ser decorrente do avanço da tecnologia, a cobrança exagerada proveniente de um familiar ou ainda, de um supervisor, dentre outras.

Portanto, é necessário que o homem mude o seu comportamento, como Deus o criou para amar e cuidar. Compreender que, desde a sua criação até os dias de hoje, para Deus eles nunca mudaram e nunca mudarão, exceto pelas suas escolhas. Analisando todo o contexto da Bíblia, em relação ao homem referindo-se à masculinidade, é possível observar que o homem é sensível, amoroso, acolhedor, diferente de ser agressivo, manipulador, ostentador, orgulhoso e egocêntrico. Havia sim homens temperamentais e com defeitos, assim como os de hoje. Mas os antigos, tinham temor, tremor a ouvir e obedecer a Deus.

Leitor: você acredita que pode haver mudanças?

Referências

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: o Antigo e o Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. 1969.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FREUD, S. **História de uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

JAEGER, W. W. **Paideia**: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Lafonte, 2019.

STOLLER, R. J. **Masculinidade e feminilidade**: apresentações de gênero. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

TELLES, S. Psicanálise e a ideologia do patriarcado – considerações sobre a “Masculinidade tóxica”. In: **Revista Psychiatry Online Brasil**, maio 2019.



Nelson Ferreira

CRP 06/127710



(11) 98213-8994



nelson.psicologo@yahoo.com.br



NelsonFerreiraPsicologo



www.nelsonferreirapsicologo.com.br

- Graduado em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP);
- Curso de extensão: Família: origens, transformações na contemporaneidade e seus efeitos na educação escolar – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP);
- Pós-graduado: Neuropsicologia - Universidade de Araraquara (Uniará);
- Psicólogo clínico: atendimento de crianças através de atuação lúdica. Sinto imenso prazer diante da oportunidade de fazer parte da magia do mundo infantil contribuindo com seu desenvolvimento e ajudando a criança a lidar com suas dificuldades e angústias envolvendo diversos problemas educacionais, familiares e sociais;
- Coautor do livro: “Educando filhos para a vida” – Editora Conquista - 2019.

Homens e masculinidade: o novo homem em crise?

Quando Santi (1998) diz que se impõe ao homem escolher o seu próprio caminho e que esta escolha implica uma construção da identidade com um esforço brutal quase sobre-humano, refletimos sobre o papel deste homem na atualidade. O autor faz essa afirmação buscando a valorização do ser humano, justificando a construção de sua existência, descobrindo valores com os quais viver. Com breve resumo das transformações ocorridas com este homem ao longo da história, percebemos a busca de um autocontrole e o reestabelecimento das referências para identificação desse homem no mundo.

Partindo da idade média, ou seja, do século V ao século XV, período no qual o homem não era livre, apenas cumpria os planos de Deus, seguindo para a fase do Renascimento, a partir do século XV até o século XVII, em que o homem já tinha uma quase liberdade de escolha, mas poderia ser julgado pelos seus pecados e, assim, escolher um bom caminho e ainda ser recompensado por isso, chegando ao século XX, na era da chamada “Psicologia de autoajuda”, a crença está na liberdade humana absoluta com a qual o homem poderia atingir quaisquer que sejam seus objetivos, envolvendo um forte sentimento de culpa pelos fracassos de suas escolhas, ou uma extrema valorização do seu “eu”, em caso de sucesso.

Ingressamos no século XXI e, ao analisar a história, percebemos o quanto esta relação do homem mudou, principalmente no que se refere à liberdade. A partir daí, penso nas relações desse novo homem contemporâneo, nos tempos atuais, na multiplicidade nas relações, na necessidade de perceber como é a convivência entre essas pessoas na atualidade, quando estão em grupos, como ocorre o estabelecimento e seguimento das regras e as responsabilidades de cada um dentro deste grupo. Bock, Furtado e Teixeira (1998) dizem que passamos a maior parte de nossa vida em grupos e, mesmo quando estamos sós, nossa referência de valores e normas sociais advém dos grupos que internalizamos no decorrer de nossas vidas.

O grupo familiar tem sua função social e é determinado por necessidades sociais. A organização familiar tem mudado no decorrer da história do homem, em grande parte como resposta às mudanças sociais. O Homem, conseqüentemente envolvido nestas mudanças, precisa primeiro perceber tais mudanças, e posteriormente se adaptar a elas, e apesar de ainda existirem famílias conservadoras que mantêm valores como o da fragilidade feminina

e o da superioridade masculina, vemos cada vez mais esse conservadorismo se converter em liberalismo, contribuindo para um reajuste nas relações e justificando, inclusive, um declínio da religião com seu modelo patriarcal. Há, então, a necessidade de uma redefinição de papéis em uma sociedade cada vez mais transformada, de modo que o homem tem a necessidade de se reorganizar para sobreviver a esta transformação, buscando seu papel na sociedade no assim chamado mundo líquido.

Uma sociedade líquida que se modifica a cada dia

“Na sociedade contemporânea, nada é feito para durar”. Esta afirmação foi feita por Zygmunt Bauman (1999) ao comparar a modernidade nos tempos atuais com o líquido, mostrando que as relações são moldáveis, estão mais flexíveis e tomam novas formas. As relações podem se solidificar ou evaporar, podem mudar, transformar, se adaptar e fluir, pois, assim como o líquido, tudo muda muito rapidamente.

Em décadas anteriores, pensando numa sociedade sólida em que tudo era para durar, especificamente as relações entre as pessoas que seguiam normas e padrões comuns aos cidadãos, assim como qualquer coisa que seja sólida, parecia ser mais fácil controlar, conter e prender. Relacionar-se parecia simples e não dava muito trabalho, pois tudo já estava pronto. As pessoas só teriam que se enquadrar aos moldes predefinidos e estipulados, seguindo as normas da época. No entanto, estamos passando por uma enorme mudança, que sai da solidificação, passa por um derretimento deste sólido, para chegar até a liquidificação. Parte de uma era de “Grupos de referência” predeterminados e segue para outra era: a de “Comparação universal” em que os destinos do trabalho e a autoconstrução individual não estão preestabelecidos e podem sofrer inúmeras modificações.

Pensando nisso, conseguimos perceber com o tempo que as relações estão mudando muito rapidamente. Estamos passando por um momento de transformação na sociedade e precisamos considerar que esta transformação assusta, essas mudanças precisam ser sentidas e, quando não são adaptadas, trazem grandes transtornos, que precisam ser resolvidos. Principalmente quando olhamos o perfil do novo homem deste novo século, que se vê diante de um grande desafio de ter que desconstruir e reconstruir, para que consiga manter suas relações de forma saudável, considerando a liquidez dos dias atuais.

A vaidade masculina

É assustador quando se percebe a velocidade com que as modificações surgem, mais ainda quando sentimos que estamos envolvidos nessas mudanças, vemos a necessidade de nos adaptar para acompanhar o ritmo social: são tempos modernos, estamos quebrando tabus, vivemos imersos em uma nova cultura e precisamos discutir um pouco mais sobre isto. O novo homem também está mais moderno, preocupado com o corpo, com a saúde, com as relações, com a sexualidade, com o bem-estar. A preocupação com a estética não é mais um assunto apenas das mulheres, o homem vem usufruindo do avanço da tecnologia para a definição de um novo corpo, escultural, competitivo, que o envaideça. Os serviços de manutenção da beleza conquistaram o público masculino, que está cada vez mais informado dos assuntos que eram exclusivamente do público feminino.

A preocupação do homem com o corpo e a beleza aproxima-se cada vez mais da forma como a mulher lida com essa questão. Por meio de técnicas cirúrgicas, tratamentos ortomoleculares e estéticos, implantes e outras modalidades, o público masculino revela-se cada vez mais obcecado por retardar o envelhecimento, buscando a transformação do corpo com o que está disponível atualmente. Temas como limpeza de pele, desenho da sobrancelha, tratamento no cabelo, brincos, pulseiras e anéis, curvas corporais, postura, habilidades de culinária, e tantos outros, agora são socialmente permitidos e discutidos livremente pelos homens. Cada vez mais, observamos os homens dialogando sobre marcas de produtos, equipamentos, receitas e informações que contribuem para uma inclusão do público masculino nesse contexto.

Concordo com Simone de Araújo (2018), que afirma que as representações de corpo masculino se igualam ao ideal feminino. Evidentemente que o público masculino tem percebido um avanço cada vez maior das mulheres em ambientes, principalmente profissionais, e em situações que antes eram especificamente e exclusivamente vistas como lugar dos homens. Entretanto, isto não significa uma troca de papéis, mas sim uma igualdade social que está cada vez mais natural ao público feminino.

O papel das mulheres

As mulheres buscaram e conquistaram seu lugar na sociedade. Mais que isso, ao se colocar em situação de igualdade em relação aos homens,

elas querem se envolver em novas experiências, contribuindo para uma cultura mais justa e igualitária. Considero que a mulher já conseguiu quebrar paradigmas, mostrou suas qualificações profissionais, intelectuais, emocionais, cognitivas, sexuais, políticas e ainda conseguiu manter sua subjetividade feminina; e não perdeu a sua sensibilidade, mostrou para a sociedade que é possível ser o que ela quiser ser, e isto não significa perder a sua capacidade de ser mulher.

Não se trata de disputa, elas não querem mostrar para os homens que são melhores, querem apenas mostrar que são capazes, a mensagem transmitida para sociedade de uma mulher forte e capaz de ter suas próprias conquistas busca um equilíbrio, mostrando que o empoderamento que antes era exclusivamente do público masculino pode ser compartilhado, e este compartilhamento vem para contribuir com uma melhor forma de convivência do ser humano, independentemente do gênero ou da opção sexual.

Sabemos que ainda há uma grande luta pela frente. Esta batalha não acabou. Ainda existem preconceitos, surgem julgamentos e há um grande desconforto na sociedade em decorrência dessa tentativa de mostrar a igualdade entre homens e mulheres. Mesmo com a maior participação das mulheres no campo do trabalho e um avanço considerável no discurso do empoderamento feminino, vemos situações de desigualdades que precisam ser reconsideradas. Essa luta, principalmente contra a tentativa de manter e sustentar um modelo hegemônico único no papel masculino, irá continuar até que não seja mais percebida sua existência. A esperança é que cheguemos à situação de não ter que discutir este assunto por não ser percebido e este tema passar a não ser mais um incômodo para a sociedade.

A igualdade entre homens e mulheres tem que deixar de ser vista como um problema, precisa ser percebida naturalmente como algo comum. Historicamente, pode até ser registrada como uma conquista da sociedade, mas quando discutido o papel da mulher, este precisa ser um debate no sentido de ser visto como algo natural e possível de acontecer, assim como é para o homem. Ao homem cabe a reflexão de entender que todas as pessoas têm habilidades diversas e não estão restritas apenas ao público masculino. As mulheres já mostraram igualdade, e isto não representa um atraso para a classe masculina, mas sim um avanço com grande contribuição do público feminino.

O homem e a sexualidade

O avanço da tecnologia tem grande contribuição, principalmente no campo da sexualidade, especificamente nas redes sociais, as pessoas mostram, por compartilhamento, as suas experiências e têm a necessidade de expor ao mundo a sua forma de se relacionar. Assim, sem perceber, contribuem para esse movimento de tornar válidas outras formas de convivência na sociedade. Relacionamentos que eram vistos como inaceitáveis passam a ser considerados possíveis e cada vez mais aceitos. O que é subjetivo se abre ao coletivo e o que é do outro começa a ser comum ao meio de convívio entre as pessoas. Precisamos também considerar a pluralidade de papéis e identidades sexuais, temos a necessidade de nos adaptar ao novo, considerando várias outras formas de se relacionar, pensando e respeitando cada uma das relações como possíveis de manter a igualdade, sem perder a qualidade e o bem-estar na sociedade.

Durante adolescência, compreendemos que uma das tarefas essenciais do indivíduo é chegar a uma autodefinição e à valorização pessoal. Nessa fase, o jovem entende que já é uma pessoa e quer ser reconhecido como tal: despreza a identidade apenas genealógica, quer autonomia, busca se expressar com um comportamento próprio e consistente, deseja um lugar no mundo, que seja dele, descoberto, conquistado, considerando a sua subjetividade. Após explorar possibilidades, inclusive sexuais, tem um direcionamento mais específico, busca uma relação mais íntima com seu próprio desejo. O jovem conquista autonomia de seus atos quando se sente, em si mesmo, enraizado por suas decisões e comportamentos, e, quando se percebe como um ser independente, amplia os níveis de suas relações. A responsabilidade, então, segue em direção a um caminho da vida adulta, cheia de possibilidades.

O homem e suas responsabilidades da vida adulta

Falando especificamente do sexo masculino, ser homem não necessariamente quer dizer ter um pênis entre as pernas, mas assumir responsabilidades e honrá-las. Precisarás assumir seu papel social. Mais que isso, terá que transmitir segurança nas suas relações, marcar sua história no mundo como aquele que entendeu o que é ser homem, e isso não tem nada a ver com a identidade sexual.

Após o período da adolescência, Griffa e Moreno (2010) dizem que esse homem precisará passar por três momentos essenciais da vida adulta e precisará provar realmente o seu valor enquanto homem de responsabilidades. Independentemente do seu papel social, primeiro vai precisar enfrentar a “saída do lar”, que geralmente acontece dos 18 aos 24 anos, e que marca uma passagem para a vida adulta, caracterizada por maior independência dos pais, tanto econômica quanto psicológica. Depois, passa por uma fase denominada “ingresso no mundo adulto”, dos 24 aos 28 anos, em que explora as suas possibilidades de forma mais intensa, aproveita melhor sua autonomia, e pensa na construção de uma estrutura de vida mais estável. Por último e não menos importante, “transação para a quarta década” fase em que o homem se abre para novas perspectivas de vida, com mais possibilidades, reafirmando compromissos assumidos anteriormente.

Durante esse período, o homem coloca em prática grande parte do que aprendeu durante a infância e adolescência, e aprende muito através de sua experiência de vida. Esse “jovem adulto” está capacitado para enfrentar os medos da perda do ego, próprios de situações que exigem o autoabandono como movimento de êxtase e a entrega, como, por exemplo a solidariedade entre amigos, a união sexual, a intimidade do casal.

Após esse período, o homem passa para vida adulta média, uma idade madura em que impera a plenitude, em que o homem se vê num curso definitivo da sua vida, percebe que não está no início do caminho, mas também não está no fim. Estabelece, então, seus valores sociais, especificamente os familiares, pensando na continuidade de sua geração. Buscam, nas relações afetivas, o enraizamento de sua essência enquanto ser humano, prioriza seus critérios, mas considera outras formas de convivência, coloca em prova sua autonomia e se abre ao compartilhamento das decisões, ajusta seus sonhos, explora seus ideais, suas habilidades passam a ser distribuídas e ensinadas como uma contribuição para a sociedade. Na condição de pai, considera uma nova forma de convivência, flexível (sem deixar de ter autoridade), discursiva (se abrindo ao diálogo, impondo e aceitando novas definições de regras) e participativa (com uma redefinição do papel de pai com maior participação na criação dos filhos). Desse modo, conseguirá contribuir para uma sociedade mais saudável e estável.

Referências

ARAÚJO, S. **O gênero na propaganda**: suas representações e dinâmicas na publicidade de televisão. Rio de Janeiro: Editora Bibliomundi, 2018.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias, Uma introdução ao estudo da Psicologia**. São Paulo: Editora Saraiva, 1998.

CORTELLA, M. S. **Por que fazemos o que fazemos?** São Paulo: Editora Planeta, 2016.

FELERICO, S.; HOFF, T. **Vaidade masculina**: o homem contemporâneo. 3º Colóquio de Moda. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202007/6_02.pdf>. Acesso em: fev. 2020.

GRIFFA, M. C.; MORENO, J. E. **Chaves para psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Paulinas, 2010.

OTTONI, S. **Educando filhos para a vida**. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 2019.

SANTI, P. L. R. **A construção do eu na Modernidade**: da renascença ao século XIX – Um texto didático. Ribeirão Preto: Holos, 1998.



Isabel Alcântara



(16) 99174-9822



alcantaratavares@gmail.com



@Isabel Alcântara Tavares



IsabelAlcântara Tavares/Chão de estrelas

- Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Faculdade Bandeirantes de Ribeirão Preto
Bacharel em Serviço Social pelo Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto;
- Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação em Saúde pela Unifran - Universidade de Franca;
- Pós-graduação *Lato Sensu* em Gestão de Projetos Sociais pela Faculdade de Educação São Luís de Jabotical;
- Pós-graduação *Lato Sensu* com especialização em Gestão do Sistema Único da Assistência Social pela Faculdade Ibra;
- Autora do livro Chão de estrelas – Editora All Print - 2014.

Morrendo como homem: reinvenção das formas de viver na masculinidade

Sobreviver a guerras e vencer sempre, consertar um chuveiro, trocar um pneu, uma lâmpada (sem acreditar que a lâmpada pode ser mágica), construir uma casa mesmo não sendo um engenheiro ou arquiteto, fazer milagres com eletrodomésticos, aparelhos eletrônicos e similares, mesmo que não seja especialista nesses ramos, ainda que não tenha a mínima noção de como fazer tudo isso.

Deve ser mestre em diversos assuntos e fazer variados malabarismos, mesmo que o pai o tenha criado para ser um homem de negócios e jamais tenha efetuado quaisquer das atividades anteriores na prática.

Tem que ser forte o suficiente para enfrentar quaisquer inimigos, mesmo que o monstro debaixo da cama continue a assustá-lo, mesmo que continue a ser um menino que gostaria apenas de observar encantado uma formiga carregando uma folha, ou contemplar um gato preguiçoso enrolado no tapete da sala como se aquele fosse o instante mais importante da vida, porque é, e aquele garotinho curioso sabe, em sua pequena e grande sabedoria, que realmente essa é a perfeição da vida.

Deve demonstrar ciúmes e posse por sua companheira e, ao mesmo tempo, não, pois isso é machismo! Não cabe mais nos dias atuais chamar uma garota de gostosa pois está violando o direito de ser ela mesma. Porém, o amigo ao lado dirá que a menina é muito boa e deve sim chamá-la de delícia e assobiar para ela, porque as mulheres gostam disso. E por que não? Afinal, ela está vestida de forma provocante que dá a qualquer homem o direito de devorá-la com os olhos e derramar várias frases que a insultem. Não é isso o que ela está desejando ouvir?

Mas, por outro lado, ele sabe que não, que as mulheres desejam de ser tratadas como ele também gostaria de ser tratado: com respeito, simples e puro. E como fazer isso então? Qual meu real papel como homem hoje? Preciso continuar a ser um garanhão na cama e com qualquer mulher que desponte em minha frente? Dúvidas me corroem, me incomodam e me consomem de uma forma desmedida.

Mesmo que não me sinta atraído por algumas mulheres, preciso demonstrar que sim? Afinal, o que dirão sobre mim caso não me comporte da maneira, em tese, estipulada por uma sociedade machista que diz que

está em declínio? E, se eu quiser ser mulher, posso ser ou o mundo de hoje ainda critica o direito de cada um ser aquilo que queira, embora existam diversas legislações que afirmem tais direitos. Com certeza, esses direitos caem por terra e transforma-se em tempestade. Minha mãe dizia que eu deveria ser quem meu pai desejava, mas eu sentia que, no fundo, ela mesma aspirava ser simples e puramente ela. E nem ela, tão calma e sóbria, compreendia direito quem era. Brado enlouquecido ou enlouquecida (?) e solução ao mesmo tempo em que dou gargalhadas em frenesi.

O trem para na próxima estação e não sei se será inverno ou verão, porém, confesso, feliz, que não sei o que sou: homem, mulher, animal ou vegetal. Quiçá seja pura e unicamente ar, suspiro e chuva, ou (sorrio em êxtase), talvez uma leve brisa em um dia quente ou uma onda turbulenta que se acalma ao tocar a praia transformando-se em suave espuma. Não sou o homem das cavernas, não sou o homem dos tempos passados que passeava com as donzelas; não disputo o amor das damas com espadas e não declamo meu amor diante de uma multidão.

Às vezes, sou tudo isso ao mesmo tempo, no entanto não digo para pessoa alguma. Você não irá revelar meu segredo para ninguém, não é? Então, nesse momento, me descubro e me revelo. Vou contar apenas para você quem eu sou: um misto de música suave e estridente; um rompante de medo, desejo, luta, carinho, afeição; procura e reencontro; a criatura invisível que passa ao seu lado e grita seu nome, que às vezes você escuta, mas não enxerga, ou ao contrário, aquele ser que você visualiza e conversa simplesmente mas que você não ouve minha voz. Que te beija, mas você não sente sabor algum e que, de vez em quando, não consegue corresponder aos seus anseios, mesmo tentando, desesperadamente, em vão chegar perto de seus sonhos. Sou a água caindo em uma noite de tempestade, não por ser aterrorizante – sei que te assusto – sou o relâmpago, querendo chamar sua atenção pela fusão das nuvens. Enfim, quero ser homem com amor, inteligência, respeito, mesmo que às vezes a fera dentro de mim se manifeste. Converso com a fera e confuso, descubro que essa fera é mais bela do que o homem que fui até hoje.

Relembro embevecido/a que ser homem nessa sociedade requer opinião, bom senso, sensibilidade, respeito, muita empatia, sensatez, e que combinado a tudo isso, requer também virilidade e saber ser responsável sem autoritarismo. Permitir-se ter sentimentos, mesmo que a sociedade diga que homens de verdade não devem ser sensíveis. Deve saber fazer uma

mulher chorar de felicidade e sorrir de prazer; saber ser pai, companheiro, filho, irmão, amigo. Saber ser provedor e coprovedor, sempre em conjunto, respeitando seus próprios limites e dos outros e desconstruindo um estigma de monstro protetor e onipotente. Não precisa ser perfeito, afinal, a perfeição não é pertinente a nós, meros mortais. Somos humanos e precisamos lidar e compreender a fundo essa definição de humanidade, que vai muito além do trabalho e da família. Humanidade é ter um olhar diferenciado para um animal, uma flor, uma pedra, uma mulher, um homem, uma criança. Ser homem é ter feminilidade de forma máscula em um estranho consenso de controvérsias e de universos paralelos ou mesmo opostos. Assumir papéis em uma sociedade machista que não dá espaço para nada; em que homens são mais fortes que as mulheres, embora não sejam.

Desconstruir paradigmas, afinal, não é uma luta de forças e sim uma relação que deve ser construída em uma sociedade que vive brandindo o que é ser homem com H maiúsculo. Então, em desespero, desafio: erga-se e seja este homem, destemido e intenso, como uma criança fazendo descobertas e orgulhando-se do papel que desempenha, pois o faz com a segurança que a deixa confortável, tanto para si quanto para as pessoas que estão ao seu lado, permitindo que as pessoas o conheçam, sem medo ou insinuações. Permitindo-se ser quem é e quem deseja que os outros sejam.

Olhando para trás e sorrindo do monstro ogro que queriam que fosse, mas que deixou florescer (sim, florescer, por que não?) o mais belo que existe em si. Homem que é garoto e adulto ao mesmo tempo; que sabe ser responsável e rir de si mesmo em um mundo perdido em lágrimas. que sabe chorar mostrando a sensibilidade de um cavalheiro, porque sim, as mulheres, mesmo as de hoje, buscam um príncipe encantado. Pasmem! Não sabiam disso? Eu também não, na minha feminilidade, agora, revertendo ao meu eu mulher, não sabia disso, até assumir para mim mesma que sonho com esse belo alfa. Sorriem de mim, se quiserem os tolos, pois não me importo mais.

Cansei de me importar com os pensamentos alheios e importo-me com a felicidade simples e pura, apenas, e isso é algo tão leve e o sabor tão impecável e doce com um toque rubro de sal vivo. A educação, a gentileza e a inteligência é o papel que o homem de hoje deve assumir em uma sociedade falida de propósitos reais para a felicidade. Seja poderoso com seus sentimentos, seja válido para a formiguinha, para a lebre e para o

elefante. Dance na chuva em um dia qualquer e cante sozinho assoviando sua própria canção. Outro dia, faça acompanhado e saboreando o misto das canções. Faça com que a sociedade não precise de regras ou homens pré-determinados. Invente-se e reconstrua-se a cada dia. Seja um pouco protetor e desprotegido, lembrando-se sempre que mulheres amam e precisam cuidar e ser cuidadas tanto quanto os homens.

O pesadelo transforma-se em sonho quando aprendemos a lidar com ele e se tiver medo, que esse pesadelo cresça, olhe nos seus olhos e diga: sou homem, sou fraco, sou forte, sou feliz, sou eu. E lembre-se que apenas você pode dissolver esse pesadelo, então permita-se enfrentá-lo. Você é inteligente e o seu papel na sociedade é de chorar, sorrir e, acima de tudo, ser feliz, dividindo sonhos e vencendo pesadelos, sem medo de dividí-los quando precisar. Todos precisam de alguém e não é à toa que somos seres sociais.

Decida ser você e acredite no que realmente importa, sem perder-se e esquecer que precisamos uns dos outros e que, uma vez que magoamos alguém, isso pode mudar sua vida e da outra pessoa para sempre. Somos responsáveis pelo que fazemos com outras pessoas assim como somos responsáveis pelo mundo que criamos a nossa volta.

Nesse momento, ergo os olhos para frente e reflito em frases que me surgem meio desconexas: o homem contemporâneo se destrói e reconstrói em uma Sociedade de Poetas Mortos. Reconstrói a si mesmo e o Mito da Caverna já não tem muito sentido e realmente ele não sabe mais quem é, se é que um dia soube. Não sabe lidar com seus desejos e frustrações. Perde-se nele mesmo.

Ser homem é renunciar ao carinho, a sentimentos aleatórios e casuais e ao apego. É vestir uma fantasia de herói e superioridade, mesmo que seu mundo e parâmetros estejam desmoronando. Me desculpe se às vezes não consigo me comportar ou me expressar da forma adequada, pois eu já não sei o que é ser adequado, sou inadequado em um mundo efêmero que me fere os olhos e a alma. Sangro muitas vezes e prefiro esconder minhas cicatrizes em formas cruéis de comportamento. Visto uma capa de quem não sou. Na verdade, sou invisível e irrisório por diversas vezes. Você sabe quem eu sou? Ajude-me a ir ao encontro de mim mesmo. Caso me encontre perdido por aí em uma curva qualquer, por favor, diga que estou aqui, esperando por mim mesmo e que anseio ardentemente há décadas por esse encontro. Pode ser casual... mas suplico, só dê

esse recado a mim mesmo se encontrar. É tudo o que peço. Prometo que ajudarei outros homens a se encontrar quando encontrar a mim mesmo. Obrigado!!! Te encontro na próxima estação e espero que aguarde por mim lá. Sobrevivo ávido com essa única esperança. Você pode fazer isso por mim?

Sinto um medo profundo e uma cólera intensa por quem determinou papéis para homens e mulheres. Sinto apatia por mim e uma grande sensação de importância por não saber como agir. Afinal, sou homem, não é? Então é minha obrigação como tal saber me comportar, sem dúvidas ou incoerências acerca disso. De repente, sem conexões alguma, vejo-me disperso em um maremoto de sensações das quais tenho enorme repulsa: um temor intenso me assola, me deixa triste e indiferente ao mesmo tempo. Contemplo uma tempestade que se aproxima, impávido e inerte. Sinto que cada vez mais me perco e me afasto de mim. O sol que outrora me encantava, hoje reflete uma sombra inócua como se nada importasse além das dúvidas incólumes que bailam em minha mente. Uma mente fria, e sem qualquer horizonte. Não busco perfeição e não reconheço em mim ou no amigo ao meu lado uma resposta convincente ou de alguma utilidade que projete o que somos.

Uma fotografia sorri de um quadro e busco desesperadamente encontrar um brilho mesmo que brando de algo que me traga uma revelação do que posso fazer em relação ao que me transformei. Sou uma arte moderna que não consegue cativar a ninguém. Sou desfeito e desprendido. Não me responsabilizo por minhas ações pois me manifesto como um zumbi arcaico e sem vida. Sussurro para um céu do qual não consigo visualizar a cor, pois como tudo a minha volta, parece manifestar neutro e sem graça. Sussurro para uma árvore pálida que exijo uma explicação do meu papel nesse mundo cruel e apático ao mesmo tempo, no entanto, ela desdenha de mim, e sorri como um carrasco. Emito um som grotesco e mudo para um pássaro que voa como num universo abstrato e ele simplesmente me ignora e mantém-se, elevado em seu belo vôo. Nesse momento, algo parece despertar dentro de mim e querer viver e não apenas sobreviver nesse mundo desconhecido. Se consegui ver a beleza de seu vôo, ainda posso enxergar mais coisa além disso. Suspiro, procurando me entusiasmar. Atravesso com passos descontínuos e desavisados uma rua sem personagens e de forma bizarra me encontro frente a uma imenso oceano com ondas brutais que castigam uma pobre pedra. Me identifico com a pedra, aquelas ondas parecem me açoitarem e fico inerte, sem conseguir me mexer. Sinto-me paralisado. De repente o barulho da onda me tira

do torpor momentâneo. Não tenho fé, não tenho crença nem descrença. Não idolatro deuses nem deixo de idolatrar. Continuo fugindo. De que ou de quem, não sei! Sinto que algo está a minha procura e tenho inveja e medo, pois não sei o que procuro. Não sei se tive um pai ou um filho. Não sei se tive uma esposa ou amante. Não sei se tive animais de estimação, aliás, não consigo sequer recordar que formas tem. Não sei se tive um lar, mas sei que ele existe em algum lugar.

Surpreendo-me com essa convicção. Sinto como se um dia tivesse sido alguém, porém não me identifico com nada. Não tenho um trabalho ou se o tenho, não faz diferença para mim. Sou limitado e arrogante. Sim, pois em um *insight*, vejo que me perdi no meu orgulho desavisado. Sufoco em um choro convulsivo mas não tem ninguém para ajudar a secar minhas lágrimas. Exausto, não sei em que momento cessei o pranto, apenas sinto meus olhos arderem. Talvez isso tudo seja consequências de minhas ações, no entanto não recordo sequer que ações são essas. Quero gritar para me colocarem-me em um tribunal e me julgarem. Apresentem o que fiz para que possa tentar argumentar e defender do que me tornei. Não sei se posso ser absolvido pelo crime que cometi, mas queria ser informado para me redimir com a vítima. Sou algoz? Sou perigoso? Não sei, pois hoje não me sinto sequer um homem. E nesse amargor instantâneo, o que me faz sentir em um abismo ainda maior é olhar para os lados e ver outros como eu: sem vida, sem cor, sem características, sem qualidade, insípidos, sem passado e o que é pior, sem perspectiva de futuro.

Tento acalmar minha alma descompensada, mas não vislumbro nada além do vazio. Olho para meu corpo e não consigo identificar cicatrizes ou sinais de quem fui. Quero ser como uma tradição praticada outrora, mas o outrora não existe muito menos a aurora para me dizer de que forma posso recomeçar. Um grito perde-se no vazio e estupefato vejo que veio de mim. Nesse instante, sorrio. Consegui emitir um som. Ele chegou até você? Agora, mais do que antes, sinto um início de calor, pressinto um chance de viver. Tenho um suave e doce *déjà vu*. E aí sim, respiro com a certeza de que já fui alguém. Ouço vozes dispersas que consigo decifrar aos poucos. Alguém vibra dizendo que um livro será escrito sobre o que é ser homem e sinto meu coração bater, como há muito não experimento. De repente, estou em júbilo! Grito desesperado: Você sabe quem eu sou e continuo a repetir como desvairado. Por favor, não deixem essa escrita no silêncio de seus corações!

Agora, atrevido e tímido ao mesmo tempo, sussurro: Vocês deixam eu ser personagem desse livro? Vocês deixam eu ser um dos atores, mesmo que coadjuvante que surge em um filme aparentemente trivial mas que pode trazer algo que transforme o mundo?

Desculpem-me, mas vocês sabem quem eu sou ?

Se aqui estou é porque vocês me ouviram e eu só queria que soubessem que existo. Nesse instante, um pássaro canta e as cores se encantam. Os homens ainda tem uma chance de se encontrar e a vida continua, efêmera e única.



Marcelo Medeiros



(21) 3972-6880



(21) 96974-9706



prmarcelomedeiros@gamil.com

- Possui formação nas áreas de Teologia, Pedagogia, Ciências da Religião, e Docência da Teologia e Filosofia;
- Atua como coordenador pedagógico, professor, palestrante e escritor em ambientes eclesiais e instituições de ensino religioso;
- Como escritor possui títulos na área teológica e devocional.

O homem expulso do paraíso: submissão às avessas

De modo análogo às culturas grega, babilônica e egípcia, os hebreus desenvolveram narrativas que visavam explicar a origem dos homens, ou do homem, e, com isso explicar o surgimento do seu povo e de suas instituições. Tais relatos sobreviveram na forma de tradições orais que foram contadas de geração para geração, até ganharem a forma escrita. Midraxe é um gênero de interpretação que se desenvolveu há séculos atrás, que se vale de narrativas históricas cujo propósito consiste em cobrir possíveis lacunas que o texto apresente. Já a *haggadah* é um tipo de narrativa que privilegia os atos salvadores do passado.

A existência inicial de tais textos na forma narrativa explica-se de forma bem simples. Para alguns sábios, a fé não pode ser transmitida pela leitura. Somente a narrativa pode cumprir com esta tarefa. Antes de se tornarem livro, a história existiu na forma oral.

Para o leitor e estudante da *torah* e da tradição oral, o relato da criação explica o surgimento de Israel. Na separação entre luz e trevas, lê-se o castigo das trevas sobre os egípcios, ao passo que, em Israel, havia luz¹. A separação entre as águas representa a passagem pelo mar², a criação das plantas para o alimento do homem serve de figura para o milagre do maná no deserto³, o Sol e a luz representam a coluna de fogo e a nuvem que acompanhavam o povo no deserto⁴, e assim sucessivamente.

Casamento, família, filhos e trabalho são as principais instituições judaicas explicadas já nos capítulos iniciais de Genesis. Casar-se, trabalhar e ter uma família com muitos filhos era de extrema importância para um povo de origem tribal, que buscava sua consolidação diante de outros povos mais organizados e estruturados. Daí a necessidade de se atrelar a fecundidade com à benção de Deus (Gn 1. 26 – 28; Sl 127. 2 – 5).

O casamento foi justificado através da história do homem nomeando os animais no Paraíso. A tradição midráxica afirma que o Bendito Seja Eternamente assim o fez a fim de que o homem percebesse a sua necessidade de uma companheira que estivesse, ou assistisse diante dele, ou que lhe estivesse à altura. O homem é adormecido para que uma parte de sua carne e de seus ossos se tornem matéria para a construção de um novo ser a mulher.

Ao acordar e se deparar com a mulher o homem exclama: “Agora sim, esta é carne da minha carne e ossos dos meus ossos, pelo que será chamada

mulher, pois do homem foi tomada⁷. A expressão indica parentesco, familiaridade, aproximação dentro da literatura bíblica. E é melhor compreendida à luz da leitura global do livro, em que os patriarcas Isaaque, e Jacó casaram-se com mulheres de sua família, primas. Daí que a mesma frase seja usada pelo tio de Jacó, quando casa este com sua filha⁵. Casamento é um pacto entre famílias, entre homem e mulher com vistas ao fortalecimento de um clã. Preservar o contrato é uma espécie de autopreservação.

De igual modo, a instituição do trabalho é justificada nessas narrativas. Ao homem, é dada a missão de trabalhar o solo, porque o ser humano, ou o Adam (conforme o texto judaico chama o homem), vem do solo, ou da terra, que em hebraico é *adamãh*. Mas, junto com a missão de cuidar do jardim, é dada uma ordem de não comer da árvore da ciência do bem e do mal. Ciência aqui não tem o mesmo sentido que passou a ter na modernidade. O termo hebraico *da'át* (lembre-se é a língua em que Gênesis é escrito), significa um saber que decorre da experiência. Comer da árvore da ciência do bem e do mal implica em estar aberto a toda forma de experiência, as boas e as ruins.

Outra reflexão a ser feita aqui é a de que, na cultura judaica, o saber, ou conhecimento não pode ser tomado pronto, e nisso possivelmente constituiu o maior pecado do casal da narrativa. E quais foram os efeitos? Para a mulher ter as dores do seu parto multiplicado, para o homem, trabalhar a terra, colher os frutos do seu trabalho com a mesma, mas também colher os dissabores. Após desobedecer a ordem de Deus, a ordem de trabalhar a terra é reforçada, agora para lembrar ao homem que ele não é nem Deus, e muito menos um outro deus, mas um ser vivo que algum dia vai retornar ao pó.

Como um relato antigo pode contribuir em uma obra como esta que pretende discutir a masculinidade? Que relevância um texto da *torah*, ou da Bíblia Sagrada pode contribuir na reflexão a respeito da masculinidade? Em que sentido um texto pré-científico pode contribuir? De fato, ao ler os capítulos iniciais de Gênesis é possível a percepção de uma série de lacunas. Mas a história do casal no paraíso é, ao meu ver, o tipo perfeito de história que pega o ouvinte, ou leitor.

Ser apanhado por um relato como o do primeiro casal no Paraíso pode levar o ouvinte e o leitor a pensar sobre a necessidade de relacionamento, sobre querer ser mais do que de fato é, sobre orgulho, intimidade, crime e castigo. Há barreiras ao homem moderno? Sim. Nossa mente científica não digere animais falantes, mas para literatos e para o ouvido

atento à narrativa, em apreço, produz uma experiência que é um misto de espanto e atração ao mesmo tempo.

Não sem razão, uma história que ocupa poucas páginas foi contada por gerações e mais gerações até se transformar em texto. Não foi apenas repetida, mas, recebeu inúmeras ressignificações. E por quê? Tudo porque o Paraíso, quando ouvido e lido da forma “correta”, não é uma narrativa sobre um casal hipotético, mas sobre cada ouvinte e cada leitor em particular. Foi assim que Israel leu e percebeu os capítulos iniciais de Gênesis.

Foi dessa forma que sábios e poetas leram o texto em apreço e a própria lógica interna da Bíblia indica isso. Veja Davi, por exemplo, “quando vejo o céu, obra dos teus dedos, a Lua e as estrelas que fixaste, que é o homem para dele te lembrares, e o filho de Adão, para vires visitá-lo?” (Sl 8. 4, 5 Bíblia de Jerusalém). A palavra homem aqui é a tradução de *enosch*, que é associada a Adam. *Enosch* é a palavra empregada para se referir ao homem em sua fragilidade.

Zakar e nequebar, assim como *ish* e *ishsh* são termos que expressam o homem em relação entre homem e mulher. Mas a palavra que expressa masculinidade, poderio e domínio é *gibbor*, ou *gibboreim* e é totalmente oposta a *enosch*. Aquelas descrevem os homens de guerra, enquanto homem viril. Em Gênesis, o termo é usado para se referir aos heróis dos tempos antigos, ou *gibboreim esher meulam*. Seres híbridos provenientes da união entre anjos e mulheres são chamados de *enosch ha shem*, homens de renome. Logo, ser másculo é, a despeito da fragilidade, agir de tal forma a deixar um nome que perdure.

O livro de Enoque é ainda mais específico nesse sentido. Os anjos, além de tomarem mulheres para si e gerarem filhos com elas, ainda as ensinaram as artes mágicas, e aos homens ensinaram a confecção de espadas e outras armas de guerra. E mais: se insisto nesse ponto, o faço para pontuar como a masculinidade está associada à violência desde os antigos mitos até à literatura de guerra e a literatura de amor. A diferença daqueles para esta talvez esteja na ausência da evocação aos deuses e no papel do homem como maior protagonista. Mas deixo esse assunto para os literatos. Na narrativa do Genesis e na tradição enoquiana, o heroísmo (expressão de masculinidade e virilidade) não é bem visto.

Ao ser expulso do Paraíso, o primeiro casal recebeu punições específicas e individuais. Tais punições também foram interpretadas à luz do

contexto histórico específico, com vistas à justificativa institucional e de costumes. Mas essa não é a única leitura possível. Há duas tradições sobre uma continuidade da leitura das narrativas de Gênesis. A primeira já foi comentada nas linhas acima. A segunda possivelmente venha de uma tradição cristã apócrifa, que são os livros de Adão e Eva.

Este último é importante por conta das narrativas que apontam a nostalgia do casal após sua saída do Paraíso. Nostalgia aqui é a palavra apropriada para a dor que é descrita nestes escritos, que, longe de ser algo particular, é uma experiência do casal. A partir de então, a saga de ambos se divide na tentativa de retorno ao Éden, e à obediência à voz de Deus que exige que eles habitem em uma caverna. Ainda que esta represente algum tipo de proteção, a visão que uma caverna fornece nem de longe se compara. Se estar na caverna representa uma proteção, de igual modo, é a privação da beleza.

Apesar do caráter fortemente messiânico dos livros de Adão e Eva, percebe-se nessa narrativa (que é pobre se comparada com a de Enoque) uma solidariedade entre o casal. O livro descreve ambos tentando voltar ao Paraíso, se arrependendo e se lamentando pela desobediência comum. O lamento do casal depende da manifestação do messias futuro e da redenção final. Mas mais uma vez o Midraxe apresenta outra saída. Qual?

Algumas narrativas judaicas abrem mãos de um messianismo personalista em favor da ideia de que cada leitor da *torah* é um messias em potencial. Nestas narrativas o Messias deixa de ser o Filho de Adão que vem nas nuvens e derrota os inimigos dos judeus. Essas mesmas narrativas afirmam que ao ser expulso do Paraíso, homem e mulher não foram castigados, mas desafiados a fazerem da terra, que por sua vez os desafia, um lugar fértil. Em outras palavras, o retorno ao Éden será garantido e efetivado na medida em que a terra que produz cardos e abrolhos for transformada em um jardim. Sob esta perspectiva, ser másculo não se resume a ter qualidades de guerreiro, mas a ser jardineiro.

Ao fazer essa afirmação, sei que estou dentro do espectro judaico. Esse povo é descrito como agropastoril, tanto que seu Deus é chamado de Pastor de Israel nos salmos⁶. É emblemático para a discussão que os heróis deste povo sejam agricultores como Gideão, ou pastores como Moisés e Davi. De alguma forma, o herói judaico está inapelável e irremediavelmente ao trabalho da terra, de modo que, ao mesmo tempo em que a coragem na guerra lhe valha o título de valente, viril, poderoso, sua fraqueza se torna poesia.

O termo poesia é o mais pertinente aqui pelo fato de advir de *poiema*, ou *poiesis*, cujo sentido é de obra, e que a versão grega usa para se referir à criação. Em regra, o termo equivalente é o de *matséh*. Ao passo que a palavra que equivale ao trabalho penoso é *a'mal*, uma palavra que significa aflição. A reforma protestante trouxe uma nova visão de trabalho, que, na medida em que foi sendo absorvida no discurso da sociedade do trabalho deu ênfase positiva ao esforço laborativo. Mas o termo *poiema* aponta em outra direção. É a de obras que nos preenchem de significado existencial, e nas quais nos realizamos como imagem e semelhança de Deus.

Cozinhar, costurar, fazer um poema, educar, ministrar aulas, escrever um diário, redigir um texto que nos tocou, limpar a casa, lavar, passar, todas estas simples ações, podem em algum momento auxiliar no processo de carregar o mundo de beleza.

No tocante aos relacionamentos, a metáfora do plantar, cuidar e guardar o jardim é mais pertinente do que nunca. Casamento e amizades são vistos na sabedoria antiga como dádivas de Deus. E por isso demandam um cuidado similar ao de um jardim, que se não cuidado vira um matagal. O que torna a comparação ainda mais apropriada é o fato incontestado de que não existe jardim, mata, ou floresta sem diversidade. De modo análogo, não há relacionamento sem que tais dessemelhanças sejam devidamente consideradas. Logo, plantar, cuidar e guardar um jardim é cuidar de sua diversidade, pois este é um aspecto da sua beleza.

Aceitar o papel de provedor e submeter-se à toda e qualquer forma de trabalho é o mesmo que desumanizar-se. Gregori Samsa é um personagem literário do livro *A Metamorfose*, de Franz Kafka, que ilustra bem isso. Ele é o típico homem provedor que, por necessidade de sustentar a família, despreza suas potencialidades reais e adia seus sonhos. Um belo dia, amanhece misteriosamente transformado em um inseto.

Minha leitura é a de que ele se transformou em um inseto ao deixar de exercer sua real vocação, ou sem fazer a sua *poiesis*. Trabalhar por coerção é o que de mais desumano existe. Conforme dito acima, o trabalho ordenado por Deus tem a ver com o lidar com a terra. Isso tem uma ênfase pedagógica, pois, lidando com a terra, o homem percebe a sua ambiguidade, sua fragilidade e virilidade, ou como disse Pascal sua miséria e dignidade. Na lógica do texto, o homem vem da terra, vive da terra e volta para a terra. É sob essa perspectiva que o ouvinte da lei e leitor da *torah* vive o cotidiano.

Ser homem é muito mais do que trabalhar para prover a subsistência para si e para os demais, ou os bens de consumo que garantam o *status quo* para si e para a família. Em Gênesis, Deus é mostrado fruindo da própria obra, e convidando o homem ao mesmo (essa é a ideia que será repetida exaustivamente pelo pregador no livro de Eclesiastes) é simplesmente sensorial, crendo ou não em um Deus, ou deus. Sim, porque contemplação e fruição são as maiores necessidades do homem moderno. Sem ambas, ele não conhece a si mesmo, e não o conhece porque não pergunta a respeito de si, como fez o salmista. Sem este conhecimento o homem poderá dominar tudo e algo mais, mas será submisso a um tipo de coerção que lhe rouba seu papel como protagonista de sua própria história.

¹ Gn 1. 4; Ex 10. 21 - 23

² Gn 1. 7; Ex 14. 15 - 31

³ Gn 1. 11, 12; Ex 16

⁴ Gn 1. 14 - 18; Ex 13. 21

⁵ Gn 29. 14.

⁶ Sl 23. 1; 80. 1ss.

Referências

BETO, F.; BOFF, L.; CORTELLA, M. S. **Felicidade foi-se embora**. Petrópolis: Vozes, 2016.

BROW, C.; COENEN, L. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CPAD. **Bíblia de estudo palavras – chave hebraico e grego**. Rio de Janeiro: Casas Publicadoras das Assembleias de Deus, 2011.

CORTELLA, M.S. **Qual é a tua obra?** Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis: Vozes, 2011.

EICHRODT, W. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2004.

FRANCISCO, E. F. **Antigo Testamento interlinear hebraico – português – Volume 1 Pentateuco**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARRIS, R. L.; ARCHER JR, G. L.; WALTKE, B. K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KAFKA, F. **A metamorfose**. São Paulo: Abril Cultural, 2002.

LEWIS, C. S. **Os quatro amores**. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2009.

NIETZSCHE, F. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

PASCAL, B. **Pensamentos**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015. (Coleção Folha – Grandes nomes do pensamento, v. 10)

PROENÇA, E. (Org.). **Apócrifos e pseudoepígrafos da Bíblia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

SCHOMMER, A. **O Evangelho segundo a filosofia: do filósofo Jesus às ideias sobre Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

VINCENT, M. R. **Estudo no vocabulário grego do Novo Testamento**. Vol.1. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.



Valdemir Francisco da Silva Júnior

CRP 05/36245



@valdemirjrpsicologo



valdemirjrpsic1980@gmail.com



<http://lattes.cnpq.br/1530632410343816>

- Psicólogo clínico;
- É mestrando no Programa de Pós-graduado em Educação Cultura e Comunicação da FEBF/ UERJ, em que pesquisa o comportamento suicida em adolescentes negras;
- Membro do Grupo de Pesquisa de História da Educação do Negro na Educação Brasileira GHIEDNEBR, com o projeto guarda-chuva chamado Velhos Sujeitos, Novos Problemas: Negros na História da Educação, da FEBF-UERJ;
- Especialização em Gestão de Saúde Mental;
- Psicólogo e Coordenador no PSE (Programa Saúde na Escola) em Guapimirim e Diretor do CAPS AD Belford Roxo (Centro de Atenção Psicossocial, Álcool e outras Drogas);
- Também é palestrante e atende em consultório de psicologia, tendo como embasamento teórico a Psicanálise;
- Compõe o quadro de professores convidados do CCNS (Cursos Clínica e Assessoria em Recursos Humanos Ltda.) desde 2017;
- Tem vasta experiência em políticas públicas, tendo atuado na Assistência Social, Educação, Saúde e Saúde Mental.

Mal-estar contemporâneo: a formação da masculinidade negra em um ambiente de hostilidade e medo

Inicialmente, gostaria de te convidar a ler estas palavras através dos meus olhos. Os olhos de um homem negro que, após um longo processo de descobrimento, está em um percurso de reconhecimento do existir. Um homem que vem se tornando negro a cada momento, acrescido do lugar ético e político que isso representa.

Essa formação, passa pelo lugar/função de pai, que se concretizou com o nascimento dos meus dois filhos. A primeira nasceu 2011, o nome dela é Nathália. E, no ano de 2013, nasceu meu filho Lucas. Participando da vida de duas lindas crianças, realizei o sonho ancestral de dar continuidade à minha semente, pois, uma vez que eu aqui não estiver, eles seguirão suas vidas com a minha representação biológica. Contudo, precisamos educar, a fim de que nossas ideias, e não somente a nossa genética, se perpetue em nossos rebentos.

Como você vê o mundo? Levanto aqui a pergunta se o nosso olhar está diretamente condicionando pela nossa etnia? Começamos a pensar que um gesto simples como o olhar possui diferentes interseccionalidades. Os principais são o gênero, a etnia e a classe. Ainda que negros, homens e mulheres negras não vejam o mundo da mesma forma. Seus lugares na sociedade são diferentes, embora etnicamente eles possuam algo em comum, mas o fato de ser homem ou mulher lança sobre eles expectativa e função social que, ao fim e ao cabo, os distanciam. Dessa forma, queremos problematizar o olhar, algo que, para muitos, ocorre como mera função do globo ocular.

Outra possibilidade que pode alterar nossa forma de ver o mundo é a classe social. Indivíduos semelhantes que possuem a mesma condição étnica, porém diferentes classes sociais. Por exemplo, dois indivíduos brancos de classes sociais diferentes e moradores de bairros diferentes. O Primeiro mora em Santa Cruz e o segundo no Leblon¹. Embora possuam um pertencimento étnico em comum, eles enxergam o mundo e são atravessados por questões muito diferentes, que mobilizam a sua existência.

Gostaríamos de unir nossa voz às vozes de Neuza Santos Souza, Oracy Nogueira, Silvio Almeida, Djamilia Ribeiro e tantos outros intelectuais,

para dialogar com eles(as) e dar nossa contribuição à luta antirracista, (re)afirmando ao caro leitor que a realidade do racismo não depende da sua concordância ou discordância. O psicanalista Christian Dunker pontua o sofrimento em um aspecto importante de reconhecimento e inscrição no social (DUNKER, 2015). Isso, inclusive, direciona a forma de cuidado ou de negligência no ato de dirimir a desigualdade. Por meio da minha atividade como profissional de saúde no campo da educação, a cada dia, ratifico a urgência de políticas públicas que ampliem o combate ao racismo e suas expressões. Não podemos varrer para baixo do tapete questões importantes, pois, mais cedo ou mais tarde, elas voltam com uma força ainda maior à superfície. Assim, o racismo não pode ser pensado apenas como um problema dos(as) negros(as), mas de toda a sociedade.

Para falar da masculinidade negra, é preciso considerar que a história desse grupo racial é formada por forte influência feminina, pois o olhar racial está intimamente ligado ao de classe e gênero, que reflete o conceito de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2020). Mesmo sob o domínio do colonizador, os(as) negros(as) continuaram a transmitir seus valores aos seus filhos(as).

A sociedade negra que se formou com a escravidão, era impulsionada tanto por homens como por mulheres. Dessa maneira, estamos dizendo que homens e mulheres negras possuíam valores culturais e visões de mundo que, ao longo da história, foram transmitidos aos mais novos(as), que seguem o fluxo atlântico iniciando com a diáspora africana. Há valores africanos que são de domínio masculino e outros que são do domínio feminino. Um indivíduo negro recebe ambos.

Embora a escravidão tenha sido abolida no dia 13 de maio de 1888, ainda conseguimos ver nos dias atuais permanências que nos levam a dizer que esse processo foi inconcluso, sobretudo quando olhamos para as questões sociais e econômicas. Sousa (1983) nos diz que, para além dessas questões, existe outra ainda mais profunda que diz respeito ao “ideal de eu”. Segundo a autora, o imaginário brasileiro foi moldado pelo colonizador, e foi inculcando nas mentes dos(as) negros(as) o desejo de ser branco para ser socialmente aceito.

Por isso, todo homem e toda mulher negra deve ter consciência de que o valor sobre o qual a sociedade se forma não lhe considera como norma, mas como exótico, como outro. Isto se mostra desde os padrões de beleza, às oportunidades educacionais, de mobilidade social, nas

relações sociais, na política, dentre outros aspectos. Sendo o racismo parte integrante da estrutura da sociedade, de sua constituição. Logo, a raça não aparece apenas “na moldura dos comportamentos individuais, ou de grupos, mas na definição de estratégias políticas estatais e não estatais” (ALMEIDA, 2018, p. 43).

Assim, urgem ações que promovam mudanças nessa estrutura, que se-grega, exclui, causa sofrimento e mortes. Somos únicos como sujeitos e devemos respeitar aqueles que não são como nós, mas estabelecer relações com este que é “estranho”. Pois é possível se conectar com aquele que está fora do seu espectro, sem que ele signifique perigo, ou alguém a ser temido para justificar seu extermínio. Assim, importa um convite aos pais e homens negros, a se unirem com outros muitos pais e mães, que buscaram (re)significar a repressão social que os impele a esconder seus aspectos de existência negra e nos tornar “estranho, como algo que deveria ter permanecido oculto, mas veio a luz” (FREUD, 1919, p. 256). Mostremos nosso jeito familiar e histórico de sermos nós mesmos, com nossas potências, belezas e intelectualidades. Tornemo-nos familiares, mesmo que diferentes. Façamo-nos negros com menos mascarás brancas. Sejamoss nosso próprio ideal de eu, ideal de homens, ideal de pais.

A compreensão dessas questões, tem como objetivo fortalecer a existência negra, coadunando com a perspectiva fanoniana, pois “o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco” (FANON, 2008, p. 26). Por isso, gostaríamos de dirigir algumas palavras aos pais, negros ou não. Mas também às mães, tias e avós negras, reafirmando que a luta deste povo passa incontestavelmente por forte presença e função social das mulheres negras, como podemos ver no trabalho de Ângela Davis, “Mulheres, raça e classe”, dentre outras autoras e intelectuais negras.

Nossa geração experimentou a mudança do valor de beleza do cabelo das mulheres negras, expressando nossa diferença fenotípica, bem como na forma cultural de utilizar os penteados, tranças, cabelos *Black*, o samba. Pais, homens, valorizem esta cultura. Aprendam sobre os penteados dos cabelos ondulados e crespos². Podem visitar muitos canais no *Youtube* sobre esta temática, inclusive com tutoriais. Ensinem seus filhos e filhas a compreender a si mesmos, abrindo caminho para compreender as múltiplas formas de existir.

Neste sentido, cabe aos pais de meninas e meninos negros apresentar-lhes os valores que confirmem a beleza, a partir de sua negritude, influenciando

na formação de suas identidades. Educando-os em uma perspectiva afrocentrada, apresentamos outros aspectos que reforcem sua ancestralidade e seu pertencimento à comunidade negra.

Qual é o significado que atribuímos ao ser homem, pai e negro? Conferimos ao ser homem, pai e negro, transcender as funções de provedor. Pai é aquele que cuida, não deixando essa tarefa unicamente para a mulher. Tanto homens como mulheres devem cuidar uns dos outros. Isso é inerente à humanidade.

Como psicólogo, notamos que muitas famílias vêm maximizando a terceirização do cuidado. Dessa maneira, estamos na contramão.

Nosso texto pode causar estranhamento e incomodo. Mas ele é escrito também para isso. Freud (1919) nos diz que “o estranho”³ é algo que normalmente causa repulsa, visto como assustador e perigoso. Falar de racismo ainda causa essa inquietação em muitas pessoas, mas não podemos nos calar ante as injustiças sociais, a exemplo das pesquisas sociológicas que expuseram aspectos das relações raciais no Brasil, foi constatada a presença do que se nomeou “preconceito racial de marca” (NOGUEIRA, 1998). Segundo o autor, esse tipo de preconceito racial se expressa pelo preterimento nas relações sociais, tomando “por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque” (NOGUEIRA, 1998, p. 292).

A problemática do racismo é tão profunda no Brasil, que precisamos convocar toda a sociedade para combatê-lo. A luta antirracista depende de ações diversas em muitos campos, como podemos ver, por exemplo, os estudos desenvolvidos no GHIEDNEBR – Grupo de Pesquisa de História da Educação do Negro na Educação Brasileira com o projeto guarda-chuva chamado Velhos Sujeitos, Novos Problemas: Negros na História da Educação⁴, coordenado pelo Professor Dr. Alexandre Ribeiro Neto, do qual faço parte.

Cabe também à psicanálise ampliar o olhar sobre a subjetividade do negro no Brasil, dando continuidade à pesquisa desde a pioneira psicanalista, Virgínia Leone Bicudo (1910-2003), aos atuais trabalhos sobre a questão do negro no Brasil como Neusa Santos Souza (1983). Dentre os livros que contribuem para alimentar a reflexão, citamos também “O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise”, organizado por Noemi Moritz Kon (2017). Nosso interesse atravessa as questões étnicas e unem esses autores traçando diálogos com Birman (2005). Dessa forma, sublinhamos que o tema da negritude é amplo e pode ser recortado e posto em diálogo com

outros campos de conhecimento de diferentes maneiras. Seria impossível esgotá-lo nestas páginas, mas a intenção foi de apontar caminhos para a reflexão sobre masculinidade e paternidade negra.

O atual cenário de crise, produzido pela pandemia do Coronavírus, da maneira como foi declarada oficialmente pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 11 de março de 2020, redirecionou as ações do Sistema Único de Saúde (SUS), onde consta o aspecto social e relacional de contágio, com vistas a orientar o isolamento social da população, especialmente aquelas pessoas com COVID19 (BRASIL, 2020).

Nesse contexto, ações efetivas foram desenvolvidas buscando evitar que as pessoas infectadas pelo vírus sofressem com estigmas e consequente discriminação. Nesse sentido, precisamos desenvolver ações diversas com impactos semelhantes à discriminação racial no Brasil. Já que a violência contra a pessoa negra marca a história desta nação. Sendo um dos antídotos contra o racismo a disseminação da história e cultura afro-brasileira, havendo, inclusive, legislação ainda tão desrespeitada no ambiente educacional formal⁵. Ademais, precisamos incluir posturas no âmbito familiar que valorizem a história e traços da negritude.

Sugiro que os pais façam contação de histórias para seus filhos e filhas, que falem do processo de construção das famílias negras; que ouçam músicas, vejam bons filmes, planejem atividades físicas em conjunto com eles. Sobretudo, que se coloquem no lugar de quem pode e precisa ouvir e não apenas falar. Há uma gama de livros infantis que abordam a questão étnico-racial. Podemos citar a coleção do Kiriku (OCELOT, 2016); “Amor de cabelo”, por Matthew A. Cherry e Vashti Harrison; “Minha mãe é negra sim!”, de Patrícia Santana.

Por isso tudo, não unimos a nossa voz ao discurso da vitimização do homem negro. Ao contrário, compreendemos que existe um dever, um tornar-se negro que carrega em si uma potência que ainda não descobrimos completamente. A sociedade brasileira está em crise, os papéis sociais foram questionados e estamos construindo novas formas de ser no mundo. Não existe uma receita. Cada um vai descobrindo como vai tecer a teia de seus próprios relacionamentos de forma saudável.

Ao tempo em que a sociedade brasileira está em crise, ela também causa crise identitária nos indivíduos. Tanto do ponto de vista social como econômico. Vários homens perderam seus empregos, precisam dividir as despesas e não sabem como se colocar dentro das relações

familiares, nesse novo cenário. Suas masculinidades, amparadas em velhos papéis estereotipados, não produzem mais respostas. Elas produzem angústia. Diante desse sentimento, somos chamados a refletir sem dar a resposta ao outro.

Diante do que foi exposto, podemos concluir que descobrir-se negro é um convite para se alinhar consigo e com a história; convoca homens e mulheres negras que fazem a função paterno/materna, exercendo esse lugar social ao passo que educam sujeitos em formação, sobre sua cultura ancestral e a participação do processo de transformação social, na perspectiva de um mundo mais justo e menos desigual.

¹ Santa Cruz é um bairro do subúrbio do município do Rio de Janeiro/RJ, normalmente conhecido pelas muitas comunidades carentes e confrontos entre forças estatais e poderes paralelos. Leblon é um bairro da Zona Sul do mesmo município, normalmente conhecido pela praia e pelos pontos turísticos.

² Existem formas diferentes dos cabelos, relacionadas às etnias/raças, classificadas em 4 tipos de fios de cabelo: liso (tipo 1), ondulados (tipo 2), encaracolados/cacheados (tipo 3) e crespos (tipo 4). Estes subdivididos em “a”, “b” e “c”.

³ Algumas traduções trazem o termo “o inquietante”.

⁴ <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/projetoPesquisa/viewProjeto-Pesquisa.xhtml?popup=true&idProjeto=469911>.

⁵ Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

Referências

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaia, 2020.

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BIRMAN, J. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *In: Physis: Rev. Saúde Coletiva*, v. 15, p. 203-224. Disponível em : <<https://www.scielo.br/pdf/physis/v15s0/v15s0a10.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2020.

CHERRY, M. A.; HARRISON, V. **Amor de cabelo**. Brasil: Galera Record, 2020.

DAVIS, Â. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUNKER, C. I. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREUD, S. O estranho. *In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição *Standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago. 1919.

KON, N. M (Org.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social. In: Revista de sociologia da USP*, 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2020.

OCELOT, M. **Kiriku e o colar da discórdia**. Rio de Janeiro: Viajante do Tempo, 2016.

SANTANA, P. **Minha mãe é negra sim!**. Belo Horizonte: Mazza, 2008.

SOUSA, N. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes de identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.



Ronald Lopes



(22) 98171-2227



ronald.lopes80@gmail.com



@ronaldlopesoliveira



Ronald Lopes



Ronald Lopes



<https://t.me/Perdaselutos>

- Doutorando em história pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ;
- Mestre e Licenciado em história pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO;
- Pós-graduado em ciências da Religião pela Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro – UCAM;
- Bacharel em Teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil – FACETEN;
- Estudos Psicanalíticos pelo Serviço de Psicanálise em Atenção à Infância e Família no Rio de Janeiro – SEPAI;
- Subtenente do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro – CBMERJ;
- Especialista em Operações em Salvamento em Desastres no Rio de Janeiro – COSD;
- Professor de história do 2º Colégio do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro – CCBMERJ;
- Pesquisador de história da morte e do morrer, cemitérios, ritos fúnebres e registros de óbitos;
- Autor do livro Mortos que constroem textos sobre Morte e o morrer.

Medo e angústia: breves considerações na (re)invenção de uma masculinidade em crise

O texto, uma vez que em tela é de caráter ensaístico que visa a contribuir com as discussões sobre certas masculinidades supostamente em crise. Por seu turno, pretende-se trazer alguns enxertos literários sobre essa temática. O enfoque estaria em aproximar superficialmente o lugar dessas masculinidades frente à temática da angústia e do medo. Creio ser pertinente, em tempo, ressaltar que não se trata de levantamentos e análises históricas sobre gêneros na *Global History* ainda que tangencie as discussões sobre masculinidades. (BOUCHERON; DELALANDE, 2015, p. 63-71). Ressalto também que escolhi realizar reflexões que, a partir de poemas da Divina Comédia e *MacBeth*, imagino ser consideráveis fontes para os usos do entendimento do papel das masculinidades no mundo contemporâneo, já que são poemas universais apesar de reconhecer a vitalidade de seus contextos históricos (KESTLER, 2012, p. 85-121). Dessa maneira, entendo poemas como possíveis lugares do simbólico¹ (ROSENDAHL, 2009, p. 6).

Marcando o conceito de masculinidade, entendo como categoria identitária que envolve coleção de informações discutidas em diferentes níveis de espaços e tempos atribuídos de sentido. Deixo ao lado as masculinidades abordadas enquanto discurso único, homogêneo e verticalizado que disputam representações nos campos com outras maneiras de narrativas do simbólico. Concentro-me na masculinidade que, segundo Silva (2011, p. 19) “não existe fazer-se homem, mas vivências tantas quanto masculinidades possíveis que se amoldaram em tempos e espaços” (sic). Isso significa dizer que masculinidade é o encadeamento individual/social que se constrói historicamente na cotidianidade espacial das relações humanas. Apesar disso, Matos (2005, p. 21-22) destaca que “a construção do feminino e masculino define-se um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura determinados”. Logo, considero que, para além das discussões sobre a questão da hegemonia de gênero masculino na sociedade e suas concepções e práticas de dominação contra o feminino, não existe uma única forma de masculinidade. Desde já destaco o aspecto identitário do trajeto de distinção social das masculinidades.

Para exemplificar o forte caráter identitário a que me refiro recorro à maneira específica de se ter acesso ao grupo de homens reservados ao

Exército dos EUA chamado de Marines. Eles se dizem "os verdadeiros homens" quando completam a travessia ritualística de privações, desafios, disciplina e crueldade imposta aos recrutas. É necessário despir-se de toda a contaminação feminina, sensível e intuitiva. Dizem eles: "Para se criar um grupo de homens mate a mulher que está neles" (CECCARELLI, 1998, p. 49-56.). Distinção essa que ocuparia um lugar privilegiado no decorrer da História, mas que no mundo contemporâneo disputaria espaço com outras representações de masculinidade.

Colocando essa ideia em perspectiva, buscarei endereçar o lugar da masculinidade e sua relação com o medo e angústia em dois fragmentos de poemas universais. O primeiro é o Canto XIII do Inferno na obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. O segundo é *MacBeth*, de William Shakespeare. Ambos dispensam apresentações por conta do reduzido espaço para escrever esse ensaio. O primeiro texto que abordarei é o de Dante, nele mapearei o Canto e localizarei o lugar simbólico exercido pelo ministro em sua masculinidade.

Na Floresta das Harpias, onde os suicidas são punidos sendo transformados em espinhosos arbustos, há um diálogo interessante. Ali, Dante arranca um pequeno ramo que logo é interpelado pelo tronco choroso. Ele pede para Dante parar porque há muita dor no que ele fez. Já não bastava as Harpias eternamente se alimentarem de seu tronco e causar-lhe dor insuportável (DANTE, 2010).

Mas Dante não está sozinho, o poeta Virgílio pede à árvore que se apresente pela sua história. O tronco responde que seu nome era *Pier della Vigne*³ chanceler e jurista do rei Frederico II da Suécia e vítima de grande injustiça (FANTINI, 2019, p. 15-27). Sem provas, foi acusado de conspiração e intrigas contra o rei. Diz ainda que o crime não se justifica, pois sempre foi fiel e nunca o traiu. Foi preso e cegaram-no com ferro em brasa. Logo, rachar a própria cabeça contra a parede foi a maneira encontrada pelo ministro para tamanho sofrimento. Ele pede a Dante e Virgílio que, quando regressarem do Inferno, façam com que a memória dele seja restaurada (DANTE, 2010; FANTIN, 2019).

No poema, chama a atenção que a acusação de crime cometido pelo ministro foi oriunda daqueles que o cercavam na corte. Suposta transgressão essa que desempenharia um papel preponderante no exercício de sua identidade masculina. O lugar simbólico aí ocupado não resistiu às acusações e seus desdobramentos. A calúnia e difamação legitimaram

a punição emitida pelo rei. Cometeria suicídio a partir de uma acusação de crime que ele não poderia ter feito.

É um paradoxo de refinado complexo linguístico moral que resultaria numa espécie de “a dor acabou quando eu a matei em mim”. No exercício de sua masculinidade, é possível que o ministro tivesse um deleite de ter matado esse algo que não pudesse lidar com a perda. Em si mesmo, era preciso fazer morrer aquilo que lhe culpava e oprimia. Entretanto, essa legitimação não poderia ter sido justificada por Dante, pelo contrário, seu forte caráter identitário no exercício de sua masculinidade destruiu o bem divino mais supremo dado aos homens: a vida. A sua culpa de ter se matado foi agravada condenando-o ao eterno sofrimento numa selva sombria, pois assassinou um inocente-fiel. Logo, para Dante, o chanceler em sua identidade foi um condenado sujeito-inocente que habitaria o Inferno.

É possível dizer que o medo da morte não foi suficiente para lidar com tamanho sofrimento sem acabar com a própria vida. Então, o ministro poderia não ter ficado com medo da morte, mas é provável que ele se acovardasse de uma vida insuficiente de confiança. Por consequência, o ministro foi acometido por um sentimento generalizado de covardia moral e de insegurança. Logo, o medo da morte sendo o menos heroico dos sentimentos em sua identidade não permitiu que houvesse outro lugar que pudesse exercer suas funções sociais. Não se permitiu girar o olhar para a janela de sua psiquê e identificar lugar outro para sua masculinidade naquela existência.

O historiador Jean Delumeau (1999) já alertava que todos os homens têm medo. Ressalta que o princípio do medo é o da morte. É um mistério, mas é normal que os homens tenham medo e que a morte não irá desaparecer mesmo que não consigamos lidar com ela. Ao mesmo tempo, precisamos nos sentir seguros, precisamos de meios de nos proteger. Há duas coisas que são verdadeiras ao mesmo tempo para todos os homens: o perigo do qual surge o nosso medo e a necessidade de nos proteger desse perigo. (DELUMEAU, 1999 *apud* PIERONI, 2011).

Mas um sentimento generalizado de insegurança no ministro realizou uma espécie de apagamento da identificação frente ao objeto que lhe causava pavor. Eis aí o lugar simbólico de sua masculinidade: a angústia. Esta foi vivida na prisão como uma espera dolorosa diante de um perigo tanto mais temido quanto menos identificado. Imagino o ministro em sua prisão, se perguntando: “Jamais terei aquele lugar novamente.

Sou um impostor, não sou digno. Prefiro a morte a ter que passar por tanta humilhação”. No medo há um objeto determinado, mesmo que seja irreal, ao qual se pode fazer frente, ao passo que não existe para a angústia. A intensa angústia que capturou o ministro em sua identidade masculina levá-lo-ia ao suicídio porque não se identificou o que dele se perdeu naquele lugar simbólico de outrora² (DIAS, 2000, p. 119-135).

O segundo poema que proponho apontar para outro lugar simbólico ocupado pela masculinidade identitária é *MacBeth* de Shakespeare. Era o ano de 1603 na Inglaterra. Os dois generais do rei Duncan, da Escócia, estão voltando com a vitória depois da batalha. Acabaram de derrotar as forças inimigas da Noruega e da Irlanda lideradas por rebeldes. No caminho, montados em seus cavalos, os generais conversavam sobre a satisfação de ter vencido a guerra. De repente, três bruxas aparecem para ambos. Dentro da névoa, cada uma cumprimenta-os de forma cordial. Mas a última profetiza diz algo estarrecedor: *MacBeth* deverá “ser rei daí por diante”! O sinal desse cumprimento profético é a nomeação pelo rei Duncan do maior título de cavaleiro medieval, *Thane de Cawdor*. As bruxas desaparecem junto a névoa. Minutos depois, o esbaforido mensageiro do rei chega e informa a *MacBeth* que seu título de *Thane de Cawdor* acaba por ser concedido. Imediatamente, *MacBeth* deseja se tornar rei.

MacBeth contou todo o ocorrido a sua esposa. Ela, por sua vez, planejou assassinar o rei. Por amor, a ideia era matar o rei e conquistar o trono para o marido e, obviamente, ela mesma iria ser rainha. Discutiram! Mas sua esposa acabou convencendo-o de seguir o planejado. Na noite marcada *MacBeth* assassinou Duncan.

Ele ficou tão perturbado que sua esposa teve que assumir o controle da situação. Tirou o punhal ensanguentado das mãos do marido e incriminou os empregados. Sobrinhos e tios de Duncan chegaram ao castelo para entender o que estava ocorrendo. Ficaram sabendo que o rei estava morto. Simulando ódio, *MacBeth* assassina os guardas e põem a culpa neles. Assustados, os herdeiros do trono fogem e por isso levantaram suspeitas. *MacBeth* é aclamado rei da Escócia!

Depois do aparente sucesso, *MacBeth* lembrou que as bruxas também tinham dito que seu amigo Banquo “seria da linhagem real sem se tornar rei”. Incomodado, o novo rei convida, Banquo e seu filho Fleance, para um banquete e contrata dois homens para assiná-los.

No dia marcado Fleance conseguiu fugir, mas Banquo é assassinado. Durante o banquete real, *MacBeth* se depara com o fantasma de Banquo sentado em seu lugar à mesa. Apenas *MacBeth* está vendo o espectro de seu amigo falecido. Com gestos e grande fúria, ordena ao fantasma que saia de seu lugar imediatamente. Os convidados que não estão vendo o espectro ficaram apavorados com a cena do rei esbravejando contra a cadeira vazia.

O medo que ameaça o lugar de poder é a chave que atravessa esses versos do poema inglês. Ao que tudo indica, *MacBeth* desejava o poder a partir de algo estranho que lhe causa o desejo: o encontro com as bruxas. Projetando seus próprios medos e alucinações, *MacBeth* assassina o rei, guardas e seu próprio amigo. A partir daí muitas desilusões formariam parte de um enredo onde o centro do poder é ocupado por uma masculinidade ameaçada pelo medo. O lugar simbólico aí ocupado é de tormento, loucura e morte! Perder sua posição de poder é o que lhe causa pavor e temor no exercício de sua masculinidade conduzida pelo medo. Essa forma específica de organização política vinculada à instituição social governada pela masculinidade que detém o poder de morte ameaçado pelo medo da perda coloca à margem homens e mulheres com medo uns dos outros. O rei *MacBeth* supôs estar seguro eliminando seus objetos de ameaça.

Vimos que *Pier della Vigne* foi punido por acusações de traição e conspiração que ele alegou não ter cometido. Tendo forte convicção de que não haveria infidelidade de sua parte, também haveria pouca identificação do que lhe causava tanto sofrimento. O medo de acabar com sua própria vida não teve força para resistir a sua dor. Acovardou-se frente à vida insuficiente de confiança e segurança, de tal maneira que resultaria profunda angústia, levando-o ao suicídio.

Por outro lado, vimos que *MacBeth* desejaria ocupar lugar de rei. Após ter assassinado Duncan, o centro do poder é ocupado por uma masculinidade ameaçada constantemente pelo medo de perder sua posição política. Matando todos que pudessem lhe fazer frente, *Macbeth* é acometido por alucinações e pavores cuja masculinidade foi conduzida pelo medo. Violenta reação frente a iminente ilusória perda de seu reinado.

Portanto, no mundo contemporâneo, para além dos desdobramentos políticos dos movimentos feministas e culturais, ser homem parece estar ligado a poucas opções de vivência em suas masculinidades. Uma vez que ocuparia um lugar de dominação hegemonicamente construído na

cultura, perder esta posição estaria produzindo perturbações psíquicas. O primeiro é a angústia de lidar com a perda de sua posição privilegiada ao longo da História e, ao mesmo tempo, entender que algo dele foi perdido sem ser identificado. “Ser homem”, neste caso, é não identificar o que foi perdido dele nesse processo histórico.

Por outro lado, o medo ocuparia um lugar simbólico nos modos de vivência de suas masculinidades. Ameaça-lhes constantemente quando “ser homem” significa um lugar de dominação. Mas neste caso, a identificação daquilo que lhe ameaça está clara: outros agentes querem tomar seu poder. Essa identificação é ilusória, já que o medo estaria potencializado pela ameaça da perda. As masculinidades no mundo contemporâneo habitariam, então, lugares simbólicos de medo e angústia. É preciso reinventar outros lugares simbólicos que coadunam com a identidade própria nos modos de viver masculinidades.

¹ O Simbólico integra o biológico, ambiental, espiritual, o consciente/inconsciente; as práticas, o intelecto, sentimento, percepção e intuição. São espaços criados pela ocupação e pelo uso de símbolos para transformar aquele espaço em lugar.

² É preciso dizer que a angústia é um tipo de estranheza simbólica que captura o sujeito.

³ Dante era tomista e defendia que suicidas traem a Deus. Ao chegarem, são jogadas, pelo juiz Mínos, no sétimo círculo como sementes, que acabarão por germinar, transformando-se em árvores tortuosas, que em conjunto, constituirão a floresta escura e horrenda desse cenário.

Referências

ALIGHIERI, D. **Divina comédia**. 3 volumes. Trad. Ítalo Eugenio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 2010.

CECCARELLI, P. R. **A construção da masculinidade**. Percurso, São Paulo, v. 19, p. 49-56, 1998. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/texts/a-construcao-masculinidade.pdf>>. Acesso em: nov. 2020.

DIAS, S. A inquietante estranheza do corpo e o diagnóstico na adolescência. *In: Rev. Psicol. USP*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 119-135, 2000.

FANTIN, M. C. M. B. Pier Della Vigna x Catão de Útica: dois suicidas da divina comédia dantesca. *In: Revista Criação & Crítica*, n. 23, p. 15-27, abr. 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/151490/152728>>. Acesso em: set. 2020.

KESTLER, I. M. F. O Fausto de Goethe e o conceito de weltliteratur. *In: KESTLER, I. M. F.; MOURA, M. dos S. (Orgs.). Fausto de Goethe e a contemporaneidade: [Recurso eletrônico] questões fáusticas no século XXI*. Rio de Janeiro: Apa-Rio: De Letras, 2012, pp. 85-121.

PIERONI, G. **Jean Delumeau**: historiador do passado e do presente cristão. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, jul. 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312407338_ARQUIVO_SaoPauloANPUH2011.completo_revisao.pdf. Acesso em: set. 2020.

ROSENDAHL, Z. A dimensão do lugar sagrado: ratificando o domínio da emoção do ser no-mundo. *In: CARNEIRO, S. de S.; SANT'ANNA, M. J. G. (Orgs.). Cidades, olhares e trajetórias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SHAKESPEARE, W. **Macbeth**. Trad. Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

SILVA, J. M. **Espaço, gênero & masculinidades plurais**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2011.



Sérgio Afonso Júnior

CREA 5060773841/D



(21) 99019-7189



sergiogomesafonso@gmail.com



sergioafonso@sergioafonsooficial



Sérgio Afonso Jr

- Engenheiro Mecânico e de Petróleo;
- Atuei 25 anos em empresas multinacionais do ramo;
- Pós-graduado (MBA) - Gestão de Projetos pela Fundação Getúlio Vargas;
- Certificação *Green Belt* – Qualidade Total;
- Certificação *Lean Manufacturing* – melhoria contínua de processos fabris;
- Vasta experiência em Gestão de pessoas dos mais diferenciados departamentos, tendo atingido cargos de Gerências estratégicas;
- Prêmio de Melhor Fornecedor Petrobrás em 2009 por sua performance em atingir metas de *Budget*;
- Com vasta experiência profissional, Sérgio desenvolveu conhecimento e expertise passando por 7 países ao longo de sua carreira;
- Morei na Escócia (Aberdeen) para desenvolvimento de projeto de novos produtos de prospecção de petróleo;
- Manutenção de equipamentos, embarques em Plataformas marítimas até o desenvolvimento do mais rigoroso planejamento de contenção de vazamentos;
- Venho ao longo de toda minha carreira produzindo novos talentos, garantindo e consolidando o desenvolvimento do mercado Brasileiro;
- Lecionei na faculdade Estácio – Engenharia de Produção (campus Angra).

Você acha fácil ser homem: se eu fosse você

Parece que ouço a voz do meu pai ecoando nos meus ouvidos quando leio o título da obra em questão: “Seja Homem!” Faz-me lembrar quando da primeira vez que fui a uma danceteria. Lembro-me que dois amigos estavam me esperando na sala de casa junto do meu pai assistindo TV. Tomei banho e me arrumei rapidinho e, em 10 minutos, saí do quarto já dizendo tchau para os meus pais quando, subitamente, ouço aquele som parecido com o do carroceiro dando ordem ao cavalo para parar – ohhh, psiu! Olhei para trás e vi meu pai acenando para que voltássemos que ele tinha algo a dizer. Quando nós três chegamos à sala novamente, ele olhou bem para os meus olhos e disse: – Filho, se eu souber que você magoou alguma ‘fêmea’ eu juro que você nunca mais terá dentes na boca, estamos entendidos? Quase tive que trocar de calça.

Com o passar dos anos, pude perceber que fui um privilegiado pela educação que recebi, por mais amargas que possam ter sido as ‘incursões’ do meu pai. Obviamente, não utilizo das palavras que meu pai usava comigo e com meus irmãos para com os meus filhos, porém, jamais deixei de adverti-los quando necessário. Precisamos ser melhores que nossa geração passada. No exemplo acima, o cerne da questão era respeito para com as mulheres, isso é o que interessa. A maneira de abordar o assunto poderia ter sido mais ‘leve’ por parte do meu pai, sem dúvida, porém, eu tive maturidade suficiente para codificar a mensagem e entender. O remédio pode ter sido amargo, mas foi uma dose única.

Sempre fui muito cobrado a ser um homem no sentido mais amplo possível da palavra, no âmbito familiar, profissional, social sempre tive de ser exemplo. É claro que, nessa fase de infância, adolescência, até a fase adulta não gostamos de ser corrigidos e ter nossos erros expostos. O reconhecimento vem com o tempo, quando deixamos de ser somente filhos e passamos a ser pais, reconhecendo o valor de uma figura que nos ensinou e cobrou severamente para que fôssemos melhores a cada geração. Infelizmente, não é o que notamos nos dias de hoje. Gerações frágeis e descompromissadas com valores deixados com herança por seus entes simplesmente por não querer que seus filhos “sofram” o mesmo que eles (pais) quando crianças. Esse comportamento parece ter começado com a geração ‘Coca-Cola’, a qual pertenço, com idade entre 40 e 50 anos. A consequência é óbvia: pais exigem das escolas que eduquem seus filhos, quando, na verdade, essa função é da família e, para piorar,

quando ingressam nas escolas, encontram ambientes deficientes, com bases frágeis e que não prepararam o cidadão para o mercado de trabalho ou sequer ter senso crítico. Esse é o modelo falido de educação do Brasil que ajuda a geração de homens incompletos, para não dizer falidos. Em sua obra “Homem ao Máximo”, Edwin Louis Cole, ilustra com veemência a caricatura do pai de hoje:

A imagem da figura masculina que a televisão apresenta a milhões de espectadores está longe de ser a ideal. As figuras mais populares são de homens debochados, despóticos, fracos, preconceituosos, e por vezes até meio idiotas. O típico herói de novela hoje é um homem imaturo, adúltero, sexualmente promíscuo, infeliz e inseguro. Em determinados programas o homossexual é a personagem mais simpática, sábia e equilibrada que aparece.

Uma maneira para sabermos se a educação que recebemos quando criança fora realmente de qualidade é verificarmos nossos filhos, eles são nossos indicadores.

Tenho 3 filhos, Ian (19), João (6) e Antônio (1). Ian (filho do meu primeiro casamento) que mora em Londres há, aproximadamente, dez anos, está trabalhando e cursando a faculdade de Sociologia. Conversamos quase que diariamente e me orgulho de, ainda, ser ouvido, respeitado e de fazer parte dos seus sonhos, conflitos e realizações. Recentemente, há uns cinco anos, Ian esteve no Brasil e foi me visitar, na época, ele tinha quatorze anos e já parecia um homem. Como pai, procurava notar suas atitudes como um quase-homem. Dificilmente, uma pessoa com essa idade mudaria muito ao se tornar adulto, por isso, minha atenção para ele aumentou bem como as conversas. Falávamos sobre tudo, até de política. Eu estava feliz por ver meu filho que não via há muito tempo e a recíproca era verdadeira. Posso afirmar, pois ele se abre muito com minha esposa, são muito amigos. Tudo caminhava muito bem até o dia de almoçarmos em um restaurante a quilo. A comida era muito boa, porém, eu reparei que ele havia deixado resto de comida no prato, isso eu não tolerava (e ainda não tolero). Após perguntar se todos estavam satisfeitos, o questionei com um tom de quem não estava nada contente com o que acabara de presenciar. Ele se justificou dizendo que os hábitos da Inglaterra o influenciaram por um momento, mas que isso não se repetiria.

Com o João, pude desfrutar mais de perto o seu desenvolvimento. Quando ele tinha por volta de um ano eu fiquei desempregado por quase

dois anos, assim ficávamos horas juntos brincando e levando-o para todo lugar que fôssemos. Da minha parte, procurei educá-lo na base do diálogo como fiz com o Ian. Já minha esposa, me surpreendeu com sua conduta antiprotecionista, ao contrário da maioria das mães de filhos do sexo masculino, que criam seus filhos como se fossem crianças especiais.

Há dois anos estávamos todos em São Paulo durante minhas férias do trabalho. Entre visitas dos parentes procurávamos aproveitar as atrações da cidade grande, visitando parques, cinemas, shoppings, etc., ou seja, atrações que encontraríamos lá. Lembro que levei todos para apreciar o melhor frango assado da região que morava, lugar esse em que meu pai comprava frango desde quando eu era criança. Entramos e escolhemos uma mesa próxima à rampa de alimentos por causa do João. Enquanto o garçom estava providenciando uma cadeira infantil para o João, ele viu outras crianças e logo tratou de se enturmar. Deixamo-lo à vontade, enquanto nos servimos no *buffet*. Repentinamente, ele saiu de da nossa vista acompanhando as outras crianças que estavam em uma mini loja de brinquedos localizada dentro do restaurante. De longe, vi que o João estava pegando os brinquedos e brincando com os demais amiguinhos. Imediatamente, levantei-me e fui ao encontro dele. Chamei-o num tom de repreensão, porém sem gritar, me aproximei e agachei para falar próximo ao seu ouvido. Repreendi dizendo que aqueles brinquedos estavam lá para serem vendidos e não poderiam ser pegos a não ser que comprasse. Terminei dizendo que eu não gostaria de me levantar novamente para adverti-lo e pedi a ele explicar aos outros amiguinhos que eles não podiam fazer isso também. Falei com a maior discrição possível, pois o ambiente estava lotado. Fui me sentar junto de minha esposa e, logo em seguida, um senhor muito educado veio ao meu encontro e disse que percebeu toda a ação e que observou maravilhado como eduquei a meu filho. Disse-me que poucos pais sabem educar dessa forma e me parabenizou.

Recentemente, o João nos surpreendeu positivamente mais uma vez. João foi a casa de um amiguinho para um dia de brincadeiras com os amigos. Quando ele chegou de volta, já era quase noite e, curiosamente, a anfitriã da casa, a mãe do amiguinho, ligou para minha esposa. À princípio, ficamos preocupados pensando que o João tivesse feito algo de errado ou quebrado algum brinquedo (quando se tem filhos pequenos, muitas vezes esperamos por essas notícias). Foi justamente o contrário. Ela disse que ficou constrangida com o comportamento do João e que aprendeu muito com ele. Minha esposa perguntou o que ele fez que a

comoveu dessa maneira. Ela disse que, na hora do almoço, quando todos já estavam com as mãos devidamente lavadas e sentados à mesa, ele foi o único que orou agradecendo o alimento e, ao término da refeição, pediu licença e colocou seu prato na pia da cozinha. Ela ficou emocionada com o comportamento do nosso filho. A resposta da minha esposa a ela pelo telefone foi: – Amiga, nosso filho não nasceu assim não. Não pense que foi fácil educá-lo, muitas conversas e advertências até que ele chegasse a esse ponto. Muita dedicação e esforço para que ele pudesse, enfim, se portar decentemente na casa de estranhos. E mais, caso ele não tivesse se comportado dessa maneira, provavelmente, ficaria de castigo sem poder visitar os coleguinhas por um bom tempo, até que aprendesse. Isso é o mínimo que podemos esperar dos nossos filhos.

O Antônio é muito pequeno ainda, um ano, mas, como sabemos que o caçula costuma imitar os passos do irmão mais velho, fico mais tranquilo em saber que terá referência.

É fácil ser homem, desde que a família tenha sido sua base educadora, na qual valores, respeito e disciplina sejam pré-requisitos para sucesso pessoal. Homens (mulheres também) que estejam preparados a enfrentar obstáculos. Superando-os ou não, eles nos ensinam, nos moldam, nos forjam para que sejamos melhores a cada dia. Isso inclui ouvir ‘nãos’ durante a vida, talvez mais do que sins.

Sou profissional da área de Engenharia de Óleo & Gás há vinte e cinco anos, e, há 18, exerço cargo de gestão de pessoas, disciplina essa que é um dos pilares mestres na gestão de Projetos. Obviamente, tive bons momentos na minha carreira e evolui muito graças às chefias que pautavam sua administração em empoderamento (*empowerment*) dos seus liderados. Lembro que durante meu estágio em uma empresa multinacional de bens de capital eu cobri a saída de um engenheiro que fora transferido de setor. Minha atribuição principal era emitir laudos dos relatórios de não conformidades emitidos pelo setor de controle de qualidade, algo extremamente crítico para um estagiário, pois um laudo errado poderia comprometer toda uma produção. Outros colegas também receberam responsabilidades de mesmo calibre, porém, alguns não souberam aproveitar a oportunidade e reclamaram que era muita responsabilidade para eles. Isso me fez crescer como homem e profissional.

Porém, com o passar dos anos, muitas coisas mudaram. Quem tinha valor e era recompensado pelo seu desempenho nas mais diversas áreas:

relacional, interpessoal, resultados, etc., hoje, está descartado. Não são mais esses valores que interessam para as corporações.

Um caso sobre a fragilidade dos homens de hoje ocorreu comigo quando fui gerente de Operações de uma multinacional. O escopo era exatamente a minha especialização, reforma de equipamentos de perfuração de poços de petróleo. Adorava meu trabalho. Antes de ingressar nessa empresa eu trabalhei em outras que eram clientes desta e sabia que sua saúde financeira era um desafio a ser superado, há muitos anos fechava as contas ‘no vermelho’. Essa realidade, certamente, foi o que mais me motivou a aceitar o convite de gerente dessa base. Alinhei o time, mudei o fluxo de trabalho e começamos a terceirizar mais os serviços menos importantes e, obviamente, a logística contava bastante para o cumprimento dos prazos que, quase sempre, eram muito apertados, pois tinham que coincidir com o cronograma de perfuração das plataformas marítimas. Naquele ano, fizemos uma previsão de faturamento (*budget*) agressivo e todos abraçaram a causa, com exceção de uma pessoa, o diretor-geral, meu chefe. Com o tempo percebemos que ele agia de uma maneira não muito colaborativa, levantava questões não pertinente aos processos com o intuito apenas de chamar a atenção, muitas vezes impedindo o avanço e, conseqüentemente, comprometendo as metas acordadas com os clientes. Um adulto infantilizado que, como uma criança, fazia ‘birra’. Como Susan e Thomas Kuczumarski afirmam em sua obra “Liderança baseada em valores”:

“...O líder bem-sucedido permite que o conflito seja processado pelos próprios membros. Ao mesmo tempo, o líder deve ter confiança adequada no seu estilo de liderança e nas suas habilidades de comunicação para aceitar críticas sem se sentir ameaçado...”

Lembro que ele influenciava meu pessoal de confiança com churrascos e bebidas e pedia para que falassem antecipadamente sobre o planejamento da fábrica, que era de minha responsabilidade, mesmo sabendo que eu iria apresentar formalmente no momento adequado. Com isso, criava artifícios para cunhar problemas e me culpar por isso, seu desejo era que todos fossem limitados como ele. Eu tinha dois ‘Golias’ a vencer: atingir o faturamento e vencer o ‘fogo amigo’ da minha chefia. Ao final do ano, o setor de Vendas apresentou nosso faturamento oficial demonstrando o cumprimento das nossas metas e a opinião dos clientes referente aos projetos mais complexos. Depois de vários anos ‘no vermelho’ a empresa teve um forte motivo para comemorar e investir em novos equipamentos

objetivando novos desafios. Esse foi meu recado para a presidência. Depois de três semanas, fui demitido sem a menor explicação.

Quando falamos de uma masculinidade em crise temos a noção de algo que afete aquele homem e, no máximo, aqueles que estão ao seu redor e, que, na verdade, os danos são muito mais abrangentes que pensamos. Como disse antes, sou engenheiro e vivo a prática das coisas e nem sempre (ou quase nunca) o que os teóricos imprimem em seus livros condizem com o que realmente acontece.

Talvez, um dos exemplos mais absurdos de como uma geração de homens frágeis, infantilizados, mimimi, etc, pode afetar uma nação inteira: trabalhei por dois anos na maior empresa de perfuração do mundo como engenheiro *subsea* (responsável pela manutenção dos equipamentos de perfuração durante a parada das plataformas) e acompanhava os reparos de todas aquelas centenas de equipamentos em seus respectivos fabricantes. Tínhamos de quatro a cinco meses para desmontar todos os equipamentos, levá-los para os sites dos fabricantes, acompanhar os reparos, fazer a logística de volta à plataforma e comissionar os equipamentos reparados. Como um projeto dessa envergadura, todos os fornecedores já haviam sido comunicados sobre essa parada antecipadamente, logo, deveriam estar preparados para receber todo esse volume de trabalho. Com todos os equipamentos já deslocados para o reparo começaram a surgir restrições por parte dos fornecedores com inúmeras desculpas de falta disso, falta daquilo, carência de profissionais qualificados, sugerindo mudar os cronogramas e mudando os valores já determinados, etc. Os ânimos foram se alterando e nosso gerente de projeto dos Estados Unidos ordenou que todos os equipamentos fossem embarcados imediatamente para Houston (EUA), inclusive a plataforma que a essa altura estava sem seus motores (*thrusters*). A plataforma teve que viajar do Rio de Janeiro para o estaleiro de *Brownsville (Houston)* rebocada por barcos, (imaginem o preço dessa logística ainda mais que não havia sido previsto) e tudo ocorreu em regime de emergência. O restante dos equipamentos foi embarcado em avião e navios, equipamentos esses de mais de cinquenta toneladas, alguns chegando a 300ton. Esse projeto foi considerado pela empresa como o mais caro de toda a história da empresa (fundada em 1973).

Poderia me estender com mais dezenas de exemplos, mas acredito ser o bastante para provar que somos aquilo que carregamos como valores em nossas vidas. Homens fracos são necessariamente egoístas, trapaceiros,

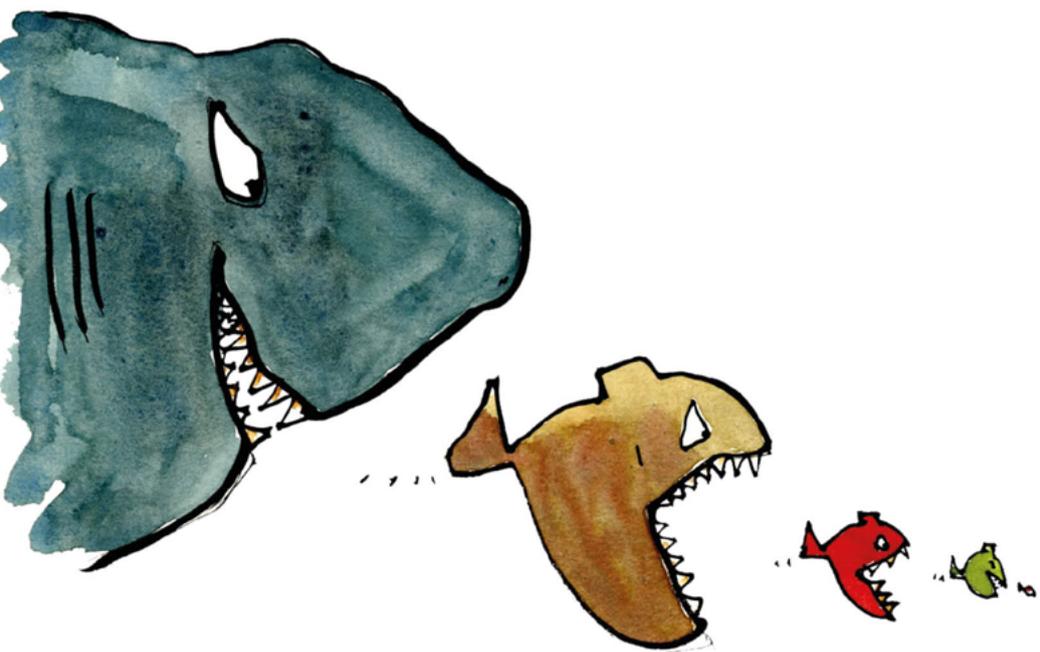
corruptos, pois, de outra maneira, não conseguiriam coexistir em uma sociedade justa que, por mais difícil que possa ser, poderá quem sabe mudar esse cenário de país constituído de ‘meninos’. Homens que digam às suas esposas que são lindas, abrem a porta do carro para que ela entre (eu faço isso até hoje), honestos, trabalhadores e que entendam que ‘lamber o chão’ de onde seus filhos pisam jamais os tornará homens de verdade, muito pelo contrário, serão frustrados, incompetentes e contribuirão para aumentar o descrédito do nosso país frente ao mundo.

Referências

COLE, E. L. **Homem ao máximo**. Pompeia: Universidade da Família, 2016.

RANGEL, A. **O que podemos aprender com os gansos**. São Paulo: Original, 2003.

KUCZMARSKI, S. M.; KUCZMARSKI T. D. **Liderança baseada em valores**. São Paulo: Educator, 1999.





Maicon Moreira

CRP 05/54280



(21) 98676-9967



maicon_moreira@outlook.com



@psimaicon



zzaPSI



www.zaPSI.com.br

- Doutorando em Psicologia – UFRRJ;
- Mestre em Psicologia – UFRRJ;
- Pós-graduado em Pedagogia Empresarial – UCAM;
- Psicólogo e Historiador – UNISUAM;
- Psicólogo Clínico e do Trabalho. Utiliza abordagem Cognitiva-Comportamental em atendimentos presenciais no Rio de Janeiro (Méier e Paracambi) e atendimentos *online*;
- Professor Universitário de pós-graduação na área de Psicologia do Trabalho e tem experiência de 10 anos com Desenvolvimento Humano ligado à área de pessoas;
- Membro do LADHUPSI – Laboratório de Estudos em Direitos Humanos do PPGPSI – Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRRJ;
- Tem interesse e pesquisa na área de Psicologia da Violência aplicada ao contexto do Trabalho, Memória Social e Psicologia Clínica (Psicoterapia cognitiva e Terapia dos Esquemas).

Masculinidade e trabalho: machismo e hierarquia corporativa

Neste texto, iremos discutir aspectos psicológicos do machismo no ambiente de trabalho. Para isso, irei me valer dos conceitos teóricos da Psicoterapia Cognitiva do Esquema e, desse modo, refletir e propor explicações para tal comportamento, assim como os impactos danosos para o próprio homem.

Antes de discutir propriamente a respeito do machismo, é importante esclarecer que a visão binária de gênero (homem e mulher) tem se tornado incipiente frente aos avanços das pesquisas no tema. Assim, pensar sobre masculinidades no trabalho ao invés de “o homem” torna-se mais apropriado, pois alcança uma variedade de possibilidades do masculino que o bloco “o homem” não concebe por sua visão indiferenciada (ECCEL, 2009).

Portanto, refletir acerca de masculinidades nos ajuda significar as nuances do que é “ser homem”, visto que essa concepção em cada contexto depende de uma série de fatores (ECCEL, 2009). Além disso, ao mesmo tempo, pensar em “masculinidades” e não “o homem”, nos ajuda compreender também o comportamento machista como uma variável dessa masculinidade.

Isto posto, é preciso chamar atenção ao fato de que todo homem adulto tem uma história, vive em uma determinada sociedade e compartilha culturalmente comportamentos que são aceitos no coletivo. Portanto, refletir sobre as masculinidades e o machismo no trabalho é abrir uma larga janela sobre um tema demasiadamente importante para a sociedade contemporânea, pois impacta não só as mulheres, mas homens também.

Mas, afinal, o que é o machismo? Podemos conceituar o machismo segundo a crença difundida socialmente que vê o homem como sendo superior à mulher. Então, pautada no patriarcado, essa crença histórica foi e é transmitida de geração em geração na sociedade, e se estrutura como um sistema de representação simbólica que mistifica as relações de exploração e dominação entre os gêneros (DRUMONT, 1980).

Desse modo, essa representação de dominação coloca homens e mulheres como sexos hierarquizados, sendo o homem representado como

dominador e a mulher como o dominado (DRUMONT, 1980). Assim, como disse Bourdieu (2017), se codificam as “ordens das coisas” no que se refere à organização da vida social e também legitima as diferenças no campo do trabalho.

No entanto, essa representação não valida todos os repertórios comportamentais masculinos e femininos, pois nem todo homem se posiciona como sendo dominador e nem toda mulher como dominada. Logo, conseguimos de fato nos aproximarmos da concepção de masculinidades e feminilidades, pois estas dão conta de melhor forma das variáveis comportamentais dos gêneros.

Sobre os aspectos psicológicos do machismo, podemos pensar na existência de crenças na mente do homem que contribuem para a manutenção desse comportamento e, para melhor refletirmos, farei algumas colocações a respeito da personalidade segundo a visão cognitivista (Terapia do Esquema) a fim de ampliarmos a questão.

O desenvolvimento da personalidade¹ para a Terapia Cognitiva do Esquema (TE) começa na infância e ao longo da adolescência. Para Young, criador da TE, o desenvolvimento de esquemas mentais desadaptativos² acontece de forma processual em cinco etapas evolutivas (Desconexão e Rejeição; Autonomia e Desempenho Prejudicados; Limites Prejudicados; Direcionamento para o outro; Supervigilância e Inibição) ao qual ele chamou domínio esquemático. Em outras palavras, essas etapas seriam momentos cruciais para o desenvolvimento psicológico, são fases da vida, e acontecem por meio das necessidades emocionais atendidas pelos cuidadores, normalmente os pais. Quando, por ventura, esses cuidadores não conseguem suprir essas necessidades emocionais básicas de forma adequada ao longo dessas etapas (domínios esquemáticos), conforme a subjetividade de cada indivíduo, esquemas individuais desadaptativos surgem como parte da personalidade e podem ser ativados de inúmeras formas ao longo da vida, causando desconforto cognitivo, emocional e comportamental (YOUNG, 2008; WAINER, 2016).

Um esquema mental então é um produto da mente e se estrutura como “[...] conjuntos de crenças nucleares referentes a temas centrais do desenvolvimento emocional” (WAINER, 2016, p. 48), e representam o nível mais profundo de cognição formado por memórias, emoções e sensações corporais (YOUNG, 2008). Portanto, eles são terminantemente emocionais, pois têm fundamento biológico em nosso cérebro emocional,

também chamado de complexo amigdalóide, e impactam a vida como um todo, sem a percepção consciente. Por isso, para Young os esquemas desadaptativos são “padrões emocionais e cognitivos autoderrotista iniciados desde cedo e repetidos ao longo da vida” (YOUNG, 2008, p. 22).

Embora a literatura científica pesquisada (YOUNG, 2008; WAINNER, 2016) sobre esquemas mentais enfatize os esquemas desadaptativos por serem focos dos processos terapêuticos, a mente humana estrutura também esquemas adaptativos e isso compõe a personalidade. Nessa perspectiva, os esquemas sustentam as crenças e o padrão de pensamento que elaboramos. Logo, todas as nossas interpretações e, conseqüentemente, nossas decisões são sempre pautadas neles, por isso possuem contribuição ímpar para nossa individuação, pois seriam como lentes que nos auxiliam a perceber o mundo e dar sentido às experiências, além de ajudar interpretar de forma adaptativa e desadaptativa o cotidiano.

No caso específico do comportamento machista, alguns esquemas remotos podem sustentar o padrão disfuncional de pensamento que atribui ao homem a noção de superioridade, sobretudo em relação às mulheres (LAPORT, 2019). Segundo Laport os esquemas de Privação Emocional e Grandiosidade/Arrogo são evidentes no machismo³.

O esquema de Grandiosidade/Arrogo é organizado no período chamado Limites Prejudicados. Ou seja, na experiência de formação da personalidade o homem não absorveu a noção de limites necessária para convivência social, segundo orientação de seu grupo familiar (YOUNG, 2008; GHISIO, 2016; WAINNER, 2016). Então, a família de origem possivelmente não deu orientação, disciplina, foi permissiva, e não proporcionou tolerância à frustração de seus próprios desejos. Além disso, o esquema de Grandiosidade/Arrogo possibilita a crença na superioridade de uma pessoa à outra. Dessa maneira, o homem pode se comportar de forma a manipular o comportamento e as decisões/escolhas de outras pessoas, mesmo sem o seu consentimento, sobretudo de quem ele denomina como inferior.

Já o esquema de Privação Emocional se estrutura no período chamado de Desconexão e Rejeição. Significa que o desejo subjetivo de apoio emocional não será satisfeito pelos demais, assim, o homem sente como se não recebesse atenção, afeto, companheirismo, compreensão e escuta, como se não pudesse compartilhar seus próprios sentimentos, além de sentir-se sem orientação e apoio. Normalmente, o grupo familiar ao qual ele fez parte é distante emocionalmente, instável, impaciente, abusivo e rejeitador,

o que contribui para a formação e manutenção do esquema (YOUNG, 2008; GHISIO, 2016; WAINER, 2016). Ademais, o esquema de Privação Emocional pode ser concebido como um complemento ao esquema de Grandiosidade/Arrogo, pois refere à supressão dos aspectos emocionais.

Os dois esquemas citados podem explicar a falta de empatia característica no machismo, pois o homem acaba sendo autocentrado e ignora necessidades alheias, no caso os direitos, as vontades e aspirações das mulheres ou de outros homens não machistas. A falta de empatia faz o homem se fechar em suas convicções, ter ausência de escuta e dificuldade de compartilhar seus próprios sentimentos, mesmo com outro homem.

Esses aspectos psicológicos então são capazes de colaborar para o sofrimento psíquico do homem no ambiente de trabalho, sobretudo quando esse homem é promovido e assume cargo de liderança, pois contribuem para o que é conhecido por “solidão da liderança”. Apesar de compreender essa experiência como sendo intrínseca ao escopo do universo do líder, evidencio que líderes homens podem vivenciar tal questão de forma mais acentuada em virtude dos esquemas apontados como presentes na mente machista.

Para Gomes (2017), o significado de líder remete à percepção mítica de que somente pessoas especiais e eleitas podem exercer a liderança. Outrossim, diz também que a prática conota qualidade superior por parte de quem é líder e isso corrobora os esquemas mentais mencionados. Além disso, o cargo de líder proporciona um poder simbólico no campo do trabalho e, conseqüentemente, coopera para que haja um estilo de liderança distorcido pautado na superioridade, o que favorece a manutenção desses esquemas individuais disfuncionais.

Também no contexto empresarial, é possível que alguns homens sofram por não se portarem de acordo com a norma machista, pois o fato de se exigir deles uma postura rígida e de supressão do aspecto emocional cria a dificuldade de aceitação da diversidade, ou seja, da manifestação das diferentes masculinidades. Sendo assim, homens que demonstram características emocionais podem ser impactados pelo machismo, tendo em vista esse atributo normalmente não ser característico do homem masculino hegemônico (ECCEL, 2009).

Ademais, pautado na crença machista o homem pode elaborar pensamentos disfuncionais (PD), que seriam processamento de informação em

velocidade superior a organização consciente das informações. Assim, muitos executivos podem pensar: “Não promovo funcionária mulher porque quando elas têm filho prioriza a família” (pensamento Tudo ou Nada); ou “Mulheres são muito emocionais e nada racionais, isso é prejudicial para o trabalho” (pensamento de Rotulação); ou “A culpa foi minha, eu não fui homem o suficiente e a Maria tomou meu lugar” (pensamento de Personalização) (BECK, 2013).

Portanto, concluímos que a crença nos padrões estereotipados unilaterais do que é “ser homem” repercute na esfera pessoal como também no coletivo da experiência do homem, pois o padrão valorizado de masculinidade presente no machismo faz vítimas outros homens que vivenciam outras formas de masculinidades (ECCEL, 2009). Quanto mais um homem ascende profissionalmente, mais ele se torna solitário em virtude de suas próprias crenças que sustentam o machismo. Além disso, o poder simbólico que a hierarquia corporativa proporciona reforça os esquemas de Grandiosidade/Arrogo e Privação emocional, assim, o homem acaba por ser tornar solitário com seus próprios sentimentos e exerce uma liderança pautada nessa visão distorcida de superioridade. Por fim, é importante frisar que a hierarquia corporativa, então, põe em prática crenças nucleares, são os esquemas desadaptativos do universo masculino, perpetuado ao longo dos séculos acarretando prejuízos para homens e mulheres.

¹ Na atualidade, a personalidade ou a individualidade humana já não é pensada de forma cartesiana a partir da separação corpo e mente, pelo fato de existir consenso da tríade biopsicossocial. Desta forma, baseado na terapia do esquema, poderia dizer que ela se organiza a partir do temperamento herdado geneticamente, do contexto social e dos esquemas psicológicos elaborados ao longo da vida (WAINER, 2016).

² Por surgirem no início da vida eles são chamados de Esquemas Desadaptativos Remotos ou Esquemas Individuais Disfuncionais (EIDs).

³ Um esquema mental desadaptativo é um conteúdo inconsciente e, na maioria das vezes, acompanha o sujeito por toda a vida. Portanto, muitos homens não se percebem machistas, pois esses esquemas são intrínsecos a sua personalidade e seu modo de ver o mundo.

Referências

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

DRUMONT, M. P. Elementos para uma análise do machismo. *In: Perspectivas*. São Paulo, 3, p. 81-85, 1980. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/108171>. Acesso em: jan. 2020.

ECCEL, C. S.; GRISCI, C. L. I. **Trabalho e gênero: a produção de masculinidades na perspectiva de homens e mulheres**. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR327.pdf>. Acesso em: dez. 2019.

CHISIO M. S.; LÜDTKE, L.; SEIXAS, C. E. Análise comparativa entre a Terapia Cognitivo-Comportamental e a Terapia do Esquema. *In: Rev. Bras. Psicoter.* v. 18, n. 3, p. 17-31, 2016.

GOMES, A. M. G. Liderança e personalidade: reflexões sobre o sofrimento psíquico no trabalho. *In: Revista de Psicologia*, Ceará, v. 8, n. 2, p. 83-91, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/19295>. Acesso em: jan. 2020.

SILVA, G. C. F. O.; LAPOR, T. J. Machismo: fruto de esquemas desadaptativos. *In: Revista Mosaico*. v. 10, n. 1, p. 20-28, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1758>. Acesso em: dez. 2019.

WAINER, R. (Org.). **Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

YOUNG, J. E.; KLOSKO, J. S.; WEISHAAR, M. E. **Terapia do Esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras**. Porto Alegre: Artmed, 2008.





Grácia Monte Barradas

OAB RJ 53.943



(21) 98691-2376



(21) 96719-3474



gracia.montebarradas@gmail.com



@graciamonte



@projetoamar_mulher_advogada



Grácia Monte Barradas

- Graduada em Direito pela SUESC – RJ;
- Especialista em Gênero e Direito pela EMERJ;
- Pós-graduanda em Psicologia Jurídica pela UCAM;
- Presidente da Comissão da Mulher Advogada da OAB Subseção Méier;
- Membro da Comissão da Mulher Advogada da OAB Seccional Rio de Janeiro;
- Membro da Comissão de Turismo da OAB Seccional Rio de Janeiro;
- Membro da Diretoria de Igualdade Racial da OAB Seccional Rio de Janeiro;
- Idealizadora do Projeto Amar - Acolhimento para Mulheres Advogadas no Resgate de sua autoestima, vítimas de violências domésticas e incentivadora da reeducação psicológica da masculinidade tóxica;
- Presidenta da Expansão Amazoeste Norte;
- Palestrante;
- Advocacia nas áreas de família, órfãos e sucessões, cível, trabalhista, societária, tributária, juizados especiais, previdenciário, advocacia extrajudicial, consultoria jurídica;
- Como poetisa, participou das Antologias: O Melhor de Mim Vol. II; Mulheres sem censura; *Aphrodisia*; Em Todos os Ritmos da Poesia; Em todos os tons da Poesia, Mulher de Verdade Vol. I.

Os homens que não amavam as mulheres: violência doméstica e feminicídio

O contexto social leva a reflexão sobre a masculinidade tóxica, a condição da mulher, sua vulnerabilidade, a violência psicológica, doméstica, patrimonial, física, moral entre outras e o feminicídio. Ainda que novos estudos, legislações e ações tenham surgido, não existem, em várias cidades e estados, programas de recuperação e reeducação psicossocial do agressor por meio de atendimento individual ou em grupo e a consequência de tal fato é o aumento dos feminicídios. Para alcançar o objetivo que este artigo propõe, foi utilizado o método de abordagem indutivo, partindo de pesquisa bibliográfica, dividindo em observações para chegar a uma conclusão. Dessa forma, considerando que o predomínio dos valores masculinos precisam ser pensados, é importante conhecer a cultura patriarcal, o que é amar e ser amado, o sexo, e a masculinidade tóxica, questionando se os homens deixaram de amar as mulheres e o que os leva a praticar atos violentos. Por fim, a necessidade de programas de reeducação psicológica como prevenção do feminicídio, instituídos pelas redes públicas.

A cultura patriarcal e o predomínio dos valores masculinos

Patriarcado ou “regras do pai”, segundo o dicionário *Michaelis online* significa: “Tipo de organização social que se caracteriza pela sucessão patrilinear, pela autoridade paterna e pela subordinação das mulheres e dos filhos”.

A inclinação do homem para se orgulhar do seu domínio e poder e a inclinação da mulher de retorcer-se na submissão tem origem na perseguição que, em tempos remotos, o macho exercia sobre a fêmea (TH. H. Van de Velde). Refletindo o tema, a ideologia androcêntrica e patriarcal aparecia de forma natural e as vozes das mulheres eram negligenciadas, isto é, elas se subordinavam em face a ideia de sua inferioridade. Simone de Beauvoir apontou que: “O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos”.

Em linhas gerais, não se pretende fomentar quaisquer antagonismos, apenas algumas observações sem fazer alusão às legislações existentes e suas respectivas comparações entre si, que remontam a debates, como exemplo, o Código Civil de 1916, que estabelecia a necessidade

de uma chefia da sociedade conjugal e, como conseqüência, previam o pátrio poder e a incapacidade da mulher.

O poder marital também está bem definido no artigo 213 do Código de Napoleão, vigente ainda no início deste século, em que previa que o marido devia proteção à sua mulher, que devia obediência ao marido. Complementa Bergalli e Bodelon: *“Las mujeres han sido definidas historicamente por el sistema penal y la criminología positivista(...) como sujetos necesitados de tutela, lo que há comportado una articulación de su controle diferente a la de los sujetos masculinos”*, ou seja, as mulheres são consideradas inferiores ao homem. Sabadell diz que “A dominação do gênero feminino pelo masculino costuma ser marcada (e garantida) pela violência física e/ou psíquica. Com essas colocações, é válido destacar a necessidade de mudança sobre os pensamentos dos valores masculinos para igualar e entender que o “feminismo é um movimento social por direitos civis, protagonizado por mulheres, que, desde sua origem, reivindica a igualdade política, jurídica e social entre homens e mulheres. Sua atuação não é sexista, isto é, não busca impor algum tipo de superioridade feminina, mas a igualdade entre os sexos.”

Amar e ser amado, o sexo, a masculinidade tóxica

No centro dos conflitos sobre violência doméstica, feminicídio e masculinidade tóxica, é preciso falar de amor. E o que é amar e ser amado, numa definição simples:

De acordo com a *Wikipédia*, amor (do latim *amore*) é uma emoção ou sentimento que leva uma pessoa a desejar o bem a outra pessoa ou a uma coisa. O uso do vocábulo, contudo, lhe empresta outros tantos significados, quer comuns, quer conforme a ótica de apreciação, tal como nas religiões, na filosofia e nas ciências humanas.

Leandro Konder diz que o termo amor possui uma “elasticidade impressionante”. Pode-se dizer que, apesar da amplitude das definições de amor (adulto), resumimos nas palavras amar e ser amado, como forma de se relacionar com alguém com maturidade. Tematizado, pode-se dizer que o amor implica na capacidade de estabelecer limites entre si e o outro, vez que a sua reciprocidade envolve a maturidade emocional, não se vislumbrando, segundo Cardella “a manifestação do estado amoroso num indivíduo dependente de outros, emocionalmente

imaturou ou bloqueado seriamente em seu processo de crescimento”. Amar é desejar o melhor para o outro ainda que o relacionamento se rompa. Diante disso, é possível afirmar que as relações amorosas têm por analogia a forma como o ser humano vê seu mundo diante das situações aprendidas no passado.

Ultrapassado o preconceito dos costumes sociais, a sociedade tenta nos convencer da ideia de que estamos numa época liberal, porém, os homens sempre foram ensinados a não chorar e inibir suas emoções, medos, dores, ouvindo quase que repetidamente a frase “Seja homem!”, oriunda do patriarcado. Também são convencidos de que o sexo em si é um passatempo, suprimindo suas emoções, cultuando a imagem do homem “machão”, violento, dominador, na intenção de manter o seu poder sobre a mulher. Corroborando Adriana Ramos de Mello afirmando que “a produção científica acerca dos crimes que envolvem violência sexual aponta para uma prática de dominação patriarcal”. O sexo ainda é tabu e requer reflexão constante para entender que as mulheres não são seres inferiores, propriedades ou esporte e tampouco devem ser rotuladas pela forma de seu corpo, portanto, ser gentil, paciente comunicar sentimentos, ser atencioso, democrático é um desafio para evitar relacionamentos tóxicos e abusivos, buscando, sempre que surgir um sinal de alerta, o apoio de um psicólogo ou psicoterapeuta para apoio na construção de um relacionamento maduro e saudável.

O machismo é um preconceito cultural normalizado por gerações e décadas com base no patriarcado, inerente a diversos aspectos de uma sociedade e que se reforçam de forma mútua, opondo-se à igualdade de direitos entre os gêneros, favorecendo o gênero masculino em detrimento do gênero feminino, é o que Eduardo Souliveigh ressalta, em *Machismo Estrutural x Patriarcado*, na sua coluna no “salthe”, demonstrando claramente que é através da cultura, educação, convívio e informações que dizem o que é ser homem e o que é ser mulher. Daí a complexidade das relações de afeto e desafeto, porque a sociedade ainda é patriarcal, tendo o homem como figura superior, protetora e provedora e a mulher com o dever de ser submissa, por ter o status de subordinada há milênios. Alguns homens exercem, de forma autoritária, a ordem, muitas vezes de forma violenta, controlando a companheira como se sua propriedade fosse, para realizar serviços domésticos, sem direito a remuneração, ao convívio social com parentes e amigos, submetendo-a nos diversos tipos de violências previstos no art. 7º da Lei nº 11.340/2006 (Maria da Penha).

Compreende-se que determinados exercícios de poder são caracterizados como violência e determinadas atitudes, como machismo. Nesse contexto, é necessário o olhar da psicanálise e do judiciário sobre os sujeitos que agridem suas parceiras, analisando estas relações de poder, a inabilidade de canalizar de forma positiva, suas emoções que se transformam em ciúme, cólera, furor, arrogância, angustia e violência frente as adversidades, propondo iniciativas de grupos terapêuticos para reflexão e transformação das identidades masculinas nas suas relações sociais cotidianas em razão de privilégios, violências e opressões que os homens exercem sobre as mulheres, entendendo o que é a masculinidade tóxica, ou masculinidade hegemônica, que legítima a posição dominante dos homens e justifica a subordinação das mulheres e outras formas marginalizadas de ser um homem. Ter a consciência do que é masculinidade tóxica é possível trabalhar as questões de ordem psicológicas e emocionais.

Os homens que não amavam as mulheres – violência doméstica e feminicídio

Os homens, cientes de seus temores e manipulações, desenvolvem mecanismos de autoproteção, dando prioridade a suas necessidades. Desse modo, deixam de estabelecer uma entrega plena e, para preencher os seus vazios afetivos, muitas vezes não preenchidos na infância, desenvolvem uma ansiedade inconsciente não rara de necessidade irrefreável de ter alguém como centro de interesse, porém mantendo a manipulação e o autoritarismo, ainda que queiram bem a sua parceira.

Patricia Delahaie, em *Amores que nos fazem mal*, aponta que algumas pessoas têm uma capacidade reduzida de amar e que outras tem outras prioridades. A decisão de amar ou não amar depende da personalidade do indivíduo. Para Duttton, em seu livro *A violência no casal*, os homens violentos mais perigosos são os reincidentes, que alternam brutalidade e arrependimento, eles querem controlar a parceira, para ele tão essencial quanto repugnante.

Diante disso surgem, via de consequência, a relação entre homens, mulheres e a Lei Maria da Penha e as técnicas psicoterapêuticas através de programas de intervenção com agressores, que podem ajudá-los a reconhecer o ciclo da violência reformulando uma personalidade violenta, lembrando que há distinção entre autores de atos violentos daqueles de personalidade perigosa. Estes podem ser dependentes, paranoicos, ciumentos ao extremo

e que podem não aceitar uma separação ou divórcio, ameaçando a mulher de morte ou mesmo matando-a e sujeito a Lei 13.104/15 (Lei do Feminicídio) que alterou o art. 121 do Código Penal, passando a ser homicídio qualificado a morte de mulher por sua condição de pertencer ao sexo feminino (parágrafo 2º, VI).

Defendemos a reeducação dos homens autores de agressão por meio da implantação de grupos reflexivos conforme previsto em lei, através de profissionais dos serviços especializados como forma de interrupção do ciclo de violências e através desta reflexão, a desconstrução da cultura patriarcal e machismo, e da violência doméstica como prevenção ao feminicídio. A institucionalização destes serviços de atendimento, é necessária para estudo da personalidade dos homens agressores como problema social da violência doméstica e combate ao feminicídio.

Referências

ARILHA, M.; RIDENTI, S. G.; UNBEHAUM; MEDRADO, B. (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: Editora 34, 1998.

BERGALLI, R; BODELÓN, E. *La cuestion de las mujeres y el derecho penal simbolico*, In: *Anuario de Filosofia del Derecho* (ix). Madrid: Nueva Época, 1992.

BRASIL. **Lei 13.104**, (2015) - Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em: 21 nov. 2020.

CARDELLA, B. H. P. **O amor na relação terapêutica**: uma visão gestáltica. São Paulo: Summus, 1994.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 2005.

DELAHAIE-POUDEROU, P. **Amores que nos fazem mal** (2ª ed.). São Paulo: Larrousse do Brasil, 2007.

KONDER, L. **Sobre o amor**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MACKINNON, C. A. T. *Feminist theory of the State*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1989.

PAIVA, L.; SABADELL, A. O crime de estupro à luz da epistemologia feminista: um estudo de casos no STF. In: **Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o Delito**, v. 3, n. 4, jan.-jun., 2018.

MELLO, A. R. de. **Lei Maria da Penha na Prática**. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2019.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/patriarcado/>. Acessado em: 9 nov. 2020.

REZENDE, M. O. **O que é feminismo?**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/o-que-e-feminismo.htm#:~:text=Feminismo%20%C3%A9%20um%20movimento%20social%20por%20direitos%20civis%2C%20protagonizado%20por,a%20igualdade%20entre%20os%20sexos>. Acesso em: nov. 2020.

SABADELL, A. L. **Manual de sociologia jurídica**. 7.ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2017.

SOULVEIGH, E. **Machismo estrutural × patriarcado**. Disponível em: <https://salthe.com.br/machismo-estrutural-x-patriarcado/>. Acesso em: nov. 2020.

VELDE, Th. H. V. **O matrimônio perfeito**. Rio de Janeiro: Record, n/d, p. 17.

Amor. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Amor#:~:text=Amor%20\(do%20latim%20amore\)%20%C3%A9,filosofia%20e%20nas%20ci%C3%Aancias%20humanas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Amor#:~:text=Amor%20(do%20latim%20amore)%20%C3%A9,filosofia%20e%20nas%20ci%C3%Aancias%20humanas). Acessado em: 30 nov. 2020.





Claudia Freitas

COREN 73/0969



(85) 98713-2042



claudiafreitascftj@gmail.com



@claudiafreitas



claudiafreitas



anchor.fm/claudia-freitas-psicanalise

- Técnica de enfermagem;
- Instrumentadora cirúrgica;
- Especialista em cirurgias Traumato-Ortopédicas;
- Sou colaboradora com a Colih Comissão de Ligação com Hospitais;
- Formanda em Psicanálise.

Eu sou o homem de ferro: resistência masculina na saúde do homem

“Deus sabe o que se agita por trás deste fantoche que se chama homem.” Jacques Lacan

“Deus está morto!”. Com esse aforismo, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche abre o caminho para o pós-modernismo, e, assim, afirma que somos livres para vivermos como desejarmos e para fazer de nossas vidas aquilo que quisermos, o que acaba colocando o homem no centro de uma crise, por não encontrar modelos identitários hegemônicos para descrever sua nova condição masculina.

Com a morte de Deus, Nietzsche anuncia o “*Übermensch*”, ou como definiram os tradutores – o “Super-homem”. O psicanalista, filósofo e educador Rubem Alves em um artigo chamado “O homem transbordante” defende a tese de que os tradutores erraram ao traduzir “Super-homem”. De acordo com ele:

Nada mais distante do espírito de Nietzsche. Um homem “super” é apenas um homem com suas qualidades hipertrofiadas, a mesma mediocridade tornada “super”. O “*über*”, em Nietzsche, corresponde ao nosso “trans”, como em transbordar. “As cisternas contêm; as fontes transbordam”, dizia William Blake, o Nietzsche inglês. A exuberância não pode ser contida. E assim traduzo eu o “*Übermensch*” de Nietzsche como o “homem transbordante”.

Para Lyotard, a pós-modernidade é o período em que todas as grandes cosmovisões (visões de mundo) entram em crise e os indivíduos estão livres para criar algo novo. É com essa metáfora do “homem transbordante” que Rubem Alves irá falar de um processo de metamorfose pelo qual o homem deve passar para atingir o máximo de sua maturidade que é o transbordamento de vida, e, assim, podemos entender que o homem se constrói e se desconstrói diariamente, num processo ininterrupto.

Ser homem nesse nosso estudo implica na incorporação de certos atributos e funções, como forma de representar-se, valorizar-se e atuar numa determinada cultura. Logo, a categoria gênero aqui está implicada nos atributos socialmente construídos e que acabam por configurar diferenças significativas nas inter-relações entre os sexos que, no entender do discurso psicanalítico, vão para além do determinismo biológico.

Entre os diversos temas que precisam ser pensados nessa construção social do homem, dentro de uma tessitura que permite apenas um tipo de masculino, aquele sustentado pela lógica falocrática da dominação masculina, está a questão da resistência ainda presente no cuidado da própria saúde, como postulado pelo pai da psicanálise Sigmund Freud: “Somos feitos de carne, mas temos de viver como se fôssemos de ferro”.

O Homem de Ferro: um fator impeditivo do cuidar de si

A cena é icônica naquela tão aguardada continuação do épico de 2018 Vingadores: Guerra Infinita onde, num estalar de dedos, o vilão conhecido como Thanos destrói metade do universo Marvel. Em Vingadores: Ultimato (2019), os heróis que sobreviveram à dizimação se reúnem para reverterem o dano causado, entre estes está Tony Stark – O Homem de Ferro, que, ao contrário de quase todos os outros heróis do Mundo Marvel, é apenas e tão somente um homem, com recursos financeiros e nenhum poder divino que o possa igualar aos demais heróis.

Mas é exatamente esse “humano fraco”, na fala de Thanos, que derrotará o vilão mais temido do universo Marvel. Tony Stark realiza o impossível ao reunir em sua própria manopla as seis “Joias do Infinito” e estalar os dedos para obliterar o Titã, e olhando para este que havia se afirmado como “Inevitável” diz: *“I am the Iron Man”*¹.

Tony Stark representa um significante de masculino que aceita para si o custo de ser homem – ser um herói, e assim ele personifica a imagem verdadeira de ser o homem feito de ferro e, por isso, aceita o risco desta escolha: ele morre.

Assim, a conclusão que chegamos neste universo Marvel é que Tony Stark, um insignificante humano, é o Vingador mais forte, pois é aquele que aceita sua condição de dor, de sofrimento, de luta, em silêncio, resignado, pois não quer traumatizar aqueles a quem ama, por priorizar os sentimentos destes acima de seus próprios.

De acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu, no patriarcado que estabelece a dominação masculina e a violência simbólica, é o homem dominado por sua própria dominação, e por isso mesmo, sofre do esforço desesperado que todo homem tem que fazer para estar à altura de sua ideia infantil de homem.

Bourdieu conclui, então, que o privilégio masculino pode ser uma cilada, pois obriga o homem a uma necessidade de constância na tentativa fútil de provar sua virilidade a todo instante, não podendo se descuidar e se mantendo fora dos enternecimentos desvirilizantes do amor.

O homem sem a armadura: a perspectiva heterossexual do mundo

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no país, os homens vivem em média sete anos a menos que mulheres e apresentam maior incidência de doenças do coração, cânceres, colesterol elevado, diabetes, hipertensão e tendência à obesidade.

Entre as razões para tanto descuido com a saúde, estão a falta de tempo, o fato de se considerarem saudáveis, negando a si mesmos a necessidade de cuidados preventivos, pois não precisam ou têm medo de descobrir doenças. Outro ponto que chama a atenção está na falta de autonomia do próprio homem no cuidado de sua saúde. Em sua maioria, há sempre uma mulher preocupada e que toma para si a responsabilidade no cuidado da saúde do homem próximo a ela.

Essa postura rígida na tessitura social afeta drasticamente a população masculina, sobrando assim pouco espaço para o cuidado de si, onde o “homem que não chora” acredita que sua masculinidade será afetada se ele for visto dentro de um espaço de atendimento, terá sua virilidade posta à prova e, por isso mesmo, acaba por resistir às mudanças comportamentais.

Por outro lado, temos também alguns agravantes sociais, como a ausência de políticas públicas, que resultam na falta de unidades especificamente voltadas para a saúde do homem. O que acaba sustentando no imaginário social a ideia do homem como sujeito invulnerável, e como resultado direto desse pensamento, vem a pouca procura pelos serviços de saúde.

No entanto, a partir dos questionamentos dos movimentos feministas (anos 1970) e do movimento LGBTQIA+ (anos 1980), esse ideal de virilidade e de invulnerabilidade masculina vem sendo pouco a pouco abalado, principalmente quando se passou a questionar a naturalidade da dominação masculina e do próprio patriarcado.

Ainda assim, resiste no imaginário popular a ideia de oposição entre os gêneros, se o “sexo oposto” (mulher) é aquele que se cuida, que pensa

mais na saúde de seu próprio corpo, ser homem é, então, estar na oposição desta lógica de cuidado. O cuidado, então, passa a ser visto como pertencente ao discurso do feminino e a procura por serviços de saúde se encontra intimamente relacionada nesse discurso falocrático.

Isso termina por ser justificado exatamente pela socialização que as mulheres recebem dentro da sociedade recortada pela lógica perversa da dominação masculina, reproduzindo e consolidando os papéis que as tornam responsáveis, de forma perversa quase que exclusivamente, pela manutenção de cuidados dentro das relações sociais e pela prestação de serviços aos outros.

O cuidado: uma imagem atravessado pela maternagem

Na tradição grega na Roma antiga temos o filósofo Juvenal, autor de “Sátiras”, com a famosa citação “*Mens Sana in Corpore Sano*”², em que o “cuidar de si” é traduzido na atenção com o corpo, o que também compreende Foucault ao discutir a “intensificação da relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos”.

No entanto, a ideia de cuidado foi atravessada historicamente pelo feminino, sendo consolidado, dentro da cultura masculina, como função que evocava uma imagem da mãe cuidando do filho. Sendo assim, durante muitos anos, profissões que tinham o caráter de cuidado, eram predominantemente femininas, pois estava consolidado no conceito masculino de que era preciso certa “vocalização feminina para o cuidar”. Um exemplo disso é a inserção masculina na enfermagem no Brasil somente a partir da criação dos hospitais psiquiátricos, mas não para cuidado e sim para contenção, uma presença masculina marcada pela necessidade de força física.

Em 1860, Florence Nightingale funda as bases da enfermagem moderna. No entanto, a profissão ainda seguiu por séculos com uma visão religiosa baseada na caridade e na devoção, em que a presença feminina era quase única. Em 1890, no Brasil, com o surgimento da Assistência Médica Legal a Alienados, as irmãs de caridade são retiradas dos hospitais psiquiátricos e surgem, então, os homens, orientados a inibirem os comportamentos sexuais dos internos masculinos, estando a necessidade do cuidado suprimida do discurso manicomial.

Em 2015, foi realizada uma Pesquisa do Perfil da Enfermagem no Brasil, pelo Conselho Federal de Enfermagem – COFEN, infelizmente os resultados

mostraram que de cada 100 profissionais da enfermagem, apenas 15 são homens, a profissão é composta por 84,6% de mulheres.

O mesmo cenário se repete na psicologia, uma profissão que repete a dicotomia presente na enfermagem, a escolha pela profissão feita exatamente pela eficiência do processo de socialização no reforçamento de modelos de papéis sexuais consolidados na sociedade patriarcal.

No entanto, é importante observar, que, embora estas profissões sejam marcadas por uma maioria feminina presente e atuante, os cargos de chefia, em sua maioria, são ocupados por homens, mesmo estes sendo minoria dentro destas profissões.

Esse é o reflexo direto de uma sociedade atravessada pelo discurso patriarcal e falocrático, no qual a ideia de ser homem está associada a características como liderança, força, visão e determinação, e nunca ao cuidado, pois, ao encaminhar os homens para os cargos de chefia, acaba-se por vaticinar e ratificar o estereótipo da inaptidão masculina para o cuidado.

Vulnerabilidade: as duas faces da mesma moeda

O masculino hegemônico também possui um discurso ambíguo na atualidade, embora haja uma predominância no senso comum para uma heteronormatividade de ausência de cuidados, ao mesmo tempo, se percebe certo desconforto masculino na opinião pessoal, flexibilizando o que hegemonicamente é colocado nesse mesmo senso comum.

Bourdieu percebeu que o imaginário de ser homem pode aprisionar o masculino em amarras culturais, dificultando a adoção de práticas de autocuidado. Sendo assim, procurar o serviço de saúde, numa perspectiva preventiva, poderia estar associado à fraqueza, medo e insegurança; aproximando o homem das representações do universo feminino, colocando em xeque essa masculinidade socialmente instituída.

Outra problemática na ausência dos homens à procura de cuidados pode estar associada à vergonha da exposição do seu corpo perante o profissional de saúde, particularmente a região anal, no caso da prevenção ao câncer de próstata.

Uma ausência de políticas públicas específica para a saúde masculina, haja vista que poucas unidades da rede SUS estão aptas em absorver a

demanda apresentada pelos homens, também aponta para a consolidação da ideia de que o homem pode ser prejudicado em sua virilidade, desmotivando ainda mais a procura pelo cuidado de si.

Embora haja um discurso na atualidade de que os homens veem a saúde como uma situação ideal, na realidade, esse discurso não se traduz nas suas próprias vivências. O que vemos são homens que, por se sentirem invulneráveis, se expõem mais e acabam ficando vulneráveis, e, na figura metafórica do homem de ferro, acabam por morrer, exatamente por acreditarem ser invencíveis. E, nas palavras de Tolstói:

“[...] chorava a sua impotência, a sua terrível solidão, a crueldade dos homens, a crueldade de Deus, que o abandonava [...] e sozinho tinha de viver assim à beira do abismo, sem ninguém que o compreendesse e tivesse pena³.”

¹ Eu sou o homem de Ferro (Tradução).

² *Mente sã, corpo são.*

³ Tolstói, L. *A morte de Ivan Ilitch*. Traduzido do russo por Gulnara Lobato Pereira. São Paulo: Martin Claret, 2005.

Referências

ALVES, R. **Folha de São Paulo**. Caderno Opinião. São Paulo, Terça-feira, 22 de Agosto de 2000.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

LYOTARD, Jean-francois. **A condição pós-moderna**. Editor José Olympio. 8ª Edição. 1986.

LYRA-DA-FONSECA, J. L. C.; LEÃO, L. S.; LIMA, D. C.; TARGINO, P.; CRISÓSTOMO, A.; SANTOS, B. Homens e cuidado: uma outra família? *In*: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. (Orgs.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Instituto de Estudos Especiais (PUC-SP), 2003.

MARIO, A. M. **A face humana da medicina: do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MARINHO, S.; ARÁN, M. **As práticas de cuidado e a normalização das condutas: algumas considerações sobre a gestão sociomédica da “boa morte” em cuidados paliativos**. São Paulo: Interface, 2011.

NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OLIVEIRA, P. P. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

PITTA, A. **Hospital: dor e morte como ofício**. São Paulo: Hucitec, 1994.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.



Jairo Carioca de Oliveira



(21) 99570-2931



@jairopsicanalista



Jairo Carioca



www.jairocarioca.com.br

- Graduado em Teologia pela FAECAD;
- Pós-graduado em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Porto União;
- Pesquisador sobre masculinos e femininos na atualidade no Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidades da UFRRJ;
- Especialista em Toxicomanias pela Faculdade Porto União;
- Psicanalista, Membro da Sociedade Psicanalítica Internacional Miesperanza;
- Membro honorário da *Association Française de Psychanalyse Évolutive et Humaniste*;
- Debatedor na TV Boas Novas no Programa Cabeça pra Cima em temas referentes à Psicanálise;
- Coordenador técnico da Comunidade Terapêutica Porta Aberta em Seropédica, no Rio de Janeiro;

Em reconhecimento ao seu trabalho recebeu:

- Moção de Congratulações do Poder Legislativo – Câmara Municipal de Nova Iguaçu - 2008;
- Diploma Personalidade Promotora da Paz, Comitê da Paz Mundial do Estado do Rio de Janeiro – Onu - 2012;
- Moção de Agradecimento, Câmara Municipal do Rio de Janeiro - 2017;
- Moção Honrosa Fazendo a Diferença, Câmara Legislativa Municipal do Rio de Janeiro - 2018;
- Menção Honrosa, Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos, Casa da Mulher Nilopolitana, Prefeitura de Nilópolis - 2018.

Diálogo entre a teologia e a psicanálise: uma reflexão sobre amizade entre homens no evitamento da depressão

“Refugiado em peito amigo, sumindo vai pesar antigo.” Goethe

Éramos todos adolescentes e juntos descobríamos os prazeres de nossa idade por meio de brincadeiras de roda, dos esportes favoritos de cada um, nas azarações com as garotas da escola e do bairro, nas disputas dos jogos nos fliperamas e nas leituras dos livros, naquela molecagem gostosa de quem só deseja o melhor da vida.

Andávamos juntos para todos os lugares. Aqueles garotos foram os meus primeiros amigos, e passados mais de 40 anos, mesmo distanciado de quase todos, ainda me lembro de cada um deles com saudade e certa nostalgia.

Entretanto, nem tudo era perfeito, uma das recordações que trago, e que ainda me traz pesar, foi o fato de um dos meus amigos, com apenas 16 anos de idade, cometer suicídio. Hoje, percebo de que quase nada eu sabia sobre a dinâmica familiar deles, quem era filho de pais separados, quem não tinha um dos pais, quem sofria com problemas emocionais e outras questões.

Meus amigos também nada sabiam de mim, esse era o nosso código masculino: ser amigo, mas nada saber sobre a vida íntima do outro. Aprendemos com o silêncio de nossos pais que homens sofrem calados, e, assim, fazíamos segredos sobre as nossas paixões, nossas dúvidas e nossos medos.

Hoje, psicanalista, depois de anos no divã em análise para me compreender melhor e por causa de uma depressão, reconheço que sofríamos todos de déficit de conexão emocional, as nossas relações de amizade eram distantes e superficiais, por isso, desconhecíamos os fatos e questões centrais da vida de cada um do nosso grupo.

Éramos adolescentes, mas refletíamos nossa realidade social e familiar dentro de um padrão que está relacionado ao patriarcado e ao que se chama de “masculinidade hegemônica”: um conjunto de comportamentos e estereótipos socialmente exigidos para os homens. E, assim, éramos na fala de Pierre Bourdieu: “reprimidos pela dominação masculina”. Nós brincávamos juntos, mas não éramos amigos, nada sabíamos sobre o que, de fato, é ser amigo.

A noção de amizade em Freud, Winnicott e Lacan

Durante quase 30 anos, entre 1909 e 1938, Freud, que se definia como “um herege incurável”, manteve estreita amizade com Oskar Pfister, um amigo muito diferente, teólogo e pastor da Igreja Reformada Suíça, foi professor e psicanalista por influência do próprio Freud.

Um dos poucos amigos com quem não teve atrito e que se manteve fiel até o fim, inclusive ajudando a família Freud a fugir do nazismo, demonstrando uma profunda amizade. Questionado pelo amigo de Viena se seu ateísmo não lhe incomodava, ele responde prontamente: “Um adversário de grande capacidade intelectual é mais útil à religião que mil adeptos inúteis”.

A última carta do Pastor Suíço é de 12 de dezembro de 1939, após a morte de Freud, e endereçada à viúva deste, qualificando seu amigo de “magistral e ao mesmo tempo infinitamente bondoso titã”.

Freud entendeu que cada encontro é um reencontro, assim, a amizade derivava do sexual ampliado, nascendo como contraponto ao amor não correspondido das primeiras ligações vividas e exigindo do sujeito sua saída do meio familiar.

Os traços inconscientes, porém, ativos desses laços originais, criam os vínculos sociais, assim, nenhuma busca por amizade é desprovida de sentido, pois está associado à busca de um terceiro que garanta a possibilidade da partilha dos nossos medos e angústia, de nossa solidão, das frustrações amorosas e com quem inventamos uma nova realidade possível.

Divergindo de Freud, o psicanalista inglês Winnicott não via a amizade como derivação do sexual ampliado, mas, como produto da instalação e evolução dos fenômenos transicionais: “Ver-se-á que atribuo grande importância a esse relacionamento (afinidade egoica), porque considero que ele é o substrato de que a amizade é feita”.

Winnicott percebeu que a teoria psicanalítica partia de uma ideação de maternagem suficientemente boa, ou seja, ela pressupunha uma criança que já havia passado por fases críticas da constituição do ser, no entanto, desconsiderava que muita coisa acontece até que o estágio do Eu-Sou acontecesse definitivamente.

A criança descobre, após a fase da ilusão de ser onipotente, que é separada de sua mãe e que depende desta para a satisfação de suas necessidades e

que sua fantasia não corresponde à realidade, então, enfrenta a desilusão. A criança experimenta, dessa forma, uma angústia depressiva, e, para se sustentar nessa experiência, desenvolverá essas atividades denominadas por Winnicott de objetos e fenômenos transicionais.

Com essa vivência, a criança inicia a transicionalidade ingressando no espaço potencial, ligado à transição da dependência absoluta para a dependência relativa, na qual o transicional (adjetivo que indica a função do objeto que se aloja em um espaço intermediário entre a realidade interna e a externa) persistirá por toda a vida do sujeito, sendo ocupado pelo lúdico, aliviando as tensões cotidianas, pois, sem o brincar, não há como conseguirmos amigos.

Essa etapa da infância, para Winnicott, é decisiva, pois servirá como modelo das futuras relações objetais, já que, para ele, o sujeito brinca para se unificar “ao passo que não lhes é fácil consegui-los fora disso. A brincadeira assim, fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e, assim, propicia o desenvolvimento de contatos sociais”.

No ensaio “A capacidade para estar só”, Winnicott, vai dizer que não existe o bebê, e sim o bebê com sua mãe, que ajuda a formar a mente dele, permitindo a experiência da onipotência primária, base do fazer criativo: o bebê acredita que ele cria o mundo. É a partir dessas experiências iniciais do contato mãe-bebê que a criança desenvolve a capacidade de estar só.

Winnicott acreditava que alguém deveria estar presente no momento do gesto original, a mãe suficientemente boa, o modelo de cuidado e o objeto de desejo (erótico e agressivo) que cuida, protege e interdita, perto, mas distante o suficiente para que o bebê descubra o si mesmo, vivendo assim os impulsos como reais, porém, permitindo que o bebê descubra o si mesmo, vivendo os impulsos como reais.

Este modelo denunciado por Winnicott, centrado nas relações primárias, é denominado por Freud de relações objetais anaclíticas, que gerará futuramente no sujeito a capacidade para estabelecer relações complexas como amizade, porque o bebê conseguiu suportar a ausência materna, estabelecendo contato com seus impulsos pessoais em um estado de solidão essencial, e, assim, experimentar algo de real, ingressando na etapa em que poderá constituir os objetos transicionais.

Tendo alcançado a maturação egoica, o sujeito, enfim, consegue estabelecer laço social significativo e complexo como a amizade, de modo que fantasias, em torno da cena primária, e que são geradoras dos sentimentos de ciúmes e de exclusão, tenham sido processadas.

O psicanalista francês Jacques Lacan traz enfoque na universalidade da relação narcísica, centrada na relação *mãe-infans* e a entrada da linguagem e do terceiro, que permite um pacto, abrindo espaço para relações interpessoais e para o universo cultural. Para ele, “essa base rivalitária, e concorrente no fundamento do objeto é precisamente o que é superado na fala, na medida em que faz intervir o terceiro. A palavra é sempre pacto, acordo, há um entendimento, chega-se a um acordo – isto é para você, isto é isto, isto é aquilo”.

Lacan teorizou a amizade erigida com elementos da porção não sexual da natureza humana; para ele, uma relação de amizade harmônica e satisfatória podia propiciar ao ego o mesmo êxtase da experiência cultural, sem a mobilidade pela invasão da excitação física real que produz inquietação, uma espécie de orgasmo do ego e não do *id* nesses círculos vivenciais, ou como escreveu Winnicott, “uma experiência orgiástica”.

Winnicott, enfatizando a importância do ambiente e da relação de dependência, não apenas no desenvolvimento do indivíduo, mas também no processo de tratamento, creditava às relações afetivas as possibilidades curativas na recuperação até mesmo dos psicóticos, enquanto, opostamente, Lacan identificava que era a ausência de laço afetivo um traço distintivo das psicoses.

Sendo assim, a amizade, segundo Winnicott, seria capaz de corrigir a falha ambiental nas relações de cuidado materno, base do primeiro laço afetivo com o objeto e o mundo e a causa das psicoses, e, assim, suficientemente potente para gerar uma nova versão do trauma e possibilitar a recuperação espontânea da psicose. A amizade cura.

Onesíforo, o amigo que trouxe cura

Um dos principais apóstolos de Jesus, Pedro, é crucificado em Roma na data de 13 de outubro de 64 d.C., logo depois das perseguições de Nero aos cristãos. Paulo, nesse período, estava na Espanha¹, percorrendo as Igrejas do Oriente. Nomeou Tito Bispo de Creta. Em Éfeso, nomeou Timóteo, Bispo de Éfeso. Em Nicópolis, onde ficou durante o inverno,

sentiu vontade de voltar a Roma. Tito e Lucas estavam em sua companhia, sendo Tito enviado a Dalmácia.

Paulo volta a Roma acompanhado apenas por Lucas. Esforça-se no trabalho de unificar a Comunidade Cristã, dizimada pelas loucuras de Nero. Segundo a Tradição Católica, Paulo vai residir na margem esquerda do Rio Tibre, perto da ilha Tiberina, ali é preso, acusado de liderar a seita cristã, lançado em uma prisão que se situava em uma antiga cisterna com acesso à chamada Cloaca Maxima, a rede de esgotos da capital, de onde os prisioneiros saíam leprosos ou para o martírio.

É no interior dessa prisão inumana que Paulo escreveu sua última carta, a seu amigo querido Timóteo, e nela fez referência a Onesíforo, manifestando a ele toda a sua gratidão.

Em 2 Co 1.8, Paulo compartilha sobre um momento de grande sofrimento em sua vida: “Irmãos, não queremos que vocês desconheçam as tribulações que sofremos na província da Ásia, as quais foram muito além da nossa capacidade de suportar, a ponto de perdermos a esperança da própria vida.”

Paulo enfrentou algo que o fez acreditar que seu ministério havia acabado. A palavra grega que Paulo usa para expressar seu desespero foi *exaporeo*, cujo significado na língua grega seria “estar totalmente perdido”, desaperançado, em situação de desejo de morte.

Era assim que Paulo estava. Onesíforo era membro da igreja de Éfeso, com toda a sua família, todo o tempo em que Paulo esteve em Éfeso. Onesíforo lhe prestou serviços e devotou atenção. Paulo, no entanto, retorna para Roma, e logo cai prisioneiro do Império Romano, sendo isso notificado rapidamente pela cidade.

“Todos me abandonaram”, escreve o apóstolo Paulo para seu amigo Timóteo (2 Tm 4.16). O crime bárbaro do incêndio de Roma no ano 64 d.C., é imputado aos cristãos, muitos foram mortos e outros foram aprisionados, o apóstolo era um destes, em sua primeira defesa, ninguém se manifestou a seu favor, estava sozinho, todos os amigos o abandonaram.

Muitos cristãos da Ásia poderiam ter ido a Roma testemunhar a seu favor, mas não o fizeram, pois sentiram vergonha, a solidão e o isolamento de um líder, a falta de alguém que lhes ouça para além de seu título e posição impõe marcas e traumas difíceis de serem esquecidas, pois “num

mundo que se faz deserto, temos sede de encontrar um amigo”, escreveu Antoine de Saint-Exupéry.

Contudo, seu amigo Onesíforo não desistiu dele, mesmo sabendo que ele estava sendo acusado de malfeitor (2 Tm 2.9). Paulo se lembra disso: “porque muitas vezes ele me reanimou e não se envergonhou por eu estar preso” (2 Tm 1.16). Viajou de Éfeso a Roma, colocou-se em risco: “quando chegou a Roma procurou-me diligentemente até me encontrar” (2 Tm 1.17), para estar ao lado do amigo nos momentos mais difíceis da sua vida.

Paulo, sozinho, em Roma, sentindo a angústia da acusação e do abandono, talvez com o coração brotando dúvidas e tristezas em um tempo de incertezas, ouve, de repente, a voz decisiva do soldado romano que se faz ouvir nas paredes frias e solitárias daquela prisão: “Tem um moço que o quer ver, o nome dele é Onesíforo”.

Creio que não dá para narrar a alegria que sentiu o coração do velho apóstolo, em um misto de sentimentos, aquele que um dia escreveu que “perdia a esperança de sua própria vida”, agora pode encerrar seu ministério dizendo: “Combati o bom combate, terminei a corrida, mas guardei a fé”. Um amigo de verdade renova a esperança quase perdida, como um bálsamo curador que transforma o lugar existencial da pessoa.

A vida muitas vezes exige um preço para além do que se pode pagar, é quando ela se torna pesada e solitária, quando as pessoas demandam muito para si, e poucas delas querem ouvir o humano que grita em cada um de nós, como escreveu Robert Garfield: “Somos uma sociedade que não sabe mais quem os homens são ou devem ser”.

Para ele, as exigências morais que não admitem falhas ou erros trazem uma meta difícil de sustentar, pois é da natureza humana cometer erros, uma dominação masculina insustentável que se transforma em uma armadilha que aprisiona, ao exigir uma super masculinidade do homem, colocando-o em um lugar de isolamento, obrigando os homens a esconderem sensibilidades e afetos que os conectam, atrás de sentimentos competitivos e provocações verbais.

Na busca por se tornar o que o patriarcado exige, o homem deixa de existir, e em frente ao desespero que grita a verdade do inalcançável a única opção que se enxerga é a fuga da dor e, assim, nasce o desespero, surge dentro do sujeito uma agressividade que a comunidade insiste

em reprimir, que, no âmbito psíquico, leva à depressão e até ao suicídio. Conforme explica o livro “A doença como caminho”:

“A agressividade reprimida acaba sendo responsável não só pela sensação de culpa, mas também pelos inúmeros sintomas colaterais que a acompanham, com seus vários tipos de sofrimento. (...) Sendo assim, aqueles que ansiosamente reprimem seus impulsos agressivos reprimem ao mesmo tempo toda sua energia e atividade. (...) A agressividade dirigida contra a própria pessoa chega ao auge no caso do suicídio.” (DETEHLEFSEN, 2007)

Para Joseph Campbell, a amizade cria possibilidades de recomeços impossíveis, pois o amigo “abre portas lá onde eu nem sabia que havia portas”, e, como escreveu o querido mestre Rubem Alves: “Diante do amigo sabemos que não estamos sós. E alegria maior não pode existir. Acho mesmo que tudo o que fazemos na vida pode se resumir nisto: a busca de um amigo, uma luta contra a solidão”.

Sendo assim, podemos concluir, por meio deste diálogo, que uma amizade saudável não só deve ser desejada como é ela uma forma particular de amor, composta de sensações afetivas que remetem ao objeto primário da vida do bebê – sua mãe, e, sendo assim, um processo de lembranças do inconsciente que tem o poder de se tornar terapêutico, ou mesmo um Evitamento da Depressão.

Freud concluiu que não havia possibilidade de cura para o mal estar, pois sempre haverá a dor de existir, o inconsciente será sempre punitivo e os desejos insatisfeitos e o sentimento de desamparo nos colocam numa posição neurótica, no entanto, em carta a seu amigo Karl G. Jung, escreveu que “a Psicanálise é, em essência, uma cura pelo amor”, sendo a amizade o amor em sua extensão máxima.

¹ A epístola de Clemente (em vss. 5-7, 95 d.C.), o cânon muratoriano (170 d.C.) e o livro apócrifo Atos de Pedro (1:3 – 200 d.C.) falam de uma visita de Paulo à Espanha.

Referências

ALVES, R. **O retorno e terno**. 26.ed. Campinas: Papyrus, 1992.

Bíblia Almeida Revista e Atualizada: RA. 2. ed. Tradução: João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BILAC, E. D. Família: algumas inquietações. *In*: CARVALHO, M. C. B. **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez e EDUC, 2003.

BIRMAN, J. (Org.) **Amar a si mesmo e amar o outro**: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea. 1.ed. São Paulo: Zagodoni, 2016.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC, 1995.

DETEHLEFSEN, T. **A doença como caminho**: uma visão nova da cura como ponto de mutação em que um mal se deixa transformar em bem. São Paulo: Cultrix, 2007.

FREUD, S. **Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939)**: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. Viçosa: Ultimato, 2003.

ORTEGA, F. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

WINNICOTT, D. W. (1958^a-1988). A capacidade de estar só. *In*: _____ **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução de Irineo C. S. Ortiz. 2.ed. Porto Alegre: Artmed.



(21) 2146-2592



@editoraconquista



@conquistaeditora



Editora Conquista



www.editoraconquista.com.br

